

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ – UNESPAR

**CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES**

**ANDARILHAGEM: ATO PERFORMATIVO DE DESLOCAMENTO INVENTIVO
DE UMA ÉTICA/ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA**

CURITIBA - 2025

AUDREN LINS BREUCKMANN

**ANDARILHAGEM: ATO PERFORMATIVO DE DESLOCAMENTO INVENTIVO
DE UMA ÉTICA/ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA**

Dissertação apresentada à banca de Qualificação
do curso de Pós-graduação Mestrado Profissional
em Artes, Linha de Pesquisa Modos de
Conhecimento e Processos Criativos em Artes, da
Universidade Estadual do Paraná, como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em Artes

Orientadora Dra. Rosemeri Rocha

CURITIBA - 2025

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Lins Breuckmann, Audren
ANDARILHAGEM: ATO PERFORMATIVO DE DESLOCAMENTO
INVENTIVO DE UMA ÉTICA/ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA /
Audren Lins Breuckmann. -- Curitiba-PR,2025.
107 f.

Orientador: Rosemeri Rocha da Silva.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado em Artes) -- Universidade Estadual do
Paraná, 2025.

1. andarilho. 2. espaço. 3. trânsito. 4. corpo. 5.
nômade. I - Rocha da Silva, Rosemeri (orient). II -
Título.

AGRADECIMENTOS

Antes, à mãe, Marlene, porque ela salvaguarda com crença e perseverança minha vida desde sempre. E neste período de pesquisa, não tem sido diferente. Tudo foi mais leve e mais possível porque ela está junto.

À mãe que sou, e à maternidade por ter me apresentado uma nova forma minha, e continua sendo assim novamente a cada dia. Relacionar-me com o mundo sendo mãe me faz encarar as situações e dilemas da vida não mais somente com meus olhos, mas com a voz e o ímpeto de mais algumas vidas que impliquei nesse mundão.

À minha família, filhos Edgar, Benjamin e Olga, e parceiro Eumar André, que seguem sendo lastro para que tudo que anseio seja possível. Como não ando só é importante que ande com quem segue na mesma direção, e por isso sou grata pela companhia e colaboração constante, a cada passo.

Aos colegas de curso que foram essenciais para que eu pudesse validar a necessidade e importância dessa pesquisa.

À minha orientadora, Dra. Rosemeri Rocha, por confiar no tema, na pesquisa e em mim, e acolher minhas demandas com compreensão, mas sem perder a lucidez e a objetividade que essa posição requer, com afeto e firmeza necessários.

Ao programa de Pós-Graduação em Artes da UNESPAR, por promover os encontros, discussões e ferramentas, para que essa pesquisa pudesse se erguer em argumento.

À minha própria crença numa existência mais plena e livre. Sou grata por seguir caminhando...

Resumo: A temática apresentada neste trabalho se refere ao corpo da pessoa “andarilha”, entendida aqui como quem não tem uma casa, exerce por opção o nomadismo e a caminhada, representando em seu corpo um modo transitório, uma impermanência no espaço e, por sua vez, na conformação social que isso implica. Esse artigo tem como objetivo apresentar o percurso da demarcação das etapas da pesquisa e suas implicações, corroborando uma síntese criativa artística a partir da experimentação da caminhada e seus desdobramentos e da análise de entrevistas com pessoas andarilhas. Para a execução deste estudo será utilizada a princípio a pesquisa bibliográfica referente aos temas abordados, e o levantamento de dados históricos e norteadores sobre o tema, a abordagem utilizada em campo será o método etnográfico junto às pessoas andarilhas em questão, por meio de observação participante.

Palavras-chave: andarilho; espaço; trânsito; Corpo; nômade.

Abstract: The theme presented in this work refers to the body of the “wanderer” person, understood here as someone who does not have a home, who by choice exercises nomadism and walking, representing in their body a transitory mode, an impermanence in space and, therefore, in turn, in the social conformation that this implies. This article aims to present the path of demarcation of the research stages and their implications, corroborating a creative artistic synthesis based on the experience of walking and its consequences and the analysis of interviews with wanderers. To carry out this study, bibliographical research will be used in principle regarding the topics covered, and the collection of historical and guiding data on the topic. The approach used in the field will be the ethnographic method with the wanderers in question, through participant observation.

Keywords: *wanderer; space; Traffic; Body; nomadic.*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Caminhadas	23
Figura 2: Andante inadequadA: horizonte da cidade	38
Figura 3: Andante inadequadA: teste do medo – nudez.....	40
Figura 4: Andante inadequadA, primeira síntese	46
Figura 5: Conto de Fadas	47
Figura 6: Divulgação da mostra pública apresentada em jul/2025.....	54
Figura 7: Transmissão ao vivo da caminhada.....	55
Figura 8: Cena da bacia	56
Figura 9: Movimento 1, articular.....	59
Figura 10: Movimento 2, direção.....	60
Figura 11: Movimento 3, espirais e giros.....	62
Figura 12: Movimento 4, equilíbrio.....	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. INVENÇÃO DE CONTEXTOS PARA DISSOLUÇÃO DE FRONTEIRAS: CORPOS EM FUGA	13
1.1. (Des)pertencer como rota para cartografar identidades	13
1.2. No meio do caminho: reconhecimento da materialidade das fronteiras.....	16
1.3. Corpo em fuga: a desocupação como estratégia de resistência	20
2. EM BUSCA DE RESPOSTAS: EXPERIMENTOS DE ANDANÇA	22
2.1. Percorrendo caminhos com poros abertos: percepção	22
2.2. Destinos, desvios e devaneios: a elaboração de critérios de análise	31
2.3. Andar como ação de um corpo que propõe mesmo em negação	37
3. PROCESSO DE CRIAÇÃO: DESENHANDO CONTORNOS PARA UMA AÇÃO PERFORMÁTICA ARTÍSTICA	41
3.1. Nuances da performance	41
3.2. Da margem pra urbe: comunicação em meio ao caos	48
3.3. Contradições e idiossincrasias: a cena e suas reverberações.....	53
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
5. REFERÊNCIAS	67
ANEXOS	69

INTRODUÇÃO

Antes de tudo é preciso ligar o radar. É desta maneira que inicio este trabalho: demarcando a necessidade de localizar corpos nômades, que são o ponto de partida do que virá a ser uma performance artística. O que apresentarei aqui é um percurso escolhido para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado, analisando o recorte específico sobre as etapas do estudo e como “andar” por elas faz parte da construção – ou demarcação, como citado acima – de sentido tanto teórico/filosófico quanto poético. Sendo assim, busco encontrar no contexto da cidade, aqueles corpos que modificam a dinâmica de ocupação e pertencimento, transgredindo-a a partir das suas práticas cotidianas.

Assim, parto de um olhar para a cidade, mas, especificamente, para os corpos que a ocupam, as formas que têm, se transitam, como nômades ou passantes, ou se habitam sedentários as marquises dos prédios, criando o cenário dos grandes centros urbanos. Pensar um mundo contemporâneo é como pensar a própria dinâmica de urbanização, do êxodo rural e expansão das metrópoles.

Este movimento nos coloca dentro de uma identidade paradoxal, onde se têm uma diversidade de pessoas nunca antes experimentada, ao mesmo tempo que a cidade torna as pessoas tão genéricas que muitas vezes é impossível distinguir umas das outras. Aquilo que gera o medo não é algo animalesco ou monstruoso, desconhecido, oriundo de outro mundo, outro tempo ou espaço, mas um cidadão comum, mais um cidadão envolto na penumbra das noites claras das metrópoles: é mais um no qual todos podem se reconhecer, ainda que seja tão genérico que se camufle entre a multidão. É sobre esse corpo, que gera medo, que é invisível apesar de necessário, que é humano, mas desumanizado, que não é acolhido ou assimilado, que é excluído, ainda que ocupe o centro da urbe e todas as suas frestas, esse corpo que o estudo em questão se debruça.

A existência desse sujeito na cidade é perene, ainda que invisibilizado, ele está presente, esse ser assujeitado, que se conforma a partir da exclusão e se engendra na estrutura da sociedade como um “marginal”, um “mendigo”, um “vagabundo”, um “desordeiro”, ou seja lá qual alcunha lhe seja atribuída. Para Butler, o fato de não existir

direito no campo político equivale aqui ao fato de não existir direito de ser visto, de aparecer nos espaços públicos.

Dessa forma, corpos passíveis de violência, aqueles coletivos que não alcançam seus direitos políticos e de ocupação do espaço público, constituem um conceito de povo que não aparece, que não é representado, que não participa. E isso nos faz pensar sobre a constituição desse indivíduo ou sobre a própria condição humana. Indica ela,

dizer que humanos são também animais não é abraçar a bestialização como uma condição aviltante ou degradada, mas repensar as inter-relações orgânicas e inorgânicas nas quais qualquer um reconhecidamente humano surge; em outras palavras, o animal humano nos permite repensar as próprias condições de ter uma vida vivível. (BUTLER, 2018, p. 91)

Uma questão importante a ser pensada aqui é a partir de que perspectiva se define a ideia de indivíduo vulnerável. Uma vez que o que me interessa para o processo de criação é a mobilidade, ou a transitoriedade e a não fixidez, a rigidez, a estagnação, etc., do corpo entendida como ação emancipatória e, porque não, subversiva à uma lógica de operar do sistema de consumo no qual estamos inseridos, estabeleci alguns critérios para delinear este corpo vulnerável. Isso, certamente, feito a partir da observação e da imersão em campo, por meio de entrevistas informais não estruturadas, que foram dimensionando as perguntas que me levaram aos corpos que elucidam minha hipótese.

Ou seja, os corpos marginais aos quais eu vou de encontro são de indivíduos que operam numa situação de não vulnerabilidade, no sentido de que, no entendimento da forma normativa de cidadania é salutar que se busque moradia, emprego, registro geral e potencial aquisitivo, como garantias de uma vida digna em sociedade, onde se pode experimentar estabilidade e controle.

Nesse sentido, quem está à margem dessas disposições se encontra vulnerável, ou dependente do assistencialismo do Estado. Pessoas que, por algum motivo, perderam a capacidade de manter esses critérios básicos de existência como cidadão, como pertencentes à cidade. Porém, redimensionar o olhar e encontrar os corpos que são dissidentes desse padrão, não como consequência de um engendramento econômico-social, mas como potencialidade de afirmação de um outro modelo possível. É o exercício que me leva até as histórias de vida que uso como motivadores, como ponto de partida para a experimentação prática do exercício de movimento, ou seja, da

vivência do gesto da caminhada para além do modo prático, mas abarcando a propositiva de uma experiência libertária de desocupação dos espaços como aniquiladores do horizonte de desejo, e viabilizando a caminhada como ação performativa de um existir fluído, nômade e desestabilizador de fronteiras e territórios.

Talvez, antes de seguirmos com caminhada por este trabalho, seja importante reforçar aqui seu caráter poético, político e um tanto biográfico. Durante esse percurso textual há muitos desvios, pisadas fora das calçadas, saltos pelos gramados, rotas alteradas pela necessidade de comunicar algo talvez um tanto fora do sentido proposto por meios-fios e semáforos. As epígrafes dos capítulos e subcapítulos são breves devaneios de minha própria autoria, que abrem em mim, e convidam o leitor a adentrar também, naquele estado corpo-poesia que sugere a discussão que segue. Também apresento em alguns momentos relatos pessoais de experimentos de caminhada e de síntese de movimento em práticas corporais antes e depois das andanças, relatos esses que provém de registros em diários escritos e falados, narrativas criadas por mim mesma sobre o processo de lapidação das vivências às quais me propus estar. Ainda que possa ser um tanto centralizador de narrativa, é inevitavelmente daonde parte o sumo da produção cênica que sintetiza esse trabalho: a elaboração de um percurso da artista, que sou eu nesse caso, do ímpeto até a cena.

Aqui cabe afirmar afetivamente o lugar que faz emergir a vontade dessa pesquisa: desde pequena, ao anunciar qual seria minha profissão, escolhi “andarilha”; queria fugir com uma mochila, como acredito, em algum momento, todo jovem já quis, curiosamente, seguir explorando, seguindo apenas seus ímpetos mais primordiais. Pra além dessa vontade juvenil, caminhar tornou-se uma experiência de nutrição artística quando ainda na adolescência, me mudei de uma cidade menor para o centro de Curitiba, e em meio a esse vislumbre com a urbe, passei a dedicar longos períodos da tenra adolescência à deriva. Já nos tempos de faculdade, seja no curso de História, seja no curso de Dança, esses temas centrais delimitaram minhas pesquisas: corpo, cidade, trajetória, biografia, arquitetura; e um fio condutor temático alinhava desde então a investigação dessa relação do corpo com o espaço.

De modo geral, o que este trabalho tem como objetivo central é apresentar cenicamente, numa performance em dança, síntese corporal de uma investigação que busca responder a pergunta: pode a caminhada se constituir como ferramenta de enunciação de uma existência, um fazer cotidiano nos trânsitos e deslocamentos que seja consciente, e, assim, libertário? Um corpo que se desloca atento e presente, que identifica o movimento da caminhada como atravessamento dos sentidos pelo ambiente, como contágio de um pelo outro e vice-versa, pode ser menos aderido pelas métricas de automatização da vida e dessensibilização do indivíduo? Talvez, um primeiro passo – metafórico – seja a concepção da ideia de sedentarismo como um instrumento de alienação, no sentido de que corpos estáticos são mais propensos às atividades produtivas de manufaturas. E podemos buscar uma justificativa para essa demanda nos idos da Revolução Industrial no Ocidente e consolidação de uma estrutura de modo de trabalho em série que aloca o corpo como máquina de produção, num momento em que funcionários viviam com suas famílias em alojamentos das fábricas, evitando ao máximo o trânsito, a mobilidade com qualquer propósito outro que não fosse o produtivo, à especificidade daquela linha de montagem.

Ou seja, um corpo nômade é um corpo ocioso, pois improdutivo. Não se fabrica um sapato ou costura uma calça, ou monta as peças de um carro, caminhando pelos campos ou vales; isso se faz parado. Um corpo nômade, em deslocamento, assume um estado perene de atenção, não pode aderir a nenhum tipo de anomia. E um corpo atento, em estado de presença, é ativo, potente, e perigoso para um projeto econômico que necessita de mão de obra em larga escala. Seguimos aderidos à esta máxima até os dias contemporâneos, onde o proletariado se configura como a maior parte da população, considerando nosso país como referência, classe social essa que dedica uma grande parte do tempo de vida com trânsitos pela cidade de ida e volta do trabalho, com cronômetros e destinos demarcados pela rotina da sobrevivência.

Aqui, a tentativa é explorar nomadismos possíveis, desde as vidas que optam pela andarilhagem, desenhando quase um arquétipo daquele ser poético desprovido de apegos e que se mostra como andante errante, sobrevivendo daquilo que o próprio caminho oferece; passando pela experiência dos viajantes, que assumem a vida na

estrada, com diferentes tempos e destinos, como um propósito de desconfiguração dos territórios de si e de onde habitam; esbarrando nos corpos que se encontram em situação de vulnerabilidade, num limbo, um não lugar, com casa que não é casa, sedentário porém sem endereço, e, na maior parte das vezes, sem liberdade de escolha; até chegar naqueles corpos mais engendrados nos sistemas de produção, onde as formas de deslocamento pela cidade são veículos que tendem à automatização da vida, tendo como opção as bicicletas, patinetes, skates, ou, a caminhada, como jeito de operar outro, que não implique necessariamente aos corpos a anulação da ação/decisão sobre o movimento no espaço.

Para tal, esse trabalho está dividido em três capítulos, que pretendem descrever a trajetória investigativa encadeando a partir da perspectiva da elaboração do argumento desde sua premissa mais teórica até sua síntese cênica. Assim, no primeiro capítulo, busco fazer um mapa teórico da cidade e da relação do corpo com o território, discutindo noção de ocupação e pertencimento como possibilidades de ponto de partida para a elocubração das hipóteses de nomadismos possíveis. É o momento em que crio hipóteses primeiras para pensar corpos nômades, reconhecendo-os e caracterizando-os, por meio das entrevistas e da dimensão analítica da presença no centro da cidade e às suas margens.

No segundo capítulo, pretendo discorrer sobre as minhas vivências de caminhada, e como elas podem se desdobrar em experiências de estudo e investigação no corpo que dança, que cria movimento a partir da elaboração de critérios de análise e para a formulação de uma narrativa performativa daquilo que se engendra na prática. Também problematizar as situações experimentadas em caminhadas, as camadas envolvidas em cada percepção, assim como identificar as reverberações dos encontros e suas nuances no movimento, e nos modos de resolução que o corpo ativa para essas demandas, elaborando sínteses em ação. Aqui também um convite a pensar a caminhada como gesto sendo desdobrada em formas outras de movências, numa mutação de forma, porém com a permanência de sentido, na elaboração de um discurso performativo de outra complexidade.

O terceiro capítulo se pretende quase como uma espécie de memorial descritivo da elaboração da cena que corrobora o argumento defendendo ate então. Apresenta o *modus operandi* da formulação dos aspectos envolvidos na performance em dança apresentada ao público em julho de 2025. Como um arremate de uma linha trançada no percurso da caminhada desde a assimilação do arquétipo do andarilho e dos relatos viajantes até a provocação cênica do desapego à matéria constitutiva do cidadão na sua completude e a apropriação dos estados corporais investigados numa cena que é, finalmente, composta pelo ato de caminhar e o de dançar.

1. INVENÇÃO DE CONTEXTOS PARA DISSOLUÇÃO DE FRONTEIRAS: CORPOS EM FUGA

1.1. (Des)pertencer como rota para cartografar identidades

*Animal mamífera
 Parida de um ventre
 Chegada em solo fértil
 Para pulsar e respirar
 Caminhar pela vida
 Nada me pertence
 E não pertenço a nada
 Sigo sendo*

Esse trabalho tem como ponto de partida o prefixo “des”. Desfazer, desvestir, desordenar, desorientar. Do dicionário: “1. Indica negação, separação ou cessação”¹. Diferentemente do prefixo “a” que denota antítese, “des” é negação. Negar, desvincular, não compactuar, abandonar, não se identificar, abrir mão, tirar de si, se colocar pra fora de, não fazer parte, não pertencer. O convite é pensar os modos possíveis de operar que um corpo encontra na busca por sentidos de existência – que podemos chamar de propósito, ou algo assim – a partir de movimentos de reconhecimento de si, ou seja, do seu engendramento identitário, que se dá na experiência da existência do outro, na percepção da alteridade.

E ainda que pareça uma questão absolutamente particular, pseudo filosófica ou metafísica, é a ação e reação dos corpos coletivamente que constitui esta ou aquela tendência política que estrutura a sociedade, os movimentos de permanência ou de transformação social, aquilo que é chamado de avanço tecnológico, organização política, desenvolvimento econômico, conceitos que norteiam o entendimento de sociedade. Ou seja, esse deslocamento de que somos do “eu” para a presença do “outro” percorre, é movimento da consciência, citando Greiner (2019, p.55), “pode-se considerar que a experiência da alteridade, que lida com tudo aquilo que não é o *mesmo*, e sim, um *estado outro*, acionado por algo, alguém, alguma circunstância ou ideia diferente, constitui-se como um dos nossos principais operadores de movimento”, gera ação, desacomodação, possibilidade de transformação.

¹ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/des>, acesso em: 16.jan.2024

É nesse sentido que abro o texto com uma provocação pessoal, mas que se refere tanto ao âmbito individual quanto coletivo: como o corpo reage à insatisfação? E a pergunta aqui pressupõe um recorte: estamos falando de corpos dissidentes, que de alguma maneira vivenciam a insatisfação, a inquietude, a sensação de não pertencimento ou não enquadramento, oriunda da não identificação de si com os padrões em voga no contexto onde se alocam. Padrões estes estabelecidos por ideias dominantes - no caso do nosso país, ainda que vivamos atualmente sob a égide política de um governo de esquerda (ou centro-esquerda), seguimos cooptados pela lógica neoliberal de produção da vida – e que prospectam a manutenção de um Estado normativo, de direito, que estabelece princípios não somente éticos, mas também morais e moralizantes, de condução da vida pautada na lógica de consumo, implicando uma hierarquização precária e perversa, arbitrária na direção de oressores sobre oprimidos.

Então, quando insatisfeito com a conformação de um sistema que busca a assimilação de padrões homogeneizantes, que extermina as diferenças e suprime os afetos, como reage o corpo que se reconhece como desviante? Na direção de afirmar a própria existência e a possibilidade de ser diverso e peculiar, há uma tendência a um duplo movimento: associar-se a grupos de similaridades e vincular-se a um propósito comum, que em geral, confluí em um ideal de luta e reivindicação como necessidade de resistência às ações oressoras e na intenção da manutenção de uma existência satisfatória. Nesse equilíbrio é preciso identificar a linha tênue que permeia a manutenção de coletivos associativos entre a coesão das premissas que definem esse agrupamento e das necessidades individuais daqueles que o compõem:

Todos os grupos têm um componente emocional – emoções, de fato, mantêm os grupos unidos. A participação em grupos apresenta ao indivíduo tamanho grau de dificuldades e oportunidades que, sem um comprometimento emocional, muitos grupos seriam desfeitos à aparição do primeiro problema real. Um grupo que corre atrás de um propósito comum precisa ser efetivo (senão, por que se unir?), mas também precisa ser satisfatório para seus integrantes (senão, por que eles ficariam?). Assim, os grupos precisam equilibrar a efetividade enquanto grupo com a satisfação enquanto indivíduos (SHIRKY, 2012, p.133)

Nesse sentido, é crucial que a pauta indenitária circunscreva aquilo que proporciona reconhecimento de cada indivíduo na sua peculiaridade, ou seja, ainda que

se engendre um coletivo pautado na esfera das categorias que demarcam as identidades, é nas afeições e emoções decorrentes das relações entre os indivíduos e a causa ou seus pares, que será capaz de sustentar a existência de tal agrupamento.

Ainda assim, na esfera dos estudos sociológicos acerca das comunidades aliadas por meio de similaridades, é perceptível que os coletivos constituídos na contemporaneidade seguem mais para a impermanência, ou seja, tem como característica um tempo menor de duração, e isso, em geral, já está posto como premissa na formação de determinados grupos: que seja findável, que não tenha como intuito a longa duração.

Esse formato é reflexo de um entendimento cada vez mais fluido e menos rígido da noção de identidade, como algo que se pode manejar com a assimilação de novas referências, com a efemeridade das relações e a possibilidade de diferentes intensidades de vínculos afetivos com as pessoas e com as ideias, diferentemente de um tipo de cristalização das convicções e ideais como proposto em tempos como da Revolução Francesa². O que se tem é uma construção da ideia de identidade como algo em movimento, definido e redefinido dentro das relações, o que faz com que as associações em coletivos também tenham adesão a essa característica, permeável e transitória.

E é por isso que me aproprio do termo (des)pertencer: pois a noção de identidade aqui está muito mais relacionada às relações estabelecidas pelos indivíduos nos seus percursos de investigação, às rotas que desenha e das quais faz parte coletivamente, do que a uma ideia de reconhecimento com aquilo que pertence a si ou ao qual pertence. Identificar-se, se veicula mais com uma ética do “Ser” do que do “Ter”, e nessa chave que apontamos para o aspecto rebelde e subversivo dessa perspectiva, uma vez que a conformação social à qual estamos atrelados sugere a posse e o consumo como lógicas de apropriação da vida e sua relação com o ambiente.

² A Revolução Francesa tem como princípios fundamentadores os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, e instaura um tipo de código de direito pautado nessas ideias. Para Hobsbawm, é no advento de uma crise socioeconômica que a aristocracia engendra a Revolução como modo de recuperar privilégios, desconsiderando a potência do Terceiro Estado. No entanto são as ideias da burguesia que deram forma à unidade do movimento revolucionário, e segundo ele o sucesso da Revolução se dá devido aos trabalhadores pobres de Paris e os campesinos, ou seja, “povo” e “nação”, como se identificam.

Quando nos propomos despertar e percorrer um mapa único, autoral, com vistas à satisfação individual dos desejos – e aqui, sem a ingenuidade de buscar um entendimento dos desejos sob uma ótica essencialista, mas compreendendo como a natureza humana é “apreendida” referencialmente – encontramos um sujeito não “assujeitado”, mas capaz de elaborar as suas próprias narrativas e com autonomia para entre cruzá-las em livres associações.

Certamente essa identidade livre e autoral parece um tanto utópica; a busca por reconhecimento e pertencimento segue sendo ferramenta de luta e conquista por direitos, especialmente quando falamos de grupos “minoritários”, ou seja, há que se engendrar em meio a categorizações e engrossar o coro de grupos e identidades historicamente avassaladas por agentes de poder e opressão. No entanto, nesse manejo entre o individual e do coletivo, encontrar espaços de “respiro” para desenhar um corpo singular é um ato revolucionário.

1.2. No meio do caminho: reconhecimento da materialidade das fronteiras

*Pele toca dentro e fora
Conecta ser e sentir
Deixa-se atravessar
Pela água e pelo vento
Cada poro é fresta
É corpo em festa
Porta aberta
É passagem*

A história ocidental é marcada por guerras. Durante muito tempo historiadores usaram os conflitos como marcos temporais, eventos que representam rupturas abruptas e visíveis, especificamente numa perspectiva geopolítica. É muito recente o deslocamento do olhar do estudo da História para o que tange o pensamento, a micro história, ou história das sensibilidades, para abranger minúcias e singelezas do cotidiano da vida em sociedade. Buscar compreender os movimentos humanos que precedem e sucedem uma grande revolução ou uma grande guerra mostra uma atenção maior aos modos de relacionar e às formas de comunicação humana, do que uma percepção rasa das consequências de grandes eventos disruptivos por si só.

Mas a presença das guerras e dos conflitos no decorrer da história ocidental nos mostra a dimensão marcante do valor da delimitação de fronteiras. Riquezas naturais e humanas pautaram a demarcação de território e a tensão implicada às disputas de poder sobre elas. Muros físicos e ideológicos foram erguidos para separar pessoas e terras, engendrar sentido de pertencimento e permanência, implicar sedentarismo e cultivo de raízes, assim como códigos de honra a tantos outros inscritos nas culturas locais, com a finalidade de estabelecer um sentido comum àqueles que partilham o território, estendendo ainda à manutenção no tempo, por meio de tradições transcritas geracionalmente.

A dimensão desses muros físicos parece mais visível, por conta da materialidade: muralhas sobre montanhas, cercas à margem dos rios, muros cortando desertos, soldados armados, porteiras, alfândegas, imposições de toda ordem. No entanto, para além destas fronteiras geográficas constituídas historicamente sob a luz de um sem fim de motivos e álibis de manutenção do poder – e dos conflitos implicados para tal –, há um tipo de ordem ainda mais sagaz que tange o âmbito da cultura. Constituem-se modos comuns de pensar e agir que caracterizam os coletivos, as comunidades, e que são passíveis de existir pelo tempo, ainda que barreiras físicas sejam eventualmente dissolvidas. Mesmo com o advento da globalização, com a popularização da internet e o acesso à informação, o que supostamente viabilizaria uma interlocução massiva de conhecimento e culturas, seguem rígidas as fronteiras ideológicas e políticas mundo afora.

E é nesse ponto que emerge a busca pelo entendimento do senso de comum, de comunidade, do elo que vincula os indivíduos entre si, que os implica reconhecimento a essa ou àquela cultura, sejam as semelhanças ou idiossincrasias. Para além das fronteiras geográficas, e as imposições ideológicas e morais propostas pela permanência no tempo, ou seja, pela tradição, quais são as demandas afetivas que produzem o sentimento de pertencimento, de reconhecimento, de alteridade e empatia, que denotam o valor simbólico da relação humana em comuna, em sociedade, na produção de coletividade?

Esses afetos que promovem a vinculação dos indivíduos em coletivos são construções subjetivas, derivadas dos aspectos da cultura que está sempre em

transformação, mas que apresenta caracteres reconhecíveis, ou seja, que denotem unidade, sentimento de congregação e partilha.

A palavra comunidade pode ser usada para descrever desde aldeias, clubes e subúrbios até grupos étnicos e nações. Não obstante esse largo espectro conceitual, a definição de comunidade tem passado sobretudo pela afirmação de sua dimensão subjetiva: a comunidade se estrutura a partir de um *sentimento de comunidade*, de um *senso de pertença a determinada coletividade*. A dimensão subjetiva se coloca, assim, como mais significativa do que outras dimensões, como a da espacialidade, também bastante associada a idéia de comunidade. A comunidade pode ser tida como uma “entidade simbólica”, como propõe Anthony Cohen, comportando um sistema de valores e um código de moral, através dos quais se definem as modalidades de pertença. (SPINELLI JR., 2006, p.1)

Esse sistema de valores não está circunscrito na dimensão do território geográfico, físico. Ele pode, e talvez deva esgarçar as fronteiras impostas por muros materiais. A acessibilidade tecnológica é um fator primordial para que os códigos de valores possam ser compartilhados por culturas de tempos e espaços diversos, de modo a constituir coletivos interseccionais, cada vez menos herméticos e homogêneos – mesmo porque a experiência histórica de se voltar para o passado demonstra a potência destrutiva de pensamentos totalizantes e homogeneizantes, que levaram à aniquilação da diferença, em processos de extermínio e genocídio. A diversidade de indivíduos não pode ser entendida como fator dissociativo, uma vez que é possível estabelecer vínculo por similaridade em inúmeras esferas dos afetos, assim como por empatia. E fundar um sentimento de empatia por aquilo que é distante ou estranho é um exercício de humanidade. Mas é preciso atentar para um uso coerente da conectividade virtual entre pessoas e a aceleração da difusão de informações e discursos.

Uma vez que o valor agregado à informação é o potencial de consumo, a intenção dos acumuladores de capital é pressupor a possibilidade de ser consumido, ou seja, na contramão de um exercício de veiculação global de culturas, de intercâmbios culturais, de difusão de diferentes grupos, ideias modos de operar, a lógica das redes segue sendo a reprodução de um algoritmo do desejo, onde evidencia o que é comum e reconhecível, agregando grupos de interesses afins, reiterando discursos pasteurizados e hiperbolizando opiniões massificadas. Há uma necessidade constante de criar e recriar ferramentas de

subversão dessa lógica de consumo da informação, para a conformação de coletivos que assimilem as singularidades:

Gilles Deleuze também fez parte desta discussão, uma vez que foi o primeiro a instaurar uma rica conexão entre Simondon e Baruch Spinoza, formulando a partir daí a noção de *singularidade*, que inspirou autores como Antonio Negri e Michael Hardt a conceber a diferença entre povo e multidão. De acordo com Negri e Hardt, a multidão seria um coletivo de singularidades e não uma massa homogênea, marcada por uma identidade pré-concebida a partir de parâmetros como nacionalidade, território e sangue. (GREINER, 2019 p.58)

Os esforços constantes de produzir colaborações entre indivíduos na forma de coletivos, especialmente os autogestionáveis, e/ou sem fins lucrativos parecem andar na contramão do fluxo de informação que está atrelado à necessidade de consumo e manutenção do *status quo* das entidades mantenedoras de poder. Então, por que seguir na direção oposta, na contramaré? Se as demandas de mercado e, mais especificamente, de trabalho para a sobrevivência supõem anseios de individualidade e ascensão social em famílias nucleares ínfimas, isoladas e herméticas? A necessidade de sustentar coletivamente as motivações individuais as quais não são atendidas por ações massificadas, pode ser uma resposta possível:

Básicamente, la intencionalidad compartida comprende la capacidad de generar con otros intenciones y compromisos conjuntos para las empresas cooperativas. Esos compromisos e intenciones acordados en común se estructuran por medio de procesos de atención conjunta y conocimiento mutuo, que descansan todos sobre las motivaciones cooperativas de ayudar a otros y compartir cosas con ellos. (TOMASELLO, 2010, p.10)

Parece que a dissolução das barreiras impostas pelas fronteiras encontra-se num meio de caminho entre os esforços de reconhecimento de comuns, sentimento de comunidade, motivações e propósitos semelhantes, empatia amparada na noção de alteridade e um movimento de resistência às forças de opressão das singularidades e diversidade. Enfrentar as barreiras físicas não é menos importante do que derrubar as mais subjetivas: trazer abaixo muros que separam corpos, seja na forma de arames farpados, armas ou vistos, seja na forma de discursos de ódio e *fake news*, são caminhos na direção da pulverização de um sentimento de unidade, de comunhão.

1.3. Corpo em fuga: a desocupação como estratégia de resistência

*Raízes profundas
 Bebem da terra
 E nutrem as copas
 Altas, imensas, imponentes
 Que vociferam no ar
 Segredos de liberdade:
 Alegria sem temor!*

“Elevar o nível da imaginação sobre o que é possível fazer é sempre um ato de fé” (SHIRKY, 2012, p.131), e com essa crença abro a discussão sobre a noção de resistência. Dentro do que foi abordado até aqui como possibilidade de comunidade de sentido, seja numa esfera mais física e geográfica, seja no campo das ideias ou dos afetos, já é possível distinguir um movimento de comunidades engendradas em função da similaridade e da manutenção de si mesma, por meio da homogeneização e da repetição de códigos de valores que perduram pelo tempo resistindo às atualizações (ou o fazendo em prol da permanência de um padrão eficiente de existência), de outro sentido de comunidade, que se compreende na impermanência e na possibilidade de mudança, onde as diferenças e as intersecções desenham os contornos do código de ética de cada nova conformação relacional.

Assim, esse primeiro modelo denota um sentido colonialista, de ocupação territorial com vias de dominação e subjugo do outro,

É Frantz Fanon quem, em termos assaz vívidos, descreve a espacialização da ocupação colonial. Para o filósofo, a ocupação colonial produz, antes de mais, uma divisão do espaço em compartimentos. Isto envolve a delimitação de linhas e de fronteiras internas sumarizadas por barracas e esquadras; é regulada pela linguagem de pura força, presença contínua e ação frequente e direta; e baseia-se no princípio de exclusividade recíproca. Mas o mais relevante é sem dúvida o modo de funcionamento do necropoder: a cidade do colonizado, a cidade indígena, a cidade negra, o bairro árabe, é um lugar de má fama. (MBEMBE, 2017, p.131)

Quando se relega o “outro” a uma condição de opressão, de inviabilização da liberdade de exercer a potência de sua existência, cresce o ímpeto de resistência, de fazer emergir um grito voraz de ruptura com aqueles limites estabelecidos pelo mantenedor do poder. E aqui se constitui um motivador comum, que tem sido no decorrer da história,

repetidamente mobilizador de associações de resistência, levantes contra poderes, revoltas e rebeliões.

No entanto, vale atentar para o jogo voraz implicado na conformação da sociedade contemporânea de direito, onde se faz necessária uma população dependente e consumidora, que produza de maneira eficiente e consuma de forma contínua e massiva. E para além dela, ainda outra categoria de indivíduos dependentes, de um sistema de assistência, invisibilizados e não produtivos, mas que corroboram a existência de um código moral (religioso) ainda necessário para o equilíbrio de uma hierarquia que se assemelha às castas. Ou seja, em alguma medida, determinados movimentos de resistência, que estão atrelados diretamente aos modos de controle pautados à noção de segurança, se tornam aliados do sistema vigente de alienação e manutenção do *modus operandi* atual. Em termos,

o Estado securitário alimenta-se de um estado de insegurança que ele próprio fomenta e para o qual pretende ser a resposta. Se o Estado securitário é uma estrutura, o Estado de insegurança é uma paixão ou, ainda, um afeto, uma condição e, até uma força de desejo. Por outras palavras, é o Estado de insegurança que faz funcionar o Estado securitário, sendo este, no fundo, uma estrutura responsável por investir, organizar e mudar os instintos que constituem a vida humana contemporânea. (MBEMBE, 2017, p.89)

E essa codependência de forças opostas parece ser um pêndulo sem fim, num ciclo que não pode ser interrompido, uma vez que, pensados em grandes coletivos, os agrupamentos de categorias minoritárias não possuem alternativa que não seja relegar sua existência à prerrogativa da luta. Alocados num sistema que propõe privilégios, numa distribuição não equânime de condições de vida e existência plena, a saída plausível é a luta por conquista de direitos, que caminhe na direção de uma possibilidade de reparação de tais privilégios e desta suposta equanimidade. E assim, ambas as forças seguem num sentido individualista de conquista e satisfação dos ímpetos, ainda que na conformação de coletivos de interesses,

O abalo das referências dadas pela Tradição, com o embotamento de suas áreas fronteiriças, levou a emergência de um modelo cultural cujo alicerce é a valorização da individualidade, que deve ser “construída” pelo próprio indivíduo. Temos a emergência do individualismo moderno que viria a ser a “marca registrada da modernidade”. De acordo com Bauman, a individualização, no que diz respeito aos valores humanos, envolveu uma

troca. Os bens trocados foram a segurança e a liberdade: “a liberdade oferecida em troca da segurança” de fazer parte da comunidade. (SPINELLI JR, 2006, p.4)

É preciso pensar a liberdade como conceito *per se*, não como contraposição ao aprisionamento, assim como desatrelada da noção de segurança. Seguimos pensando a liberdade nessa chave da conquista por direitos e segurança, mas que nos envolve num sistema vigilante e controlador, numa perspectiva foucaultiana de uso do poder.

Há uma necessidade de buscar o exercício de práticas discursivas autônomas, de construções de narrativas da existência pautadas numa ética particular das relações humanas, num senso de unidade que possa emergir dos afetos e da percepção da transitoriedade dos modos de operar. Compreender o exercício da liberdade como um ato de resistência, como um movimento na direção de um tipo de “bem comum” que parte do bem estar individual (diferentemente da perspectiva individualista) pode parecer utópico, um ato de fé, como citado anteriormente. Mas se trata de um movimento emancipatório de corpos inquietos que seguem percorrendo mapas ainda não demarcados, na busca por encontrar novas narrativas e sentidos, nas experiências e nas relações, nos afetos e nos encontros, num sentimento cada vez mais próximo da possibilidade de unidade.

2. EM BUSCA DE RESPOSTAS: EXPERIMENTOS DE ANDANÇA

2.1. Percorrendo caminhos com poros abertos: percepção

*Enquanto ando
 Sinto que sou
 Sinto que estou
 Os poros são permeados
 O que é fora é dentro
 E o que é dentro é fora
 Movo “adelante”
 E o ar que é vida
 Entra e sai*

Abro esse tópico com uma provocação que me foi feita no momento em que estava imersa na ânsia de compreender e desvendar as minúcias da vida e dos contextos dos corpos marginais/nômades que me interessavam e que me despertavam

encantamento, ou melhor, fascínio: o seu objeto de estudo são eles ou é você? E a primeira resposta foi: somos nós. No entanto, ainda que bastante poética, é uma resposta que abre campo para uma grande reflexão e que vem a justificar essa etapa do processo, a experimentação no corpo em questão³. Isso porque há aqui um grande desafio que é interpor a realidade que me serve como ponto de partida para um processo de vivência da caminhada e suas possibilidades. Não cabe aqui fazer o relato detalhado das experiências de caminhada, dos testes e dos estudos particulares⁴. Porém, há que se apontar que a cada teste se impunham novos critérios de análise, e que cada um deles me apontava caminhos que dão conta de tecer um percurso claro entre o ponto de partida e os contornos do processo de criação de uma síntese artística. Segue um breve registro:

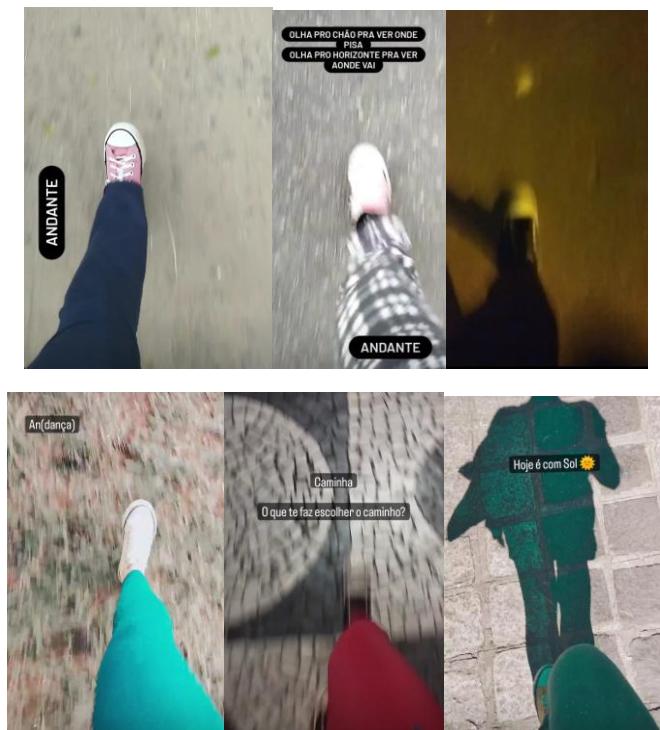


Figura 1: Caminhadas (Imagens de acervo pessoal feitas com a câmera do celular)

³ O corpo em questão aqui é o da pesquisadora, atravessado nesse momento pelos estudos teóricos, pelas referências poéticas e artísticas de modo geral sobre andarilhagem e nomadismo, e, especialmente, pelas entrevistas realizadas com 8 pessoas que assumiram – de modos diversos e com diferentes propósitos – este estilo de vida.

⁴ Nesse momento foram feitos registros em vídeo e foto. Porém, isso se colocou à prova também como critério de testagem, a condição do registro. O mais usado é o diário com anotação das percepções do gesto da caminhada, do ambiente, do fluxo de pensamento e das escolhas para cada momento (uso de celular, de música, de mochila, de água e alimento, escolha das roupas – que implica questões de marcação de gênero, destino prévio ou não, pausar ou não, tempo de duração, dia ou noite, dormir ou não, interação com outras pessoas, rotas e ambientes escolhidos, etc)

Pensar e sentir o corpo em ação é o momento do processo que engloba nortear os conceitos de tempo e espaço, onde são colocados em foco termos como território, fronteira, ocupação, trânsito, permanência, e tantas outras palavras-chave que compõem a subjetividade dessa ação corporal. Boa parte, senão todas as concepções que fundamos enquanto indivíduos durante nosso desenvolvimento, em especial na infância, estão abarcadas nas noções de tempo/espaço, que são subjetivas e abstratas, mas sobre as quais se definem as percepções humanas da realidade. Essas noções de tempo e de espaço modificam os modos de compreender o mundo, e esses modos estão vinculados ao “como” o experienciamos, o compreendemos e vivemos; “o mundo se torna para nós disponível quando nos movemos em relação à algo, na interação com o outro, a partir da ação, no fazer um movimento em direção a.” (VELLOSO, 2007, p.34).

O corpo foi sendo levado na modernidade a experimentar o mundo por meio das sensações de um modo condicionado. Para Michel Foucault, o controle dos desejos e das paixões, o controle das vontades se submete ao poder do discurso. Nesse sentido o corpo se torna um discurso sem lugar para a experiência, como cita Velloso, o corpo que buscou se enquadrar em parâmetros e configurações, não encontrou a resposta para as dúvidas, e não manteve “os corpos e o mundo afastado de riscos” (*idem*. p. 35). Esse enjaulamento da experiência tolheu o corpo do risco e da mobilidade para mudança.

A ambição de dominar o corpo e mantê-lo sob o controle, evitando, por exemplo, que ele envelheça e adoeça facilmente, vem sendo incessantemente estimulada pela mega indústria que, desde meados do século XX reúne saúde, beleza e bem-estar. Exemplar a este respeito é o conjunto de anúncios publicitários para produtos contra a falta de beleza e em prol do rejuvenescimento presentes nas revistas femininas. (SANT’ANNA, 2005, p.127)

Nesse momento gostaria de abrir aqui um longo parêntese, uma vez que se apresenta no olhar sobre a amplitude da experiência sensorial e da relação com o ambiente, uma inquietação que pode vir a se estender por todo o processo de criação: o uso dos pés na caminhada.

Para isso, elucido o encontro com algumas questões referentes à inclusão, e tenho a sensação de que, apenas o fato de voltar o olhar, me debruçar sobre o tema, já inicia um movimento de reconhecimento de inquietações que permearam (ou permeavam) nossas trajetórias artísticas e acadêmicas. E isso, de certa forma, traz uma angústia por

entender que o pensamento sobre inclusão e a vida da pessoa com deficiência são (ou foram) relegados à invisibilidade. Perguntas como “quantas pessoas cegas convivem com você?”, “quantos dos seus amigos íntimos são pcd?”, ou “quantos atores/dançarinos pcd você já viu em cena?” colocam lente sobre um tipo de exclusão tão antiga e enraizada, especialmente no mercado de trabalho, mas também nas escolas e espaços de formação em geral, nas mídias e no âmbito da cultura, que acabam por fortalecer a invisibilização desses corpos.

Meu objeto de estudo é, basicamente, a caminhada. E me debruçar sobre o tema da inclusão, já fez operar em mim um movimento de realocar meus experimentos práticos. Porque pensar sobre a deficiência mudou meu modo de acessar meu próprio corpo. Na minha última experiência, me questionei muito sobre a impossibilidade de usar meus pés. Até então, eu só havia olhado para o gesto da caminhada a partir da sua obviedade: um pé na frente do outro, articulando as pernas de uma única maneira. E mudar essa percepção me fez experimentar novas formas de locomoção, me perguntar se posso nominá-las como caminhada ou não, se sou capaz de andar sem usar meus pés, se encontro a velocidade e a eficiência que eu nem percebia que estava buscando; me fez questionar o tempo da caminhada, a pressa, o propósito, o espaço por onde ando, o olhar do outro sobre meu corpo. Tudo isso foi alterado simplesmente por eu questionar a necessidade de usar meus pés.

O termo bípede como categoria me impactou: mulher branca, cisgênera, bípede. Toda minha percepção de mundo construída a partir de uma posição (de pé), de um universo de possibilidade enquanto autonomia da pessoa que caminha pelas cidades com facilidade, lidando com destreza e agilidade com os obstáculos das ruas e calçadas. Há um vasto entendimento da percepção de mundo a partir da posição “em pé”, do modo como se configura o ato de caminhar, de verticalizar-se e descobrir o mundo a partir dos pés e da condicionante posição que eles oferecem ao ser caminhante: “Pois então, andamos, transitamos: em pé. E movemo-nos porque nos interessamos pelo que há ao nosso redor. A vida não é, senão, eterno percurso... Entre o organismo e o mundo, no mundo: movimento” (p.22). Percorrer nessa postura atravessa além da forma gestual, mas demarca um modo de reconhecer a realidade e se atrelar a ela:

Para o cérebro/corpo humano complexo, essa aventura da criação da “verticalidade caminhante” significa não apenas a capacidade de execução mecânica da postura ereta e da locomoção, mas implica também um advir constante e intenso de elementos psíquicos e expressivos: as emoções, o pensamento simbólico, o imaginário, a linguagem. Para o professor Hubert Godard, a sensação de alto-baixo seria a primeira apreensão, primeiro “entendimento” do corpo humano enquanto dimensão espacial. Nos diz do lugar que ocupamos, da posição, e também, da sensação de segurança ou pertencimento. (SANTANA, p.22)

Ou seja, o que está elucidado aqui é a centralidade na busca pelos modos de percorrer o espaço, de fazer as andanças, como potência de ação e abraçando a diversidade de possibilidades de operar essa mesma ação. E ainda além do gesto, pois estudo pessoas andarilhas, grupo no qual se encontram algumas pessoas que tem dificuldade de locomoção, e eu, absurda e surpreendentemente, ainda não tinha dado luz a essa questão.

É estarrecedor perceber em mim o nível de invisibilidade: eu estudo o corpo de pessoas que andam, mas não tinha visto a dificuldade de andar de algumas delas (por inúmeros motivos que vão desde doença e idade avançada, até questões emocionais).

Dentro desse entendimento das impossibilidades para andanças, é importante aqui enfatizar que a mensuração dos obstáculos para mobilidade é de ordem individual, mas também coletiva. Ou seja, há dificultadores de mobilidade que são mais práticos ou aparentes e que são de uma dimensão do contexto social, da coletividade, como por exemplo um arquitetura urbana com projetos eficientes de acessibilidade, um contexto de saúde pública ágil, gratuito e seguro, meios de produção e veiculação da cultura que deem conta das premissas de inclusão, etc.. Mas há também aspectos da imobilidade que são de ordem individual, particular de cada pessoa e da sua relação com o mundo que a cerca. E isso envolve todo um entendimento da área da Psicologia enquanto ciência da saúde, ou seja, há um teor imenso de possibilidade investigativa para os fatores imobilizantes de caráter emocional na diáspora de cada indivíduo.

Busco aqui não negligenciar nem um aspecto nem outro, entendendo que somos parte de uma sociedade de consumo, onde as relações pessoas construídas sob a égide de marcadores brutalmente moralistas e perversos, na direção de um propósito de acumulação de riqueza e poder, se constituem como eventos altamente neurotizantes, aos quais não estamos apartados ou inertes.

No entanto, frente à essa realidade posta, o ato de caminhar se propõe aqui como ferramenta para um despertar, como uma ação prática cotidiana e possível, como ato subversivo para a construção de uma realidade mais próxima de possíveis utopias. E pensando assim, creio que há uma tendência para um olhar um pouco mais egóico sobre o ato de caminhar, aqui no sentido de que partimos da percepção mais sensorial, do corpo como ponto de partida para as relações com o ambiente, com o tempo e espaço, e com os encontros.

Por isso, faço aqui um breve interlúdio, sobre minha aproximação com o alargamento da noção de experiência sensorial, indo na direção dos estados não-ordinários de consciência, e compreendendo que a caminhada (especialmente de longa duração) – numa dimensão menor, e a andarilhagem – numa dimensão mais ampla, possam ser modos de promoção de estados outros de percepção e consciência, individual ou coletiva. Esse tema me atraiu desde antes do início dessa pesquisa, quando ainda investigava outras formas, ou seja, lugares e modos por meio dos quais as pessoas buscavam sensações outras, modos de modificar a própria relação com o tempo, com o espaço e com o próprio corpo.

Ao ingressar no Programa de Pós-Graduação em Artes da Unespar, logo de início, alimentei a expectativa de poder ter algum contato com Arte Visionária, com a arte psicodélica, com estudos de Arte e Terapia, muito nesse sentido, de encontrar vocabulário e arcabouço referencial para assimilar ao meu projeto de pesquisa o caráter mais psicológico dessa investigação. A princípio, meu objeto de pesquisa se voltava para as Danças Circulares Sagradas aplicadas em um contexto de maternagem, onde mães dançavam em roda com seus bebês *slingados* (amarrados em slings, que são tecidos que envolvem o bebê no corpo de sua mãe). Nesse momento, me interessavam muito as questões mais sensíveis a alteração dos estados perceptivos do corpo tanto da mãe quanto do bebê quando se movimentando dançando juntos, mas também a alteração dos estados emocionais, especialmente das mães (por ser mais passível de mensuração), quando da prática coletiva, ou seja, a possibilidade de viver uma catarse ou algo similar por meio da dança circular e do seu caráter coletivo e ritualístico.

Recorrentemente, após um encontro onde o grupo de mães experimentava a dança circular com seus bebês, os relatos eram de muita calma e de um tempo

desacelerado. Havia momentos de choro, de riso intenso, de longos silêncios, de canções, de movimento mais ou menos intenso e, quase sempre, os bebês pegavam no sono em um determinado momento da prática. O estado do corpo era visivelmente alterado, com relaxamento das tensões musculares, principalmente no rosto, pescoço e ombros. As mulheres intuíam por toque das mãos, dos pés e dos braços. Os movimentos de contração e expansão da roda também tendiam aos abraços coletivos e às trocas energéticas.

Observando (como participante) desses encontros, me interessava pensar quais as ferramentas do processo de criação desse ritual sagrado eram colaboradoras para a indução de um estado alterado de consciência (nos âmbitos coletivo e individual), e, num segundo momento, perceber quais sinais ou sintomas eram notáveis nas praticantes após os encontros, como um comparativo do estado corporal inicial e final, pré e pós prática. A luz ambiente mais baixa, o trepidar das velas, o grave das músicas, os cânticos entoados, o ritmo do movimento implicado pela roda, o contato dos pés com o chão, o toque da mão da parceira ao lado, os sons da respiração e do farfalhar dos pés, tudo isso criava um ambiente muito peculiar, diferente do ambiente externo à essa experiência, e muito propício para a alteração do estado de consciência.

Durante o percurso das disciplinas do programa de pós-graduação, além de uma percepção muito íntima e pessoal de que minha fase da vida havia mudado (a maternidade hoje ocupa uma outra perspectiva na minha vida cotidiana e também afetiva), optei por alterar o meu objeto de pesquisa. Isso teve algumas implicações. No entanto, o estudo dos estados não-ordinários de consciência seguiu permeando minha propositiva, ainda que num dado momento, apenas como hipótese. Meu novo objeto se debruça sobre o nomadismo, sobre o corpo andarilho, ou seja, busca analisar modos de operar, especialmente no gesto como elemento discursivo, de pessoas que abdicam da condição de sedentária, realocando suas vidas para o espaço público, transitando pela cidade ou pelo ambiente rural, eliminando (ou diminuindo significativamente) os pertences pessoais e/ou a propriedade. Pessoas que assumem o corpo como primeira e principal moradia, e os percursos ou trajetos como instabilidade geográfica preponderante. Me volto para os andarilhos com o intuito de atrelar a existência deles um discurso anárquico libertário, elucidando que a sua suposta marginalidade confere a

eles a característica de serem indivíduos “outsiders”, fora do sistema de direito e político/econômico/ideológico vigente na nossa sociedade.

Nesse momento então me deparo com a necessidade de conhecer e entrevistar alguns andarilhos, assim como, criar critérios e dispositivos para elaboração de experimentos pessoais que engendrem um possível processo de criação artística a partir do meu próprio corpo e da minha experiência em campo. E uma premissa desses primeiros experimentos é o exercício da caminhada. E aqui me deparo novamente com as condições propícias para vivências a alteração dos estados ordinários de consciência, porém, agora, por meio da exaustão, principalmente. O que percebi foi que implicar um exercício repetitivo foi colocando meu corpo em um novo estado, criando primeiro um estado de atenção/tensão seguido, depois de aproximadamente oito horas de caminhada ininterrupta, um próximo estado: uma anestesia, um automatismo da ação. Nesse segundo momento pude perceber também um novo fluxo de pensamentos, entendi que minha forma de pensar havia se alterado e que a lógica a qual eu me impunha a princípio agora já não operava mais. Sigo fazendo os experimentos e buscando de alguma maneira criar analogias, ainda que possam tender a ser alegóricas ou caricatas por hora, para as minhas sensações mais peculiares com as profundas mudanças que se apresentam nas dinâmicas do sentir e pensar das pessoas andarilhas, assunto que me interessa e que, cada vez mais se torna caro para mim e para o pensamento libertário.

Na tentativa de elaborar sentido e critério para o estado que atingi nessa caminhada, onde senti minha consciência num modo inusitado e novo, - que ainda que contraditório, fosse ao mesmo tempo hipersensível aos estímulos sensoriais do ambiente e me colocasse muito atenta e presente à realidade, me afastava como que inoculando minha possibilidade reativa em outra esfera, distante da realidade sensível – comparo aqui com outra vivência similar. Acredito que a experiência mais marcante que já vivi foi com a ayahuasca. Apesar do desconforto em relação ao ambiente e ao teor dos dogmas, das canções, dos comportamentos que envolvem o Santo Daime, usei a ayahuasca nesse contexto por três vezes. A segunda experiência foi a mais significativa, pois não vivenciei nenhum efeito fisiológico mais impactante, ou seja, foi uma experiência mais tranquila, sem náuseas ou diarréias ou outros efeitos colaterais. Tomei três doses em meio aos cânticos. Senti o corpo completamente acordado, com oscilações

de temperatura. As formas no meu entorno aumentavam e diminuíam. Pude ver os fractais e ouvir sons “abstratos”, que não consigo encontrar similar. Senti um profundo tremor e senti as lágrimas escorrendo efusivamente pelo meu rosto. Nesse momento eu não conseguir mais ver as figuras humanas que se encontravam no salão, somente formas bidimensionais, o que, somado ao tremor, foi bastante aterrorizante. Porém, como já havia tido essa “visão” antes, pude me concentrar na luz e no som que eu percebia “dentro da minha cabeça” e retomar uma sensação mais agradável de flutuabilidade. Daí até p final da sessão, pude vagar flutuando livremente por entre imagens que apareciam na minha mente e se espalhavam por todas as partes do meu corpo. Aos poucos, senti minha barriga, meu ventre, esquentar muito, o que fez com que, aos poucos, eu “despertasse”. Essa experiência permaneceu reverberando no meu corpo por várias semanas, como uma memória que me trouxe bastante atenção e presentificação, períodos de muita calma e foco.

Sobre os sonhos lúcidos tenho cá minhas dúvidas, pois esses eventos sempre aconteceram em contextos de situações bastante extremas, o que me parece ser de alguma forma permeado pelas armadilhas da minha própria memória, ou então da indução de estados emocionais bastante alterados. Uma das vezes em que tive um sonho assim, eu ainda era criança, tinha por volta de oito anos de idade, e minha mãe se encontrava hospitalizada em uma UTI. A segunda vez aconteceu já na fase adulta, há uns sete anos atrás. Eu havia passado por uma perda gestacional aos cinco meses de gravidez, havia sido uma experiência absolutamente traumática e em função disso estava enfrentando um quadro depressivo há cerca de três meses, quadro esse devido ao enlutamento.

Na ocasião, estava em uma praça cuidando dos meus filhos enquanto eles brincavam, quando vi uma criança caindo do escorregador. Porém, quando me levantei para ajudá-la vi que seu rosto era o meu, na infância. Então ela se levantou e veio na minha direção, sentou-se ao meu lado e começou a falar comigo. Quando ela se levantou e andou na direção do meu filho mais velho eu tive a sensação de despertar, e voltei a atenção para o cuidado com as crianças. Foi uma sensação bastante perturbadora, mas um momento muito importante pra mim na batalha que travei contra a depressão e no modo como eu precisava lidar com o luto e a sucessão dos dias, da vida cotidiana.

Fico elaborando que tanto para as Artes Visuais quanto para as Cênicas há um cuidado ao transitar por essa esfera da arte visionária, da psicodelia, e afins. Essa área apresenta um conteúdo que desperta curiosidade e encantamento, assim como assuntos que me parecem ser um tanto marginalizados dentro da academia, no sentido de serem saberes muitas vezes polêmicos ou colocados sob o jugo severo de acadêmicos mais conservadores. E inclusive nesse aspecto potencialmente subversivo me atrai bastante. A contextualização histórica e as questões mais introdutórias sobre transdisciplinaridade abrem caminho para encontrar aspectos de áreas diversas sobre a Arte, como a antropologia, a filosofia, a geologia, a química, a psicologia, estudos de ciência e política, ética e estética.

Na relação com o meu objeto de pesquisa a dimensão da corporeidade fica mais latente, ou seja, sempre que estudamos os estados não ordinários de consciência atravessando a fisicalidade dos corpos e colocados em cena, isso denota sentido para o meu próprio trabalho acadêmico e artístico.

2.2. Destinos, desvios e devaneios: a elaboração de critérios de análise

*Só conhece o propósito
 Quem teme o agora
 Chora o despropósito
 Do inevitável segundo seguinte
 Se a rota se curva
 Eu me encurvo na rota
 Mas me perder é uma escolha*

Ao me deparar com o conceito de *Umwelt*⁵, na obra do Jorge Albuquerque Vieira, me saltou aos olhos a ideia de “bolha” que difere comunidades ou sistemas que podem coexistir, mas não conviver. Talvez tenha sido nesse lugar que me percebi. Como é preciso de fato reconhecer e explorar os canais de percepção e de comunicação dos signos para que diferentes comunidades de sentido possam relacionar-se transformando-se entre si e não somente co-habitando o mesmo sistema. Meu “*Umwelt*”, meu “mundo

⁵ *Umwelt* é um termo cunhado por Jakob von Uexküll (1864 — 1944) que estudou zoologia em Dorpat e em seguida desenvolveu pesquisas sobre problemas biológicos do comportamento e neuropsicológicos, a partir das quais elaborou o conceito para denominar o ambiente que evolve e associa o desenvolvimento biológico aliado ao comportamento humano.

entorno” que pressupõe experiências no campo biológico e sociocultural, é aquele universo de experiências sensoriais que me atravessam e elaboram os signos a partir dos quais comproendo e interajo com o mundo, é também a base referencial para o processo de transmissão de conhecimento aconteça. Ou seja, é a partir das relações com o ambiente possível que eu apreendo e a partir da qual eu ensino. Se pensarmos a partir de uma noção de comunidade que se associa por similaridade, há uma tendência à permanência de padrões e à manutenção de modos de operar, incluindo aqui os modos de segregar e excluir o diferente.

Esse entendimento de comunidade acética é o grande problema do darwinismo social⁶, ao tentar aplicar a teoria para a sociedade humana, o que implicou décadas de um pensamento eugenista, com consequências devastadoras. É preciso entender então que uma comunidade que exclui o diferente se torna estéril culturalmente, como na monocultura que tira potência fecunda da terra. É urgente compreender e assimilar a diferença no entendimento do que é comum. É na percepção da existência de um “outro” diferente de mim, que não sou eu, que se baseia a noção de alteridade, e que, por sua vez, nos dá a dimensão da nossa própria existência enquanto indivíduo em sociedade.

Talvez, nas minúcias dessa questão, que estão para além das determinações mais filosóficas quanto à noção de alteridade, esteja localizada uma política de existência plena e digna em uma sociedade que perpassa estudos sobre ética e direito. Apresento aqui uma dinâmica necessária de afirmação das diferenças no sentido de criação de categorias do sujeito para que se configure critérios de regulação e embate na luta por garantias de sobrevivência qualificada comunitária.

Mas essa é uma questão abissal, uma vez que a percepção de um grupo em comunidade tende a acontecer por reconhecimento de similaridades. Além do que, apresenta-se mais uma vez o abismo da perspectiva da vulnerabilidade, ou seja, da necessidade imposta por um modo de operar regido pelo Estado em que se os corpos se mantenham no cárcere da falta de autonomia, da dependência, da falta de acessibilidade.

E aqui, me parece posto um desafio caro à Educação e à Arte: desenvolver e apresentar formas de acessar os canais de percepção e gerar inteligibilidade a partir deles da possibilidade de existência e permanência do diferente como prerrogativa para a

manutenção de uma sociedade viva, movente e em transformação. Além de buscar nas linguagens diversas da comunicação e expressão humana, canais de similaridade outros, para que os laços que unem comunidades de sentido extrapolem as características físicas, as competências humanas, a eficiência que nos impõe a sociedade de consumo; mas que esses laços possam ser estabelecidos pelos mais diversos meios, que nos integrem em comunidades de sentido cada vez mais diversas, dissipando fronteiras física, geográficas, políticas e ideológicas, promovendo encontros e associações diversos e férteis.

Nesse contexto relacional na chave indivíduo-coletivo, se engendra no percurso de elaboração da pesquisa, a busca pela percepção sensorial, a vivência e a experimentação *in loco* das possibilidades da caminhada. Isso emerge como necessidade mais peculiar, ou seja, como um ímpeto mais individual de promover o contato das perguntas e das expectativas com a ação prática. E essa palavra, “expectativa”, tem aqui uma grande dimensão, já que quando da elaboração das caminhadas, já haviam sido feitas as entrevistas com viajantes e caminhantes, e esse contato com seus universos, com seus testemunhos, fez emergir uma enorme curiosidade, assim como um inevitável desejo de experimentar aquelas sensações, uma grande projeção da experiência do outro em relação à minha própria. Porém, logo nas primeiras elaborações, essas idealizações foram sendo reconfiguradas em função dos contatos, das sensações e da dinâmica única que cada vivência.

O estabelecimento de critérios para as caminhadas foi um processo contínuo e que se alterou de acordo com as necessidades e percepções durante os experimentos. A partir do contato com os relatos das pessoas que viajaram, que andaram e moveram, fui elaborando as questões que dariam norte para as escolhas das caminhadas.

A primeira caminhada foi feita com um trajeto pré-determinado, pelo centro da cidade de Curitiba, com uma mochila simples, contendo itens pessoais: carteira com documentos, cartão de transporte coletivo, chaves de casa, garrafa d’água, blusa, celular, e barras de cereal. O tempo de caminhada também foi pré definido: seriam 4 horas andando. Vestia tênis, calça e camiseta.

“O sol estava mais forte do que eu imaginei e senti mais sede do que a quantidade de água que levava na bolsa, mas me propus não parar para comprar água, nem nenhum outro item, assim como decidi no meio do caminho que não iria parar por nenhum motivo que não fossem os semáforos. Pensei em gravar a caminhada com a câmera do celular. Quando cheguei no estúdio estava com dor nos pés, mas nada muito intenso. E muita sede.” (relato pessoal dos diários de caminhada)

Ao final de cada caminhada, fiz um breve relato, com anotações sobre o percurso e também na tentativa de refinar os critérios para as próximas. Isso também trouxe complexidade às percepções, já que iam se somando camadas de perguntas, de questões para cada caminhada. Por exemplo, nessa primeira tentativa, entendi que era desnecessário calcular o trajeto e o tempo, essa estimativa era muito objetiva, diferente do que se propunha a caminhada; então, para as próximas, decidi que iria caminhar sem destino prévio e sem expectativa de tempo de duração.

No segundo experimento, de antemão iria com mais água, sem destino ou tempo determinados, e registrando em vídeo com a câmera do celular todo o percurso. Mais um dia quente e ensolarado. Essa segunda caminhada acabou seguindo na direção da região norte de Curitiba, pelos bairros Cabral, Bacacheri e Bairro Alto. E durou cerca de 10 horas. E o mais importante a notar nessa caminhada foi a relação com a necessidade de registrar: a presença do celular me deixou muito ansiosa e aflita, com medo de ser furtada, e até distraída, tentando dividir a atenção entre as paisagens, os obstáculos e o registro em tela. A presença do registro em vídeo também denotava uma noção de tempo, o nível de bateria do aparelho celular dava uma idéia do tempo que ainda restava, etc. Não consegui registrar a caminhada toda, o desconforto foi grande, e fiz o caminho de retorno sem registro.

E dessa experiência surgiram mais duas novas questões principais: o retorno para casa, se voltaria para o mesmo lugar de partida, ou seja, o que definiria o fim da caminhada, já que não tinha determinado um destino. E a impossibilidade de registrar, por esses dois fatores principais: a insegurança e a atenção dividida.

E aqui nesse ponto ficou evidente algo que já tinha ouvido nas entrevistas e que veio a ser a sensação mais impactante até então: a ambiguidade da noção de vulnerabilidade. As pessoas que entrevistei tinham entre si diferentes opiniões sobre o medo estar só numa estrada, e sobre quais seriam os motivadores de uma sensação de

medo ou insegurança. Para alguns, o que gerava medo era a presença de estranhos, de ter seus pertences furtados, ou de se perder em um caminho desconhecido. Para outros a exposição ao clima, à chuva, ao sol extremo, às dores no corpo, aos acidentes de percurso; algumas pessoas falam da fome e da falta de dinheiro, ou seja, o fim dos recursos e a escassez. Para as mulheres, sempre rondando o medo do assédio e da violência de gênero. Mas o mais intrigante é que cada pessoa descreveu um modo peculiar de relacionar com essa vulnerabilidade, porque enquanto algumas pessoas buscavam controle sobre os imprevistos, um modo de instrumentalizar e planejar o máximo possível suas jornadas na evitação de qualquer intempérie, outras reconheceram na fragilidade um lugar de liberdade, aceitando os riscos e “soltando as rédeas” sobre essas situações limites que causavam insegurança e deixavam vulnerável.

E foi nesse dilema do risco, pensando sobre quais eu poderia assumir, entendendo os limites do meu próprio desconforto e medindo quanto a sensação de insegurança me implicaria perda da liberdade de escolha, ou a vulnerabilidade me traria mais atenção ao tempo presente e as possibilidades de acontecimentos, que determinei as escolhas para a próxima caminhada.

Decidi então que não levaria na mochila aparelhos como celular ou relógio. Questionei até mesmo a necessidade de uma bolsa, o quanto as coisas que eu carregava faziam parte dessa determinação de necessidades prévias e que vinham na direção de ser um planejamento, um controle do tempo de duração. Ou seja, as coisas que eu carregava me garantiam segurança, e eu estava buscando questionar essa premissa de garantia de salvaguarda, porém em um limite em que o risco não se tornasse um fator de absoluto desconforto. Então, no experimento seguinte, não levei mochila, nem carteira com documentos pessoais, ou água, ou alimento, ou casaco. E isso mudou completamente a relação com o espaço e com meu próprio corpo.

Essa terceira caminhada não teria destino ou duração definidas, não levaria nenhum pertence, seria somente a caminhada pela cidade. E a diferença aqui foi extrema. Nesse momento o que passou a definir as escolhas foi a relação do corpo com o ambiente num nível muito mais sensorial. Um vento, um som, o gesto de uma pessoa, a buzina de um carro, cada pequena interferência era responsável por mudar o percurso. O que mudou bastante aqui também foi a fluidez dos pensamentos: a sensibilização para

a percepção do espaço por meio dos sentidos trouxe também um desejo de permitir que os pensamentos pudessem se “soltar”. No entanto, essa caminhada durou menos, e acabou se dirigindo para a região da cidade onde fica a casa em que moro, na região sul, no bairro Boqueirão. O que me fez entender que a sensação de vulnerabilidade oscilou muito entre o desejo de ralentar e mudar o fluxo da caminhada, mas também encontrar estratégias de garantia de salvaguarda, nesse caso, mantendo-me perto de um ponto de referência que é a casa onde moro.

É importante ressaltar que as caminhadas aconteceram com dois pontos de partida: ou minha casa, no bairro Boqueirão, ou meu local de trabalho, no centro da cidade de Curitiba. Apenas uma caminhada que foi diferente desse padrão, cujo ponto de partida foi o Portal da Estrada da Graciosa. Nesse caso, foi feita uma caminhada que partiu de Quatro Barras – PR em direção à cidade de Morretes – PR, com a intenção de andar pela estrada da Serra da Graciosa, num momento de contato com a natureza exuberante da região. A saída aconteceu ainda na madrugada, por volta das 2h da manhã, fui acompanhada pelo meu parceiro, e estávamos com mochilas com necessidades básicas. A experiência de uma caminhada noturna na natureza foi muito importante para aflorar a sensibilidade para os sons e para a dimensão da passagem do tempo, também para o clima e as nuances da presença das nuvens e da umidade característica da região. Foi também um diferencial a possível presença de animais silvestres e de transeuntes desconhecidos, ou seja, o fato de começar ainda a noite, sem iluminação nem natural nem artificial, implicou outro caráter para a sensação de medo e de vulnerabilidade, ainda que estivéssemos acompanhados.

Mas o ponto mais marcante dessa experiência especificamente, foi a exaustão. Nos últimos quilômetros de caminhada, senti muita dor na articulação coxo-femoral direita, o que me fez seguir o percurso mancando e muito apreensiva. A sensação de dor e de impossibilidade de caminhar trouxe mais uma gama de pensamentos e emoções relacionadas ao fracasso e à incapacidade de concluir a jornada, e mais um tanto de reflexões quanto à necessidade de estabelecer um ponto de chegada ou destino, e às expectativas envolvidas nessa escolha. Também foi importante pensar sobre a companhia masculina, a vulnerabilidade das mulheres viajantes e a presença de recursos para continuar mesmo na impossibilidade física (dinheiro para transporte, caronas, etc).

2.3. Andar como ação de um corpo que propõe mesmo em negação

*Palmas juntas são oração
 Dedo em riste é julgamento
 Taquicardia, paixão
 Sorriso de canto, encantamento
 Mão na enxada é fé
 Pé ante pé é sina
 Seguir é contentamento*

Esse tópico pretende discutir a caminhada como “forma”, mas também para além dela, como ato político, na relação estética e ética da proposição da caminhada como percurso de vida, como ação libertária, talvez não confrontando as duas perspectivas, mas discorrendo sobre essa ambiguidade presente na ação do corpo. Me debruço então sobre essa dimensão dúbia da caminhada, abordando-a como função motora humana, como coisa básica, biológica, orgânica, inerente ao desenvolvimento da pessoa, como ato espontâneo do ser, mas também como ação consciente passível de escolha e determinante na tomada de decisão, norteadora da individualidade no que tange o destino, o próximo passo, o movimento de deslocamento, a escolha por seguir ou ficar. E busco aqui desenvolver um tanto essa tensão entre esses dois segmentos da caminhada, quase que como separando-os, criando sentido para a caminhada que se torna mote para a criação de novos estados para o mover.

Para isso, começo relembrando um teste de síntese para elaboração de uma cena, uma caminhada realizada ao entardecer, na região que fica entre as cidades de Curitiba e São José dos Pinhais. Nesse experimento foram feitas algumas escolhas estéticas, como o figurino, os registros em foto e vídeo, a iluminação natural do entardecer e da passagem esparsa de carros com seus faróis acesos, e a paisagem: uma margem entre os dois municípios que possibilita a vista da zona rural e também dos dois centros urbanos, ao longe à direita e à esquerda da via asfaltada, que é por sua vez margeada por vastos quilômetros de campo e várzea com poucas habitações.

Essa caminhada se constituiu como um primeiro exercício de elaboração e organização das categorias de análise das demais caminhadas até então em forma de cena breve, com registro em foto e vídeo, escolhas pré-definidas de movimentos,

argumentos, sonoridades, iluminação, cenário, figurino, tempo aproximado de duração, etc.



Figura 2: Andante inadequadA: horizonte da cidade (acervo pessoal)

As escolhas feitas aqui denotam implicações da caminhada sendo assimilada como gestualidade cênica. Andar para frente, para trás, com tênis. Correr, pausar. Mover horizontalmente na companhia das cercas que delimitam a estrada e à margem do rio. Agachar e esconder quando da presença de carros na estrada. Mover na vertical, em contraste com o horizonte de prédios que se levanta à distância. A balaclava em contraste com a semi-nudez, como registros da presença forte de símbolos da urbe, mesmo ainda às margens da cidade.

Adendo importante para a escolha do figurino que demarca aqui um ponto impactante da pesquisa, que apresenta duas camadas profundas da relação dos corpos com a cidade e suas margens: a balaclava e a nudez (ou semi nudez).

Usar a balaclava, também conhecida sugestivamente como “Joana D’Arc”, foi uma escolha estética significativa para denotar a invisibilização de corpos e as várias implicações e perspectivas disso. Usar uma máscara pode ser um modo de se esconder.

Pode ser também um modo de performar um outro ser, ser outra coisa que não se é. Pode ser um modo de se proteger. Ser um cidadão sem rosto pode conotar a magnitude da humanidade como coisa genérica, onde todos somos iguais, nesse sentido mesmo de igualdade, como nos ideais franco revolucionários, de direitos iguais para todos. No entanto, se por um lado rostos genéricos supostamente denotam um pressuposto humanista, por outro, são apagadores da individualidade. A máscara esconde a identidade, alegando uma outra, nesse caso, genérica, homogênea.

Aderir à balaclava traz ainda a luz aqui a discussão sobre a noção de marginalidade, de um tipo de indivíduo que está à margem, indigno de ter um rosto, um tipo de existência que não está agregada ao modo ideal de vida, e que precisa se mascarar para agir. Propositalmente, como provocação, esse capuz de bandido, usado por corpos marginais e indesejados, é parte de uma personagem que quer se apresentar como esse corpo que pode andar à margem seja ela geográfica espacial ou politicamente.

Da mesma forma, a nudez abre um tema já discorrido neste trabalho, que é a vulnerabilidade e a relação com o risco e o medo, sensações muito presentes nas caminhadas. Aqui, na cena em questão, postas em contraste com o fato de realizarmos à noite e sob a luz de faróis de carros, o que consolida uma ambiência extremamente hostil para um corpo feminino. Então, os seios à mostra – que seguem sendo grande tabu pra nossa sociedade, e que são um marcador potente de diferenciação de gênero –, são uma escolha que busca hiperbolizar angústias experimentadas anteriormente, e colocar em cena essa tensão e o debate intrínseco, especialmente sobre a opressão e violência implicados ao corpo feminino.

O que temos então aqui, como síntese, é uma caminhada de curta duração, que segue o percurso da estrada de asfalto, que apresenta corridas, implicadas pelas tensões das interações com veículos e com a ausência de iluminação outra que não destes, e que reverbera depois de um certo tempo para esses movimentos que investigam a verticalidade/horizontalidade e as direções em relação à presença das cercas, margens do rio e do asfalto. Também ficam marcantes os contrastes de cores, das peças de roupas pretas com a pela clara e a noite escura, que traz uma impressão impactante, ainda mais se confrontadas com as luzes da cidade, altamente acesa.



Figura 3: Andante inadequadA: teste do medo – nudez (acervo pessoal)

Como primeiro experimento de síntese, esse teste abre espaço para um tanto de considerações que vieram a calhar na construção da cena de “Andante inadequadA” que se segue, e que foi apresentada meses depois. Porém, a relevância ventral desse momento da pesquisa está realmente na implicação desta tensão dissociativa da caminhada no seu âmbito espontâneo para a consolidação como síntese desses estados corporais provenientes das vivencias de andar, e as escolhas feitas para que essa caminhada se tornasse aqui um mover criativo em dança.

É desse movimento que se apresenta a necessidade de buscar melhores maneiras de instrumentalizar a adesão de um formato ao outro, ou seja, sigo dessa etapa com a pergunta vívida: como implicar estes estados de atenção, de presença, numa caminhada cotidiana, de deslocamento tantas vezes efêmero, disperso, vazio, em que pensamento e ação parecem descolados?

3. PROCESSO DE CRIAÇÃO: DESENHANDO CONTORNOS PARA UMA AÇÃO PERFORMÁTICA ARTÍSTICA

3.1. Nuances da performance

*Ela mesma se batizou
 Quis ser quem é
 E canta e dança seu nome
 E insiste em ser
 Na incerteza
 Da verdade e da memória
 Mais uma vez, ela mesma*

Pensando o Corpo no âmbito acadêmico, buscando contornos para esse conceito, parece ser bastante relevante encontrar novos modos de perceber o corpo e a sua identidade (seja considerada tanto fisiológica, como emocional, afetiva, psicológica, cultural e historicamente). Em geral, é mais passível de compreensão, pensar o corpo a partir daquilo que ele é – ou que reconhece que é; nesse sentido, para entreolhar o corpo como um sujeito, como corpo identitário, há que se pensar este corpo sob diversos formatos e em função, ou a partir de diversas interferências.

A ideia então é que se promova, no ambiente acadêmico, um espaço de transdisciplinaridade na legitimação do corpo e da identidade no tempo, de modo que este entendimento não seja sempre necessariamente encerrado no corpo em si, mas que possa ser pensado em colaboração com outros referenciais. E um dos modos de compreender a gama de relações que permeiam o tempo no desenrolar das trajetórias humanas – individuais e coletivas – é pensar as redes de interesses e de interferências, no sentido mais complexo da palavra, onde se têm intervenções mais ou menos diretas entre o que se dá na formação mais individual e na construção do âmbito social.

Os meios de comunicação de massa são um exemplo desta interferência; ainda que se tenha, como em todos os casos destas relações, uma via de mão-dupla, a supressão da coletividade (ainda que regida por individualidades cujo poder é conferido) é eminente na vida cotidiana das pessoas no seu espaço mais privado. Daí a ideia de discutir uma noção de identidade social permeada na corporeidade que se expressa a partir de um veículo ou instrumento que dá conta de caracterizar a contemporaneidade pela presença intrínseca na existência, que são essas novas formas de compartilhar

ideias, por meio de cores, vozes, corpos, virtuais. Em outros termos, ainda que sozinhos em seus espaços privados, em frente às telas, a vida segue sendo compartilhada por outros suportes: muda o corpo e muda o sujeito, com o advento da virtualização da vida (e, por sua vez, dos corpos e das relações).

Essa vivência coletiva pode ser analisada ainda sob o âmbito das noções de *performance* e *drama social*, tomando aqui como referência os estudos de Turner (1974) quanto aos dramas sociais e a ideia de ritual enquanto um momento marcado pela simbolização, estando associado a um evento de crise em uma dada comunidade e que é acionado para reestabelecer o equilíbrio na vida cotidiana (conceito herdado dos modelos de estudos do ritual de Van Gennep (1978 [1909])). Cabe ainda apropriar-se da noção de *communitas*, elaborada por Turner. Segundo Rubens Alves da Silva, em *Entre “artes” e “ciências”: a noção de performance e drama no campo das ciências sociais*, a *communitas* surge espontaneamente motivada por valores, crenças, ou ideais coletivos, surge onde não existe estrutura social, configurando-se numa “antiestrutura”.

De acordo com Schechner (2003[1985]), eficácia e performance tomam sentido similar quando temos um efeito na sociedade que assume alguma concretude, uma repercussão mensurada como alguma mudança social efetiva, seja de padrões sociais dentro de uma cadeia de prestígio ou *status*. No entanto, se pensadas, as performances, sob o olhar do entretenimento, temos um lugar onde, de fato, não há uma mudança imediata ou significativa, como quando dos espetáculos de teatro. “Contudo, nenhuma performance é puramente eficácia ou entretenimento, visto que depende de diferentes fatores, como circunstâncias, lugar do observador e tipo de envolvimento da audiência” (Apud, SILVA, .2005).

Se pensarmos a performatividade sob a ótica da ação artística, aqui entendida como processo de elaboração de sentido e expressão da ação do corpo em cena, o que se tem é a perspectiva de um corpo que propõe a sua criação e processo, como agência efetiva e autoral,

o corpo agindo performativamente, atua nesse espaço intervalar de pertencimento, produzindo intervenções nas representações, afirmando sua diferença. Age então, pró-ativamente, compreendendo que dança tem voz e que essa voz se emite nos diferentes modos de fazer-dizer da dança. Um fazer que se constrói num processo de continuidade e que conta com a participação

de sujeitos-agentes que trabalham de modo comprometido, num esforço de conduzir para frente e para além do pessoal, propostas criativas atravessadas por questões sociais, políticas e culturais. Importa entender que o sujeito-agente de um processo de criação em dança contemporânea é um sujeito encarnado que atua performativamente num espaço onde existe a possibilidade de negociar, transformar e traduzir práticas, pensamentos, posicionamentos, idéias e ideais. Um processo de criação que se põe em andamento, num fluxo contínuo de atuação. (SETENTA, p.107)

Então, tomado esse entendimento do processo criativo, é aqui que o corpo elabora sua potência inventiva na busca por um léxico único, peculiar que dê conta de exprimir a egrégora de assimilações sintetizadas até então, oriundas do contato e imersão com o tema e com o mover pelos percursos e rotas que a “andarilhagem” possibilita. Criar escrita e mover performativo aqui, a partir dos critérios de análise, que são por sua vez resultado do exercício de leitura e observação, cada qual a sua etapa da pesquisa, é a delimitação da performance em si.

E é importante compreender o processo de escrita também como enredo performático, uma vez que se parte do entendimento de que corpo-mente não são conceitos dissociados e que os movimentos de consciência e ação assim também não são distintos. Os experimentos de caminhada apontam mesmo nessa direção, como apresentam os relatos nos diários de andanças: os fluxos de movimento de ar e de sangue e demais fluídos geram um tipo de percepção do movimento do pensamento, ou seja, é no sentir o fluxo do mover o corpo que se possibilita sentir o fluxo do mover o pensar, numa tentativa de assimilar sentir e pensar numa única ação, não dissociada. Assim também pensamos a escrita e os modos de produção de narrativas.

Aceitando a preocupação dos pesquisadores qualitativos tradicionais sobre “a vez da performance”, é possível argumentar que uma terceira distinção metodológica está emergindo. Essa terceira categoria está alinhada a muitos dos valores da pesquisa qualitativa, mas, no entanto, é distinta dela. A principal distinção entre essa terceira categoria e as categorias qualitativa e quantitativa é encontrada na maneira que ela escolhe para expressar seus resultados. Nesse caso, enquanto os resultados estão expressos em dados não numéricos, ela os apresenta como formas simbólicas, diferentes de palavras de um texto discursivo. No lugar de relatórios de pesquisa, nesse paradigma acontecem ricas formas de apresentação. (HASEMAN, p. 46)

Desse pressuposto que são elaborados os relatos de experiência de andança e também os exercícios de síntese criativa de movimento em busca da definição de estados de movimentos recorrentes oriundos das emoções e sensações descritas nas caminhadas.

Sugiro neste momento, um breve parênteses, para pensar uma diferença sutil, porém potente esteticamente, mas também na consolidação da poética da performance em dança que começa a emergir aqui. Em um determinado momento, quando do retorno de uma caminhada, experimentando movimentos articulares dos pés e tornozelos, me tomou conta uma sensação muito forte de “arrastar”, de uma languidez meio preguiçosa, cansada e melancólica, e percebi que meu suor foi deixando um rastro. E me tomou essa inquietação sobre a relação do rastro, do legado, daquilo se deixa para trás para que seja visto, ou que, pode ser percebido, como uma marca ou registro da passagem por tal lugar; em contradição com a ideia que me tomava de “fuga”, de abandono, de deixar as coisas pra trás para que eles não mais fossem carregadas.

Me lembrei então da obra do artista Francis Alys. Rastro e fuga me levaram a tecer algumas considerações sobre e elaboração poética de “Andante inadequada?” e as possíveis convergências e divergências com a obra “Conto de Fadas, de Francis Alys. Uma obra que é demarcada por essa imagem, do rastro, como uma lesma que carrega sua casa nas costas e vai deixando uma marca da sua passagem.

Trata-se de uma das obras mais impactantes de Francis Alys, e que nos evoca a possibilidade de encontrar convergências, e é “Conto de Fadas”. O artista caminha. Atravessa a Cidade do México. Demarca a cidade. Mas deixa um rastro: um fio solto do suéter. E assim, deforma a paisagem urbana, intervém mais do que com sua passagem efêmera e que pode ser despercebida. Ele se deixa, impregna ali um registro, algo pessoal e simbólico, que nos leva a revisitá-la imagem da cidade como ela era antes dele.

Em “Andante Inadequada” a efemeridade do ato de caminhar, de atravessar chão e ar, só é rompida quando pensamos no registro fílmico que é feito do percurso. Mas enquanto esse corpo foge, também deixa um rastro. Porém, aqui, não proposital, pois se trata de refugos daquilo que abandona durante a caminhada, coisas que ficam na paisagem como memória ou vestígio, mas que não foram pensadas propositadamente para permanecer ali. Pelo contrário, o ímpeto é não permanecer, é desaparecer.

E essa tensão entre permanência e efemeridade é um tema central em ambas as obras. Assim como os modos de romper com as noções de fronteira geográfica e as delimitações arquitetônicas e estruturais de um modo geral, que se impõem no cenário da urbe. A discussão em torno das demarcações da cidade são o cerne das ações de Francis:

Quando começa sua carreira artística, Alÿs parte de pequenas intervenções, inicialmente em janelas de prédios, depois na rua, na praça central da cidade, até chegar ao limite do urbano e, finalmente, na fronteira entre terra e mar. Alÿs está, aparentemente, ampliando seus territórios de atuação. Não se trata de uma evolução, nem sequer de um movimento linear para fora ou de um processo único e unidirecional. Alÿs segue reterritorializando, retornando e produzindo trabalhos mais “circunscritos” ao espaço urbano ao longo de toda sua carreira. Mais do que abranger territórios geográficos que vão cada vez mais em direção à periferia, esse movimento suscita perguntas quanto aos limites conceituais que delimitam o que é a cidade, o espaço público e quais são as possibilidades da arte intervir, através de experiências estéticas, na partilha do comum. (KONRATH, 2017)

Intervir no espaço urbano questionando suas estagnações e sua rigidez, instigando a partilha do comum me parece ser também pontos chave em comum aqui. Isso porque, seja demarcando e transformando o espaço, seja atravessando e abandonando o caminho, o que se busca é romper as barreiras das noções de propriedade, daquilo que é privado, é de fato desterritorializar o espaço, dentro e fora do corpo.

Há ainda uma noção primordial que envolve a existência de um rastro, um excerto, uma sobra, num sentido quase biológico desse entendimento: toda ocupação, viva ou não, biótica ou abiótica, tem uma composição de ocupação, sofre ação do tempo, e se transforma em outra coisa. E nessa transformação, química, algo é eliminado. Nesse sentido, é instigante pensar que mesmo um corpo em fuga, que caminha na direção do ímpeto de desocupar e despertecer, exerce esse movimento de abandono e com sua passagem, sua ação de movimento, demarca e ocupa. Existir por si só é ocupar.

E nas frestas dessa existência o movimento de deslocamento busca o novo. Retomando a quase metáfora essencialista, o que se abandona, o ar que sai dos pulmões e é devolvido reciclado, é refúgio, mas também é um mundo novo. Há uma beleza nessa

ambivalência: enquanto por um lado a fuga gera abandono, por outro o rastro ocupa e modifica gerando transformação. Ambas as ações se dão no mesmo movimento consciente de existir em movimento andante em direção ao horizonte.



Figura 4: Andante inadequada, primeira síntese (acervo pessoal)

Por fim, pensar a potência artística da apropriação do movimento impetuoso primevo de deslocar-se, quando atrelada ao gesto de deixar-se no tempo e no espaço, seja no fio do suéter que se propõe marco (desmarco) de fronteira, seja nos pertences e vestimentas abandonados ao chão, é confluir a complexidade e a simplicidade de mover os pés e os olhos, ao mirar o horizonte, e seguir andante.



Figura 5: Conto de Fadas (disponível em <https://www.periodicos.udesc.br> acesso: mai/2025)

3.2. Da margem pra urbe: comunicação em meio ao caos

*No silêncio
 Tudo vibra
 De dentro pra fora
 Urge com força
 Acelera
 E irrompe na madrugada*

Voltar o olhar pra cidade, ou melhor, para o underground, esse cenário de vulnerabilidade que está intimamente atrelado à violência, emerge estranhamento. Certamente, surgem outras perguntas e inúmeras discussões; porém, pensemos aqui na ideia de que o medo instaurado na sociedade contemporânea, mais do que se definir como uma sombra pairando sobre a cidade, se constitui como uma fagulha imersa na intimidade de cada pessoa que a habita. Medo tão intrínseco que tolhe a liberdade física e psíquica, sensível e afetiva, aprisionando e controlando quem, quase inevitavelmente, se dispõe a viver num estado de atenção e ressalva constante.

Juntamente com a ideia de insegurança temos atreladas às noções de perigo e controle, como se aquilo que nos persegue, o mal, nos torne prisioneiros e, portanto, seja digno de uma revanche ou vingança, como se fosse dado o direito de defesa do cidadão frente a um mal instaurado;

Esta tomada de consciência da dimensão propriamente infinita da aspiração à segurança nas nossas sociedades não deve contudo levar a questionar a legitimidade da busca de proteção. Ao contrário, é a etapa crítica necessária que é preciso atravessar, a fim de descobrir o caminho que se exige hoje para enfrentar da maneira mais realista possível a insegurança: combater os fatores de dissociação social que estão na origem da insegurança civil, assim como da insegurança social. Não vamos encontrar nisso a garantia de estar livres de todos os perigos, mas talvez tenhamos a chance de habitar um mundo menos injusto e mais humano. (CASTEL, 2005, p 11)

A partir do estreitamento dos laços entre o que se tem como perigoso e aquele que foge do perigo, o que se tem é uma relação de dependência, tornando um movimento necessário para manutenção da tensão, civilizar àquele até então considerado perigoso, para que se tenha a liberdade retomada, porém não baseada no extermínio do perigo, mas na vigilância e no convívio com este,

(...) quando os grupos outsiders são necessários de algum modo aos grupos estabelecidos, quando têm alguma função para estes, o vínculo duplo começa a funcionar mais abertamente e o faz de maneira crescente quando a

desigualdade da dependência, sem desaparecer, diminui – quando o equilíbrio de poder pende um pouco a favor dos outsiders. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 36)

Mas liberdade e controle não são noções dissociáveis, ou pertencentes a um universo individual apenas, como se fossem fruto somente de emancipação ou do bom senso no uso do livre arbítrio. Ao pensar a relação tênu e complexa que se dá entre o individual e o social, Elias apresenta nuances da interdependência de ambos, “só pode haver uma vida comunitária mais livre de perturbações e tensões, se todos os indivíduos dentro dela gozarem de satisfação suficiente; e só pode haver uma existência individual mais satisfatória se a estrutura social pertinente for mais livre de tensão, perturbação e conflito.” (1994, p.17) Segundo o autor, o lapso está na desarmonia desta relação, onde um dos aspectos sempre “leva a pior”, de modo que essa dissonância entre interesses e satisfação seja capaz de gerar conflitos intransponíveis e deficiências na dinâmica da constituição de padrões de comportamento.

A despeito das interdependências, ainda que a diversidade pareça ser porta aberta às mais diferentes identidades, o indivíduo que está imerso nesse meio tem sua própria identidade alterada, tem as suas noções de pudor, moral, corpo, morte, etc, transformadas a ponto de serem externalizadas no seu modo de agir. Conforme assinalam as autoras Katz e Greiner, “as informações do meio se instalaram no corpo, o corpo, alterado por elas, continua a se relacionar com o meio, mas agora de outra maneira, o que leva a propor novas formas de troca. Meio e corpo se ajustam permanentemente num fluxo inestancável de transformações e mudanças.” (2002, p.71)

Essa relação corpo versus meio, onde o ser está exposto e vulnerável, traz mais um risco no que tange a ideia de segurança: se controlamos o perigo, nos aproximamos dele, o que nos torna mais aptos a sermos semelhantes ao mal, da mesma forma que este se porta indistintamente à nós em meio à multidão. Em função deste risco, o homem contemporâneo tem buscado cada vez mais critérios de distinção para o criminoso, seja em busca de doenças psíquicas, emocionais, afetivas, físicas, enfim, qualquer traço de diferença deste indivíduo perigoso e criminoso que o coloque em uma posição a mais discernível possível do “cidadão comum”.

Enfim, é inerente à condição humana a necessidade do temor. Ainda que muitas vezes incapaz de discernir este mal ou de categorizá-lo, o homem contemporâneo busca compreendê-lo e representá-lo em seu vasto arcabouço de representações, lançando mão dos atributos da arte, da literatura, e de quais que sejam os outros modos possíveis. Talvez seja a vontade de nomear o desconhecido:

Podemos dizer que é “crime” porque temos um código jurídico que o ato criminoso infringe. Sabemos o que é “pecado” porque temos uma lista de mandamentos cuja violação torna os praticantes pecadores. Recorremos à ideia de “mal” quando não podemos apontar que regra foi quebrada ou contornada pela ocorrência do ato para o qual procuramos um nome adequado. (BAUMAN, 2008, p 74)

Lançar mão do artifício da arte sobre esse corpo anônimo, cuja identidade tende a ser relegada a condição de perigoso, animalesco, desumanizado, sem rosto, sem documento, desejosamente desconhecido e apartado, ainda que intrínseco a cidade, busca também viabilizar a emergência da permanência no tempo, como que se dessa forma a própria existência a partir da experiência sensorial e afetiva se concretizasse. Esse despertar sensorial está implicado no uso dos experimentos no corpo como método de exploração das possibilidades de criação. O olhar tensionado sobre controle e temor, a relação de público e privado no sentido da propriedade, a dimensão do conceito corpo-ambiente, são discussões que emergem dos procedimentos de caminhada e que percorrem o processo de síntese criativa, no sentido de delinear as formas de operacionalizar a performance artística nas suas inúmeras possibilidades.

Essa conexão de sentido se dá uma vez que o pensar o corpo não pode ser compreendido como uma função meramente intelectual. Pensar o corpo me parece ser um exercício da experiência, da reflexão e da consciência, no entendimento de que o corpo ocupa o espaço e o tempo da ação humana. Não que este seja instrumento da ação; pelo contrário, ele é parte da ação, integrante do movimento, é parte da consciência.

Assim, a consciência do corpo nasce dos poros da consciência: onde nada do exterior se suspende a uma palavra, o corpo vem preencher a lacuna. Sob que forma o corpo apaga os buracos da consciência, irradiando em seguida sobre toda a sua superfície? Sob a forma de pequenas percepções: dos movimentos do corpo, dos movimentos afectivos, cinestésicos, pequenas percepções do espaço e do tempo. A consciência desperta, clara, é obscurecida pela invasão

de todos esses elementos impuros. Torna-se atmosférica, adquire uma textura: aquilo que a psicologia tradicional descreve como um ‘abaixamento do limiar da consciência’ deve ser entendido como uma transformação da própria natureza da consciência. A consciência dos movimentos mudou-se em movimentos de consciência. (GIL, 2002, [s.p.])

Vivenciar esse corpo, no contexto da contemporaneidade, onde a velocidade das ações, reações e relações pertence a uma dinâmica nova, é uma experiência de constante percepção, em específico das coisas menores, dos movimentos pequenos, das imagens que passam aceleradas aos nossos olhos, dos sons que mal podem ser percebidos numa paisagem *hi-fi*, de mensagens instantâneas, que criam essas lacunas, que se tornam o espaço do corpo. Assim, corpo e pensamento são indissociáveis, o pensamento se torna ação, “eis que o movimento do corpo se torna movimento de pensamento” (*idem*). Daí que pensar é tido como o próprio agir, o pensamento é a própria ação do corpo.

Mas quando o corpo se fixa aos padrões, ou a determinações, que podem ser internas ou externas, ele inibe suas possibilidades de agir e de pensar, tolhe sua própria consciência, e prende-se àquilo que lhe é estipulado como razão. Um corpo que não toma consciência de seu estado de nova consciência se limita e condena-se a si mesmo. Quando pensamos especificamente no corpo feminino, há ainda uma contribuição histórica relevante no que tange às práticas de padronização da função e posição da mulher na sociedade, o que implica diretamente os modos de operar do próprio corpo. Conforme assinalou Mauss em seu artigo: *As técnicas do corpo*, “Ato técnico, ato físico, ato mágico e religioso confundem-se para o agente (...) corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é o seu corpo.” (1974, p.407). A padronização dos corpos em função de um aparato midiático e tecnológico é o avesso da situação de vulnerabilidade que está em cheque aqui, no entanto é uma das referências a partir das quais esses corpos à margem são viabilizados e enquadrados, o que gera exigências quanto à comodidade e eficiência técnica dos modos como eles operam socialmente.

E um dos desafios que se impõe nesse processo de criação esteja no que tange o próprio entendimento dos conteúdos que englobam o conceito de performance em dança, e de que modo e a que público ela comunica, uma vez que a produção dessa síntese parte da experimentação, e desenha percursos inusitados. Ou seja, a consciência

da necessidade de que este ato performativo seja vivenciado na rua, no ambiente da urbe ou das margens da cidade, e a um público muitas vezes desavisado, muda de antemão a forma da experiência, implica expectativas que estão postas pela ação comunicativa.

As dissonâncias da comunicação entre o artista e público geram um sem fim que indagações sobre o processo de criação para além da relação do autor com sua obra, mas que dizem a ver com a mensagem, o entendimento, e até com o propósito da obra de arte de modo geral. Será que é preciso que o público compreenda a obra, seu conteúdo ou seu apelo estético? A arte deve ter esse papel “pedagogizante”; está implícita num produto artístico a função de educador ou formador de público? Se o espectador está em universo de sentido alheio ao do artista e sua obra, e essa compreensão não se dá da maneira esperada pelo artista, esse processo comunicativo é eficiente? Qual a função da arte nesse caso? Para Becker, em “Mundos da Arte”, é reconhecível o condicionamento da síntese artística (e sua assimilação, seja isso relevante ou não) aos contextos aos quais se encontram os receptores, e é nessa troca, nesse encontro de saberes implicados, que se mobilizam as percepções e compreensões, nas devidas dimensões ou alcance do público, definindo também o papel ou função social de artista, obra e espectador:

Entretanto, os conhecimentos do público iniciado não englobam a totalidade do saber dos profissionais do mundo da arte. Ele não sabe mais do que o necessário para desempenhar seu papel na actividade cooperativa, ou seja: compreender, apreciar e apoiar as actividades daqueles que tem a qualidade de artistas no mundo considerado. (BECKER, 2010, p. 66)

Ou seja, as convenções que são determinadas desde a concepção de uma obra pelo artista, que envolvem todo o processo de criação e de recepção da obra, acabam também desenhando qual o modo de operar desse artista – e sua obra – no que diz respeito às expectativas sobre sua implicação no mundo. É na relação que irá emergir o encontro de sentidos e de inquietações, ainda que permeado por dissonâncias de léxicos, por diferentes arcabouços estéticos, fazendo com que a obra seja mais ou menos parte de um processo pedagógico por si só, ou apropriada para tal finalidade. De qualquer maneira, é pelo atravessamento do mundo do artista no mundo do espectador, nesse embate instigante, que a arte contempla sua própria função, sua própria existência como sensibilizadora e mobilizadora de novos mundos possíveis.

3.3. Contradições e idiossincrasias: a cena e suas reverberações

*Teus olhos, ouvidos, pele
Nada mais é meu
Oferecido no altar da cena
O ópio d'alma
Faz recriar
O que agora habita em ti*

Pensar a cena é um grande desafio. E aqui, especificamente, o que constitui o desafio é a expressão corporificada, a comunicação da síntese dos processos experimentados até o momento, porém, não como uma tradução de fases ou etapas, mas como a implicação íntima no corpo das vivências que se acumulam, mas também se transformam e atualizam, desde o começo da pesquisa.

A princípio, o que se pretende nesse momento, é explorar de maneira prática a ideia de mapear o espaço, assim como o corpo no espaço, ou seja, apresentar o percurso do corpo no espaço a partir da noção de desocupação, com ênfase nos estados corporais emergentes das ações e emoções na interação com o ambiente e com a fluidez dos pensamentos, e como esses estados atribuem sentido e significam as escolhas no percurso, nesse caso, do ambiente urbano.

Enquanto são elaborados os experimentos que pretendem dar forma à cena, a ideia de simultaneidade vem aparecendo como algo primordial: o modo como a “andança” acontece como resposta e pergunta na relação com o ambiente, as escolhas de ação emergem da percepção do ambiente, na mesma proporção que esse se reelabora a partir da percepção do corpo em movimento. Esse jogo dinâmico vai compondo um percurso que aparece como fruto da interação, e estabelecendo uma cartografia cênica corporal *in loco*, em outras palavras:

Mapear é buscar entender como o homem encontra e comprehende o mundo enquanto ele acontece. Para a construção de mapas, duas palavras são muito importantes: processo e interatividade. Processo porque o mapa é uma forma de visualização que contém as modificações que o objeto vai adquirindo, o que seria seu próprio processo evolutivo. Interatividade porque um mapa nunca se faz objetivamente, sempre existe a interação entre a singularidade de um corpo e a objetualidade de um objeto. Além disso, as palavras processo e interatividade andam sempre juntas porque, enquanto estamos em processo, as informações estão em constante movimento, e os corpos e ambientes estão interagindo constantemente. Portanto, as interações já estão agindo em tempo real sobre o processo que está se formando. (NEVES, p.6)

E na construção dessa malha de fios, desse mapa de ideia e ações, propõe-se também uma intervenção do público com a materialidade de objetos, de modo que possa ser assimilado de alguma maneira esse conceito de desapego, noção tão cara à experiência nômade, que permeia a caminhada enquanto ato político, para além de sua funcionalidade, mas como ação de deslocamento do corpo – vida – no espaço.

Como síntese deste percurso de pesquisa, a mostragem da cena se constitui como ápice do processo, como um resumo mesmo, cênico, das questões que foram levantadas até aqui, colocadas no mundo, propostas para o público, com o convite ao escrutínio e à colaboratividade. Aconteceu então a apresentação deste processo, nominado “Andante inadequadA”, como referência à construção da andança como ferramenta de inadequação às normativas da sociedade de consumo, à um despertar cotidiano inerente à existência plena e consciente, um convite mesmo caminhar encantada e conscientemente, ainda que dos próprios devaneios e imaginações.

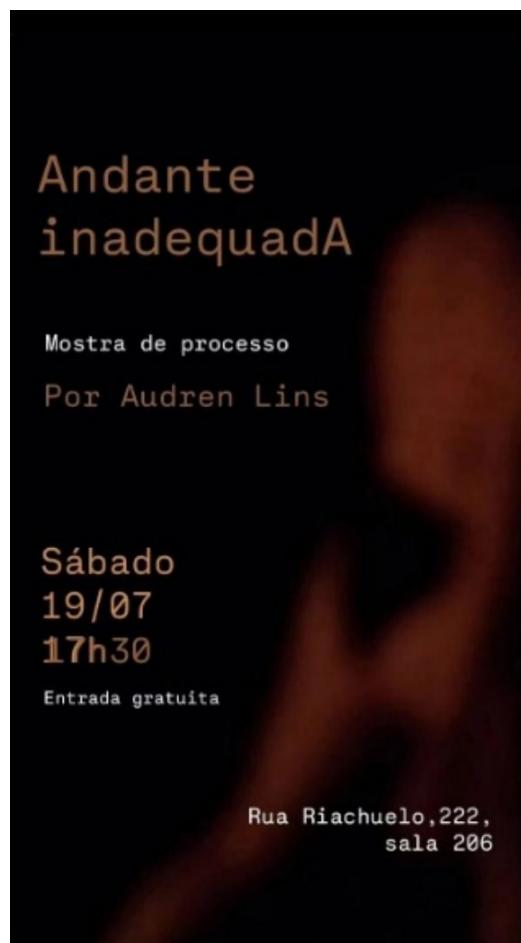


Figura 6: divulgação da mostra pública apresentada em jul/2025

Dito isso, a apresentação da cena se constituiu em três fases: uma primeira etapa, dentro de casa, do apartamento, com uma preparação para a caminhada, onde eu organizo os itens que julgo necessários para “enfrentar” um percurso andando pela cidade. Enquanto me levanto, me alimento, me visto e organizo minha mochila e minha bolsa (pochete), uma câmera transmite ao vivo para o público que assiste à uma projeção de dentro de um estúdio, localizado também no centro de Curitiba. Após sair do apartamento e do prédio, visto os sapatos e sigo caminhando pelo centro da cidade, e a transmissão ao vivo continua.

Nesse segundo momento, durante a caminhada, “abandono” um a um os itens que carrego: relógio, chaves, bolsa, carteira como documentos, mochila, sapatos e roupas, até chegar no estúdio, somente com as roupas íntimas, onde o público espera.



Figura 7: transmissão ao vivo da caminhada (acervo pessoal)

Durante a transmissão da caminhada, o público está acompanhando ao som das vozes de alguns dos entrevistados, algumas falas significativas que se comunicam com as imagens no telão. Também ouvem sons de paisagens sonoras diversas, sons de uma grande cidade, sons de praia, de trem, de floresta (ambientes nos quais fiz experimentos de andança), e também alguns trechos de relatos pessoais meus, gravados na elaboração dos diários de bordo, sempre quando do retorno de alguma caminhada.

No terceiro momento, a transmissão se encerra, sendo substituída pela minha chegada. Então me lavo, os pés, as mãos e o rosto em uma bacia com água, seco o corpo, me vejo no espelho e faço uma simples maquiagem tribal, visto uma camisa clara, e apresento uma composição de movimentos oriunda dos testes de estados corporais decorrentes dos experimentos de caminhada.



Figura 8: cena da bacia (acervo pessoal)

A cena com a bacia cheia de água, os pés, mãos, rosto lavados e secos, se tornou um momento muito importante, significativo para a transição do que se compõem como uma caminhada na rua, que tem um tipo de qualidade de movimento, relação com o público e a câmera, implicação cênica, para uma mostra dos estados corporais investigados e compostos em solo de dança. Isso porque nesse momento, eu me lavo, seco e visto uma camisa. Como quem chega à casa.

E isso eu ouvi com ênfase nas entrevistas que fiz: a relação com a água, a potência do banho como renovo, reencontro, recomeço, seja ao retornar pra casa física, seja para significar uma pausa, um momento de paragem e descanso. O uso do espelho e da maquiagem vão também nessa mesma direção, de reforçar a passagem de uma etapa para a outra.

E sempre tinha passeio de fazer trilha. Eu via gente que passava perrengues que eu não gostaria de passar e eu não cheguei nunca a passar. Em todos os aspectos, não só esses corporais, eu sempre conseguia evitar. Então sempre estava muito saudável, tomava banho todos os dias, inclusive mesmo morando na kombi quatro anos, era uma regra parar no meio da estrada para tomar banho nos rios, lavar roupa nos rios e ficar bem saudável, não pegar doenças, não ficar assim...

F.L.C.

Eu mesma aqui em Curitiba, se eu pego a minha mochila e o Chisco, e eu ando por um lado da ordem, que eu não me conheço, eu sou uma viajante mais, tipo, mas quem me conhece aqui em Curitiba, porque eu já tenho como uma base, e também sabem que a gente viaja, que a gente dá um pulo, é tipo, é muita... é um portal aberto, assim, tipo, nada falta, tipo, eu aprendi que é como que... em casa a gente tem tudo, você vai abrir o fogão e tem um gás e o fogo, você vai tomar banho, você abre a torneira, você tem água quentinha pra tomar banho, você abre a geladeira, usa comida, você tem tudo, tem tudo na vida, tem tudo. E quando você tá na estrada, independentemente de mochila ou de bicicleta, você tem que ir atrás dessas coisas, ou tem que se priorizar ou prevenir nessas coisas, então, tipo, eu sinto que essa sensação de gratidão, de valorar as coisas aí, quando você

não as tem, é como uma grande oportunidade de poder abraçar a vida com muita honra de si.

J.M.B.

Nessa caminhada em especial era um lugar que realmente só se chegava andando ou de animais assim né, burros né, e essa questão das distâncias de um lugar pra o outro, ninguém usava quilômetros, milhas, sei lá, medidas de distância pra dizer, era tudo em hora.

Quanto é mais ou menos daqui pra... eu ficar, “rapaz, umas cinco horas”, mas porra, cinco horas? Cinco horas no meu passo ou no... não sei o quê... é nativo assim, sabe. Então a galera passava... “dá umas três horas” a galera passava assim por mim, eu ficava pra trás. Se for três horas no passo desse cara, o meu vai ser cinco, seis, né. Então tinha essa coisa né, que eu ficava tentando entender. E aí o que pra mim pegava muito, porque eu pensava: “ficar sem comer um dia, dois dias... eu vou conseguir assim... vai ser difícil e tal... mas água não dá.”

E aí era o que me preocupava. E eu peguei por excesso, assim, eu carregava umas garrafas de água — e água pesa, né. E aí eu cheguei um dia, lá pro sexto dia, eu tive um... machuquei o ombro assim, né, machuquei o ombro que eu dei uma crise mesmo, e aí eu tive que parar, eu tive que tomar uma medicação e fazer de extensionar assim, porque eu machuquei o ombro mesmo do peso.

E eu tinha um pouco de medo ali, né, porque tinha essa coisa dessa tensão, desse medo de faltar água, de faltar enfim... de não dar conta... E era uma coisa que realmente assim, eu comecei, eu tinha que terminar. Porque depois de um tempo ali, não tem como voltar. Ainda mais... a próxima cidade só ficava daqui a dois dias, voltando era quatro. Então tinha uma coisa assim de que tinha que ir até o final, né

U.A.C.

O solo de dança que segue se compõem por quatro momentos: 1) articulações de membros inferiores e quadril, ritmo e música latina; 2) níveis alto, médio e baixo num percurso retilíneo e linear rente à parede, com uso das direções – frente e trás e música instrumental; 3) espirais e torções, giros e saltos com deslocamento circular pelo espaço

e música folk alemã; 4) estudo do eixo e equilíbrio sobre os pés, em cima dos pneus e música pop inglesa. Cada um desses momentos apresenta uma síntese da pesquisa de estados corporais que foram sendo elencados a partir das percepções e perguntas apresentadas nos relatos de caminhada. Os testes de exploração do movimento que provinha da percepção dos experimentos de caminhada foram sendo refinados e elaborados até que resultaram nessa breve estrutura cênica, na escolha dos objetos cênicos, figurino, maquiagem e trilha sonora.

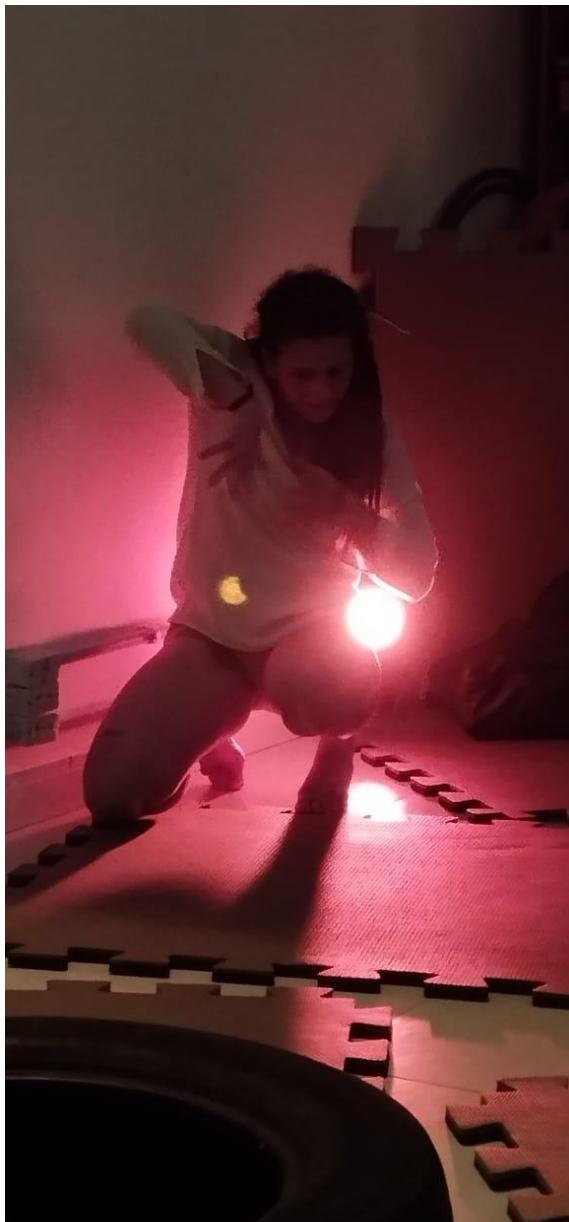


Figura 9: movimento 1, articular (acervo pessoal)

O primeiro momento da cena evoca à função articular que promove deslocamento, às percepções dos movimentos de dedos, tornozelos, joelhos e quadril como primordiais a caminhada (bípede, que é a minha caminhada), e como essas bases articulares reverberam para a parte superior do corpo até o pescoço e a cabeça. Esse momento explora os movimentos dos pés, a escolha dos caminhos no chão, entre os tatames posicionados como ilhas, ou quadras da cidade, como blocos de montar, com referência a um mapa, e às escolhas que fazemos ao caminhar, especialmente ao percurso e às barreiras e possíveis obstáculos.

Num segundo momento as movimentações exploram a relação com a parede, com a bidimensionalidade, e direção para frente e para trás. Os movimentos acontecem na exploração dos níveis médio e baixo, com o centro de gravidade especialmente na pelve e no ventre.



Figura 10: movimento 2, direção frente/traz (acervo pessoal)

Essa direção frente/trás, passando pelo ventre, apresenta uma questão muito potente, que foi por mim experienciada, mas também que foi relatada nas entrevistas com viajantes: o modo como a trajetória da caminhada se relaciona profundamente com a trajetória biográfica de cada um, e ainda, com a trajetória ancestral, com aquelas memórias do passado e com a expectativa de futuro, a relação potente com o devir ser. Esse corpo mais rente ao solo, que em movimento se conecta com raízes e com ancestralidade, com uma visita à própria biografia enquanto experimenta com atenção a movência no presente, quer comunicar a profunda relação temporal que se percebe no ato da caminhada.

Ou seja, esse estado de presença dá possibilidade de encontrar memórias de vida. No meu caso, essa cena me conecta com a maternidade, e a centralidade do ventre como ponto de partida para o mover, seja para frente ou para trás, para o passado ou para o futuro, para minhas ancestrais ou meu legado, é o argumento principal desse mover.

O terceiro momento da cena elabora-se a partir de uma experiência oriunda de uma caminhada de longa duração, e que trouxe à tona uma questão sobre a qual discorro com mais detalhes no item 2.1.. Durante a caminhada em questão, em um determinado momento, percebi que minha percepção estava alterada. Já muito exausta fisicamente, mas sem sentir dor localizada ou sofrimento, acolhi um estado alterado de percepção e de consciência, sem abandonar a dinâmica do caminhar.

E foi dessa experiência que emergiu a movimentação que se apresenta aqui, uma espiral vibrante, ascendente, que começa nos calcanhares e vai até a garganta, com a boca aberta e a cabeça levemente para trás. Junto com esse estudo de espirais, vieram os giros e a busca por um tônus mais “frouxo”, um fluxo contínuo, porém “do centro pra fora”, expansivo, irradiando energeticamente do centro (estômago, costelas) para as extremidades (mãos, pés e cabeça).

Por fim, num último momento, exploro essas mesmas espirais, ascendentes, porém agora num fluxo contínuo, com um tônus mais firme, em cima de dois pneus de carro, me equilibrando em direção a uma luz que vem do alto, um foco sobre mim.



Figura 11: movimento 3, espirais e giros (acervo pessoal)

A noção de equilíbrio e desequilíbrio também merece aqui um adendo, já que foi recorrente nos retornos das caminhadas. Sempre experimentei passos firmes, mais rápidos ou lentos, porém sempre firmes. Fosse na calçada, sobre as pedras ou raízes, sobre a areia, ou na grama, mais vigorosa ou mais cansada, a sensação de desequilíbrio não apareceu de forma significativa durante nenhuma das minhas caminhadas.

No entanto, em geral, ao retornar, parar o movimento contínuo de andar, a reverberação desse mover que se torna em certo ponto algo quase automático, uma ação inevitável do corpo, trazia esse desconforto do desequilíbrio, um formigamento no corpo todo, mas especialmente uma contradição do sentido de parar, mas de ter um corpo que segue movendo, que segue andando.

Para além da sensação nos músculos e nos órgãos viscerais, muito fortemente no ventre e também na cabeça e pescoço, esse descompasso me encantou pela metáfora.



Figura 12: movimento 4, equilíbrio (acervo pessoal)

Pensar sobre o uso dos transportes, quando estamos parados dentro de um carro, um ônibus, um caminhão, que locomovem e nos colocam em deslocamento pelo espaço. Como esse movimento é diferente que quando estamos caminhando ou andando de bicicleta e temos um corpo que produz com movimento o deslocamento pelo espaço.

Assim como essa poesia que é chegar querendo partir, e partir querendo ficar. Um corpo que para de caminhar e sente ainda a caminhada nos músculos, mesmo tentando permanecer no lugar. Me faz pensar muito nas memórias que cada célula carrega, nos desejos que habitam cada pequena parte do corpo.

...porque eu fui ajudado por muitas pessoas, muitas pessoas, desde quando eu pedia carona, eu botava assim, ó, o dedo lá na estrada, as pessoas paravam e me levavam assim, e eu não entendia porque as pessoas faziam isso, assim, caramba, simplesmente tô indo, tá ligado, tô conseguindo chegar onde eu quero chegar, e muitas pessoas me recebiam em casa, né, me recebiam, eu dormi, sei lá, vou chutar assim, mas uns 40, uns 40 casas de pessoas que me receberam assim, sabe, e de pessoas que, de famílias que me recebeu e me acolheu de uma forma tão intensa que eu cheguei a passar uma semana lá com eles, assim, como membro da família, assim, eu fui adotado por algumas famílias, eu acho que todo país que eu passei, eu brincava assim, acho que todo país eu fui adotado por uma família diferente, pelo menos em algum momento, assim, sabe, e enfim, esses vínculos, essas conexões que tomam outra proporção, né, a gente tava falando da intimidade relacionada com o tempo, mas também com a intensidade das coisas, né, eu acho que às vezes passar uma semana sendo recebido por uma família, vivendo ali com eles, comendo e acordando, dormindo ali com eles, me colocava em um lugar assim mesmo de que, caramba, eu sei que se eu voltar pra cá essas pessoas vão me receber às vezes e eu espero poder recebê-los, né, e eu ficava assim, viajando, sem conseguir compreender muito bem porque tantas pessoas me ajudavam, assim, sabe, e eu, no final das contas, eu acho que uma das pistas que eu tenho sobre isso é que muita gente tem o desejo de fazer isso e eu acho que era nesse espelhamento, sabe, que as pessoas me acolhiam esse ato que elas desejavam, assim, muitas pessoas que me recebiam em casa falavam assim, nossa, um dia eu quero muito fazer isso que você tá fazendo, eu falava, vai, pô, vamos fazer isso, tal, vai me visitar no Brasil, vai dar um rolê, que não sei o que e tal, e eu acho que as pessoas olhavam pra mim, quando olhavam maluco eu pedia um carona na estrada, parava e falava, não, já pedi carona também, que não sei o que e tal, então as pessoas acabavam se espelhando um pouco nisso, nos desejos delas e a partir disso me acolhiam, assim, e a gente vivia trocas intensas, impressionantes e no final das contas muitas vezes eu que tava ali sendo acolhido, ajudado, saía com a sensação de que no fundo eu também deixei uma coisa pra essas pessoas, sabe, então acho que essa troca também eu acho uma coisa bem interessante de ser pontuada, assim.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chego a esse momento do percurso de caminhada com o desejo de fazer aqui, como em um diário, um balanço, um saldo, um relato ou registro das fases, das sensações, das partes que se moveram, das perguntas que seguem sem repostas e das questões que reverberaram profundamente. Tal qual a caminhada, essa pesquisa não se pretende com destino ou ponto final, mas como norte para seguir andando e encantando-se com os caminhos e encontros, desatrelando porteiras, cercas e territórios, alcançando o próximo ponto de refugo, para descansar os pés.

Para tal, primeiro ponto a ser levantado diz respeito aos atravessamentos das experiências em campo: o modo como a vivência da caminhada, os experimentos no ambiente – desde a percepção, passando pela elaboração de critérios, até a propositiva de roteiros e dinâmicas de ação para definição os estados corporais escolhidos – é o tempo todo atravessada e contaminada pelo contato prévio com a vida e relato de pessoas que estiveram (ou buscaram estar) na condição de andarilho. É marcante como as emoções e as reações do meu corpo durante os experimentos (tanto na caminhada, quanto em estúdio antes ou depois das caminhadas) se comunicaram diretamente com as memórias e os estados corporais que haviam sido demarcados quando do período de entrevistas e estudos em relação à andarilhagem, às comunidades, aos territórios, às fronteiras, etc.. Mas especialmente, o que mais aparece, são as falas, os relatos das pessoas que mobilizaram esse trabalho, suas reações, o choro, a modulação da voz quando da tristeza ou da euforia, o balançar das mãos, as risadas, a vergonha, tudo que vi e ouvi agora, enquanto caminho, me realoca na experiência, assim como, quando busco síntese na ação do corpo em estúdio.

Me parece que aqui se desenha um novo desafio, para a próxima etapa do trabalho: manejar mais uma vez essa interlocução de narrativas no corpo, para realocar essa experiência na cena urbana e de modo a elaborar um discurso performativo que comunique com certa assertividade essas etapas do processo e as crenças e ideias que me são tão caras desde o início deste percurso. Isso ainda com o cuidado de que a ação cênica se apresente de modo genuíno, não como mimese ou caricatura das etapas subscritas até então, mas como uma nova síntese, no seu tempo e espaço, presentificada,

porém carregada das questões que a trazem à tona e que a qualificam para estar onde está.

Dentre as arestas das angustias a serem aparadas, em relação à essa pesquisa, creio que como inquietação pessoal, me fica uma busca pelo engendramento cada vez mais intrínseco de um aparato teórico-filosófico – e historiográfico – para a relação da arquitetura urbana, da geopolítica, com a dimensão mais íntima das performances individuais e cotidianas de andanças. Assim como me parece necessária a busca por um olhar para a dimensão mais sensível do desejo humano, da psiquê, daquilo que move e comove, que mobiliza o âmago de cada um a “nomadizar”. Investigar esse despertar para um estado de existência atento e presente me instiga. E talvez nesse quesito se presente uma síntese um tanto mais concreta da execução dessa pesquisa.

Após a mostra de “Andante inadequadA” foi realizada uma roda de conversa, um debate onde o público pôde perguntar, sugerir, inquirir, dialogar e contribuir para o processo de criação, especialmente apresentando suas impressões sobre a experiência. Ouvir como cada um foi impactado, como cada pessoa “leu”, em especial a caminhada, fez ressoar a questão mais primordial das discussões propostas nessa pesquisa: o entendimento da caminhada como ferramenta possível para a elaboração de uma ética/estética outra da existência, num sentido mesmo de despertar. Nesse momento de troca de impressões, foi muito satisfatório perceber que nessas frestas na alienação da vida, seja num sentido mais da fisicalidade dos aprisionamentos da experiência, ou na dimensão mais psicológica, é possível encarar o deslocamento atento e consciente como movência inventiva.

E para além disso, que a dança, a síntese de processo que acabávamos de vivenciar repercutiu no público também esse anseio. E não que o que se buscasse aqui fosse um destino, mas assimilar esse entendimento coletivo, foi sim, um respiro salutar nessa jornada.

5. REFERÊNCIAS

- BAUMAM, Zygmunt. *O medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BECKER, Howard Saul. *Mundos da arte*. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.
- BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CASTEL, Robert. *A insegurança Social*. O que é ser protegido? Petrópolis: Vozes, 2005.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert; e SCOTSON, John. L.; *Os estabelecidos e os outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade; tradução Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Süsskind – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.
- GREINER, Christine. *O corpo e os mapas da alteridade*. MORINGA - Artes do Espetáculo, [S.I.], v.10, n.2, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.2177-8841.2019v10n2.49816. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/49816>. Acesso em: 30 jan. 2024
- GIL, José. *O corpo paradoxal*. In: LINS, Daniel; GADELHA, Sylvio (orgs.). *Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo*. São Paulo: Relume Dumará, 2002.
- HASEMAN, Brad. *Manifesto pela pesquisa performativa*. Resumos do Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/US. São Paulo: PPGAC-ECA/USP, 2015. v.3, n.1.
- HOBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- KATZ, H. ; GREINER, C . *A natureza cultural do corpo*. In: Roberto Pereira; Silvia Sotter. (Org.). *Lições de Dança* 3. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora UniverCidade, 2002, v. 1, p. 77-102.
- KONRATH, Germana. *Fábulas e fronteiras na poética urbana de Francis Alys*, Palíndromo, v.9, n.18, p.106-127, mai/ago 2017
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*: v. 1. São Paulo: EPU: Edusp, 1974.
- MBEMBE, Achille. *Políticas da Inimizade*. Trad. de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017, 250p.

NEVES, Heloisa. *O mapa [ou] um estudo sobre representações complexas*. Disponível em: <http://www.corpocidade.dan.ufba.br/dobra/02_02_artigo.htm>. Acesso em: 02 fev 2024

SANTANA, Sandra R. O. *Quando o andar se torna uma dança*. Disponível em: file:///C:/Users/audre/Downloads/monica,+santaana.pdf. Acesso em: fev, 2024.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Horizontes do corpo*. In: BUENO, Maria Lúcia; CASTRO, Ana Lúcia de (orgs.). *Corpo, território da cultura*. São Paulo: Annaplume, 2005.

SCHECHNER, Richard. *Performance Theory*. New York, USA: Routledge, 2003 [1985].

SHIRKY, Clay. *A Cultura da Participação: Criatividade e Generosidade no mundo Conectado*. E-book. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SETENTA, Jussara S. *Da potência ao ato. Da ideia para a ação: o corpo em estado de definição*. Cognitio-estudos: Revista eletrônica de filosofia, São Paulo, vol.2, p. 105-111, jul-dez 2005.

SILVA, Rubens Alves, da. *Entre “artes” e “ciências”*: a noção de performance e drama no campo das ciências sociais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 35-65, jul./dez. 2005

SPINELLI JR., Vamberto. *Bauman e a impossibilidade da comunidade*. CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais Número 11 – Outubro de 2006 Pág. 01-13 ISSN 1517-6916 Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/caos/article/view/46915/28273> Acesso em: 30 jan. 2024

TOMASELLO, Michael. *¿Por qué cooperamos?* Madrid: Katz Editores. 2010

TURNER, Victor W. *O processo ritual*. Estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978 [1909].

VELLOSO, Marila. Invertendo lentes: entre a possibilidade e o aprisionamento da experiência. In: Workshop Corpo Em Movimento, 1, Curitiba. Anais, Faculdade de Artes do Paraná – FAP, 2007.

VIEIRA, Jorge Albuquerque. Teoria do Conhecimento – Formas de Conhecimento: Arte e Ciência Uma Visão A Partir da Complexidade. Páginas 77 à 85.

ANEXOS

AMÉRICA NO CORPO, ARTE NOS POROS

Entrevista com U.C.A

U.C.A: Bem, então, eu sou U.A.C., A. de mãe, C. de pai e eu sou baiano, um natural de Alagoinhas, interior da Bahia, e eu morei, vim pra Salvador, onde moro atualmente, pra estudar, na verdade, sair de Alagoinhas com 18 anos, pra ir estudar em Feira de Santana, que é uma cidade maior, um pouco maior, Alagoinhas deve ter, assim, uns 100 mil habitantes, 160 mil habitantes, é uma cidade médio porte, e eu saí de lá pra estudar em Feira, e que tinha, assim, né, ter uma infraestrutura um pouco melhor, ainda com a cidade que eu detesto, mas morei lá um ano, e depois vim pra Salvador, onde morei cinco anos, e onde me graduatei em Odontologia, aí eu saí de Salvador pra ir pra uma cidade maior que Salvador ainda, que foi o Rio de Janeiro, e foi também muito norteado, né, assim, por ações, ah, eu sou filho de uma capricorniana, então eu acho que eu sempre fui criado com uma, né, minha mãe sempre me incentivou a um certo pragmatismo, assim, né, as coisas precisavam ter razão, precisavam ter um certo objetivo e tal, e eu acho que essa coisa do trabalho, o trabalho normativo, né, o trabalho acabou ocupando um certo espaço de importância, assim, então, e essa ideia de uma formação também acabou me gerando tipos de impulso e coragem pra fazer movimentos, né, então eu acho que é por isso que eu saio de Alagoinhas, porque eu venho pra Salvador, de Salvador eu saio pro Rio, e no Rio eu fiz residência em Saúde da Família, foi quando eu entrei pra Saúde Pública, fui ser profissional do SUS e lá vivi cinco anos, foi muito importante esse tempo no Rio de Janeiro, mas depois eu saí do Rio e fui pra São Paulo, e em São Paulo, assim, também norteado por um certo questão, assim, de trabalho, mas, é, na verdade eu acho que eu gosto muito do Rio de Janeiro, ainda tenho uma certa paixão pelaquela cidade, mas eu acho que o meu limite lá tinha dado, assim, então eu reconhecia também que eu estava por um certo limite, assim, mesmo fisiológico, assim, tipo, eu tinha alopecia na barba, eu tinha, enfim, crises e tal, e eu fui entendendo que aquele momento tinha esgotado, assim, tava meio difícil, eu fui sair, e acho que São Paulo, com essa grande encruzilhada, né, acabou me recebendo, assim, né, São Paulo é uma cidade muito dura, mas que recebe, recebe as pessoas, do seu jeito, né, do seu jeito meio esquisito, assim, e lá morei quatro anos, eu fui pra passar um ano e meio, acabei ficando quatro anos, também fui alcançado aí por uma pandemia, e vivi a pandemia em São Paulo, e depois eu também entendi, né, como é isso, passei muito mais tempo do que eu imaginei, é uma cidade também que não me convidou a me apaixonar muito, passar por muito tempo nela, apesar de ter vivido várias outras paixões, mas, é, depois, fui de lá e vivi um ano e meio de nomadismo, do México até a Argentina, voltando pro Brasil, então, caminhei bastante nesse ano e meio aí, e atualmente, voltei, passei, morei um tempo, voltei pra Bahia, fiquei na Chapada de Amantina, atualmente estou em Salvador, e fico entre Salvador e a Chapada, assim, ainda, não, acho que agora eu voltei a parar um pouco, né, acho que estava precisando desse tempo, então, eu me considero uma pessoa que migrou, assim, sempre, né, e eu fui entendendo isso com o tempo, porque durante esse um ano e meio aí que eu fiquei com a mochila nas costas mesmo, eu achava que eu demorei pra entender que eu não tinha me tornado uma pessoa que migra, quando eu comecei essa viagem com a mochila, né, eu demorou pra cair um pouco a ficha de que, na verdade, eu sempre estive nesse movimento, e, inclusive, um dos sites, um dos momentos, assim, a manhã que eu tive foi muito a partir de uma música do Rosy Dressler, que é um uruguai, né, que chama Movimento, e que me fez refletir sobre a minha família, e minha mãe é uma mulher mineira, que foi morar no Nordeste, passou por Alagoas, passou por Sergipe, depois parou na Bahia, em Alagoinhas, e então, e assim, parte da minha família também fez esses movimentos, assim, então eu entendi que não era só eu, eu já era filho de pessoas que

migram, assim, né, então, e como diz na música também, imagino que não vai parar em mim, né, acho que isso passa, isso vem e isso também, né, então, um pouco disso, atualmente, tô em Salvador, isso é um pouco de mim.

AUDREN: E tô lembrando aqui que esse movimento da mochila, né, de se falar, eu entendi que tava mochilando aí, você já tinha passado por isso brevemente uma vez, uma viagem internacional que você fez também, que foi mais ou menos assim, foi, ou você tinha viajado já antes, é, com outra característica, viagem, é, eu tinha outro caráter, assim, as viagens que você fez, mais longas, né, não viagens, assim, interestaduais, pra família, entre a família, né, essa viagem mais com caráter exploratório, assim, turístico que seja, mas, sim, então, eu acho que assim, né, eu sempre tive, e isso vem, assim, uma herança mesmo de minha mãe, essa curiosidade por conhecer e explorar, né, sentir outros lugares, conhecer gente, conhecer comida, cultura, música de outros lugares, e todos esses lugares que eu passei, assim, né, quando eu estive no Rio, eu tentei explorar bastante a região, né, daquela, as cidades, a serra, o litoral do estado e tal, e como eu tinha uma carga horária de trabalho intensa, assim, eu conseguia fazer mais isso, ou seja, viagens mais curtas, de feriados e tal, e férias, e quando fui pra São Paulo a mesma coisa, tentei explorar um pouco mais a região pra ver mesmo, né, eu me encantei por ver essas diferenças de vegetação, de, enfim, de cultura mesmo, de sotaque, né, de línguas, e uma das viagens internacionais que eu fiz, que foi assim, chegou a ser quase uns 30 dias, uns 30 e tantos, assim, foi pra Península Ibérica, né, Portugal, Espanha e o Marrocos. Eu fiz essa, acho que foi a primeira viagem com esse caráter um pouco mais exploratório, e foi ali que eu descobri uma das coisas impressionantes das línguas, assim, né...

U.C.A.: Primeira viagem com esse caráter um pouco mais exploratório, e foi ali que eu descobri uma das coisas impressionantes das línguas, assim, né, das diferenças de línguas. Nunca tinha estado, assim, em contato... quer dizer, uma vez eu fui, cheguei aí, tinha ido passar um feriado, assim, seis dias, em Santiago, no Chile, fui a Valparaíso também, mas... e foi meu primeiro contato com espanhol, que eu não sabia nada, então eu fiquei assim... porque eu nunca tinha estudado espanhol, fiquei aquele espanhol do Chile, espanhol difícil, assim, então eu fiquei meio perdido ali. Aí eu falei: caramba, eu preciso aprender outras línguas, assim, porque eu detesto ficar calado em um lugar onde as pessoas não me entendem, eu fico meio calado. Mas tem uma coisa que eu acho incrível também de viagem com essas diferenças de língua, que é a vontade de se comunicar, né? Que como as pessoas sentem, se comunicam mesmo não falando a mesma língua, assim. E aí, quando eu cheguei no Marrocos, assim, que as pessoas... a língua oficial é francês, mas as pessoas falam árabe, falam berbê, falam outras, outras, né, línguas da região e tal, e eu achava aquilo tudo muito impressionante, assim. Eu tinha uma sede mesmo de aprender como a língua molda as culturas também, né, ou talvez o contrário, não sei muito bem como. Acho que tem uma dialética, assim, né, nisso, mas como a travessa, né, a forma de se expressar, de se comunicar, a travessa, a comunicação, assim, também. E isso foi encantador, assim, pra mim. Então foi no Marrocos e Portugal, Espanha que eu tive essa primeira experiência, assim, fora. E aí é isso, né, como ir lá, ficando, buscando, sendo lugares muito... ser um roteiro pré-definido, assim, né, não sair com lugares pra ficar, tal. Eu tinha um... organizei uma coisa ou outra, tinha um roteiro pré-estabelecido, mas solto, né, e aí consegui explorar lugares que eu tinha imaginado, né. Porque também eu acho que quando a gente sai com um roteiro já definido, a gente só conhece o que a gente já conhecia, né. Eu acho que quando você tá mais solto, quando você chega em um lugar que você nunca ouviu falar em alguma coisa, em uma cidade, em um povoado, em uma cachoeira, ou sei lá, numa montanha, então você não tinha como organizar, colocar em um roteiro uma coisa que você não conhece. Quando você chega num lugar que você conhece, se você não tem espaço, se você não tem brecha, você também não vai, né. Então eu acho que isso é importante também, esses roteiros abertos. E foi nessa viagem que eu comecei a experimentar um pouco mais isso.

AUDREN: Eu acho que você já respondeu a minha próxima pergunta, então eu vou voltar um ponto antes, assim.

U.C.A.: Mas qual era a próxima pergunta?

AUDREN: É, eu queria começar um pouco... não, vou voltar. Eu queria começar um pouco pra saber isso do roteiro, assim, do ponto, né, desse plano, né, desse mapa, se ele existe ou não. Mas eu queria te perguntar antes, assim, nesses lugares onde você morou, né, desde a infância, se tu morou... qual que era o tipo de moradia, assim? Tu morou república, casa, mas sozinho? As moradias mesmo, né, durante a faculdade: se era república, se era casa de estudante, ou se tu conseguia morar solo, com poucas pessoas, enfim, do tipo de moradia, assim, tanto em Salvador, como no Rio, Feira de Santana.

U.C.A.: É, em Feira de Santana eu morei solo, morei numa kitnet, assim, tipo um lugarzinho bem pequeno, e como era Feira de Santana é próximo, dia Lagoinhas, eu dificilmente passava o final de semana lá, eu ia ficar, eu passava a semana, tinha ali questões mais práticas do dia a dia, e foi, aliás, um momento bem difícil, sim, mas também era jovem, assim, né, 18 anos, nada na cabeça, mas é isso, morei solo, e quando eu vim pra Salvador, eu morei em um apartamento e morei nesse apartamento toda a graduação, e mudou a configuração várias vezes, eu morei só, morei com parentes, morei com amigos, morei só de novo, então sempre tinha, foram cinco anos, ao longo desses anos a configuração mudou algumas vezes. No Rio eu morei, dividi uma casa com um amigo, então foi uma espécie de república, sim, um amigo que também estava na mesma formação que eu, e depois que eu fui morar com a minha companheira, né, então eu, no Rio mesmo, e quando fui pra São Paulo a gente já foi junto e morava junto, assim, então já dividindo a casa nesse sentido, né, aí morei, em São Paulo morei em apartamento, morei em casa, mas a maior parte do tempo então compartilhado, né? É, a maior parte, sim, já morei só, já morei só algum tempo, alguns anos, assim, mas a maior parte do tempo compartilhando mesmo.

AUDREN: Obrigada, acho que esse é um registro um pouco íntimo, assim, né, da adaptação, porque tem essa coisa da privacidade da casa, mas acho que me interessa um tanto saber, porque fica um vestígio dos ímpetos, assim, né, ímpetos sedentários, né, como que a gente habita quando a gente está alocado num espaço, né, como que a gente está vivendo enquanto está, você falou um pouco do trabalho, né, trabalho te faz sediar um espaço, né, escolher um lugar, você falou que no Rio estava chegando no limite ali e tal, né, então o que que você vive, né, de estado, de cidade, de lugar, e como que habita quando está lá, né, mas acho que me interessa mais nesse momento então é essa tua aventura, e de um ano mudando, viajando, né, e aí acho que eu queria te perguntar, voltar no que tu estava falando um pouco sobre a questão do roteiro, assim, se tu quiser falar um pouco também, o que que mobilizou, assim, para, talvez você tenha falado um pouco do trabalho já, mas se tiver alguma outra questão que mobilizou, que emporajou, que que foi pontapé, que te jogou na estrada mesmo, assim, sabe, tipo, ah, não, eu consigo tirar um ano sabático para a construção desse percurso mesmo, desse roteiro, né, como que foram as escolhas para saber para onde vamos.

U.C.A.: Então eu acho que essa viagem, né, que começou aí em 2023, no final de 2023, terminou, final, né, quase em 2000, início desse ano praticamente, final de dezembro de 2024, na verdade ela foi na contramão das outras, dos outros impulsos, né, com os outros eu acho que eu fui movido mais para essa coisa de buscar uma formação, ou seja, parece que tinha um plano de fundo, uma justificativa, algo, né, que justificasse esse movimento, estou indo para tal cidade a fim dele, e quando eu decidi viajar, e dessa forma, por mais tempo e mais solta, foi um pouco rompendo com essa lógica, assim, né, tipo, eu quero dar uma parada, eu não quero ter necessariamente justificativa, necessariamente lógica, algo que justifique, essa justificativa pelo capital, assim, né, não foi para fazer uma formação profissional, não foi para buscar um trabalho, mas eu acho que foi para fazer uma formação enquanto pessoa, né, enquanto identidade, assim, né, enquanto subjetividade também, e eu

queria, acho que tinha uma coisa assim, que acho que são coisas da vida social, assim mesmo, da conjuntura, do momento, de que eu comecei a entender que eu não ia ter necessariamente, eu não ia conseguir garantir uma aposentadoria, o que eu não queria esperar, uma aposentadoria chegar, para conseguir viver, para conseguir ter tempo, né, ter espaço de criar, enfim, e aí, enfim, era uma coisa que era como se fosse, digamos, uma pré-aposentadoria, né, um tempo de, desse que você falou, né, esse tempo sabático, assim, de... E aí, eu tinha uma coisa, de uma identidade, de uma construção, de enquanto América Latina, assim, que me chamava, assim, tinha uma voz que vinha, uma voz interior, assim, que me chamava para conhecer um pouco mais esse território que é nosso, e que eu sinto, né, eu senti, e aí hoje sinto mais ainda, de que o Brasil parece que, né, se coloca apartado desse território, né, e a gente tem tantas coisas, assim, incomuns, desde a história, desde a nossa, a história da nossa, né, sociedade, né, se atravessa muito, histórias muito pesadas que a gente compartilha e a partir disso corpos tão alegres também, né, tão festivos, né, que a gente compartilha, e sei lá, e tinha essa coisa que me encantava de alguma maneira, né, me dava um certo vontade, e acho que tem um atravessamento de uma espiritualidade, assim, também, que eu queria conhecer um pouco mais, na perspectiva ancestral, assim, né, que eu queria conhecer mais a ancestralidade, desse território, né, dos nossos territórios, assim, também, então eu tinha um pouco isso, esse desejo, e aí eu escolhi para o México, para iniciar, né, esse percurso, então eu voei até o México, e do México eu vim descendo por terra, né, e conhecendo, né, passando pelos lugares, vivendo os lugares, assim, explorando os lugares, e tinha um, esse atravessamento cultural, assim, esse atravessamento de identidade, né, pela música, pela espiritualidade, né, pelos ritos, né, pela cultura de cada território, de cada lugar, e eu não entendia muito bem o que eu estava buscando, assim, eu acho que eu não tinha isso claro, assim, eu achava até essa cabeça nossa acadêmica, né, que a gente estava falando, que tinha, né, o que eu precisava construir um projeto, ter uma coisa, assim, mais elaborada e tal, e eu fiz, ah, velho, foda-se, eu não vou construir porra nenhuma, eu só vou com o meu desejo, assim, sabe, eu vou escutar o meu desejo, eu vou ver o que que eu quero fazer, e eu acho que eu fui descobrindo no caminho o que que eu estava buscando, na verdade, assim, e muito pelas coisas que iam fazendo sentido, né, então eu ia deixando ser atravessado pelo desejo, falando, não, vamos ali, aí aquilo ia fazendo sentido e aí eu fui entendendo essas coisas, assim, isso foi ganhando vida, ganhando corpo mesmo, né, durante o processo.

AUDREN: Mas eu acho bonito que, é, que tu fala, assim, que dessa familiaridade, né, com a latinidade, com esse interesse, que já é uma piolha, né, então, as pessoas falam, assim, ah, não tinha um destino, não tinha um mapa, né, não tinha um mapa cartográfico desenhado, né, assim, mas acho que esse mapa interno teu que já te colocava nesse lugar de reconhecimento identitário, assim, né, acho que ele é um roteirizador de destino, esse objetivo pra gente escolher, né, pra apontar a direção, né, do percurso que vai fazer, assim, então, acho que quando você fala, assim, ah, a minha espiritualidade, a busca pela ancestralidade, a relação com a latinidade, te aponta uma direção, né, nesse mapa mundo gigantesco, não, é aqui que eu quero gastar meu tempo, energia, e aqui que eu quero descobrir não sei exatamente o que, mas é aqui que eu quero descobrir algo, assim, então, isso é muito bonito de ouvir você falar, assim, sabe?

U.C.A.: Até porque eu não ia pra qualquer lugar, não era pra qualquer lugar que eu ia pra onde fazia sentido mesmo, parecia que fazia sentido quando eu pesquisava, e aí eu acho, né, falando um pouco já de roteiro, assim, também, o roteiro, ele me exigia muito trabalho, assim, porque não era só uma coisa de a vida onde o vento soprar e o voo, acho que é assim, né, acho que onde o vento sopra e a gente vai, a gente acaba entrando em lugares que talvez a gente não deseje, né, e acho que aí é o desejo do vento, não é o nosso, e eu acho que eu queria me colocar, né, no processo, assim, então, eu, ainda que eu confie no vento, né, mas o que eu queria dizer é que, assim, eu pesquisava muito, eu queria, assim, dentro de um limite, né, o geográfico, assim, onde fazia sentido passar as rotas que tinham como possibilidade, porque também não adianta

querer ir pra um lugar que não tem possibilidade de chegada, mas as rotas que tinham possibilidades, que tinha nesse meio desse percurso e eu ia dando uma lida pesquisada e tal, mas principalmente escutando as pessoas, assim, eu escutava muito as pessoas nos encontros, né, e aí eu confiava muito na opinião das pessoas que eu tinha uma certa afinidade, me ligava, assim, uma pessoa que eu entendia que tinha uma visão crítica e ideológica que se aproximava mais um pouco, fazia mais um pouco de sentido com o que eu sentia também, né, e a pessoa falava, pô, isso aqui é interessante, vale a pena fazer esse desvio, vale a pena passar por aqui e tal, então, a partir disso eu descobri lugares impressionantes, assim, que eu nunca sequer tinha escutado falar e fui lá ver, experimentar, viver, né, então, era um pouco assim que eu ia construindo, né, o caminho, e aí eu escutava, eu ia buscar mais informação, eu ia perguntando, ah, o que você acha disso, aí eu conversava com duas, três, quatro pessoas, né, entendendo ali, então, acho que também foi muito a partir dos encontros, né, os encontros me sugerindo rotas, né?

AUDREN: Tem duas coisas, é, isso do encontro é belíssimo, né, entender que a gente se coloca na disposição das pessoas que vamos barrar no caminho, né, essa é uma questão importante, já quero voltar nela, mas tem duas coisas que você fala aí que me interessam muito, assim, uma delas é quando você fala, ah, eu fui, a gente também fiz meu roteiro a partir do que era possível, né, não ia num lugar onde não podia. Você acha que... é uma pergunta bem capciosa que eu vou fazer, né, mas você acha que essa pared de exposição, né, de uma estrada, de um meio de transporte, de um voto, de alguém falar “ó, nessa região tu não vai entrar”, porque eu acho que não é “não entre lá”... tu acha que isso foi... assim, o quanto tu acha que isso foi preponderante, assim, pra escolha do próximo lugar, ou do, né, se isso foi... se isso te restringiu... como que você sentiu em relação a isso, assim? Se isso te tirou, “ah, fiquei com muita vontade de ir em tal lugar e não fui porque não tinha acesso”, né, ou “fiquei mais tempo em tal lugar porque a acessibilidade de calçada, de rua, de transporte era mais confortável”... como que lido, como que tu consegue ver a tua relação com isso, assim, com o não acesso ao ambiente, sabe? Típico, “ah, não tinha uma estrada pra chegar naquela cachoeira que me falaram que era melhor e eu não fui porque não tinha como chegar ou não tinha quem me levasse”, né, ou “não, ou eu fiquei em tal cidade porque tinha muita moto fácil de me levar”, enfim. Essa restrição, ela te mobilizou de alguma maneira ou foi fácil de lidar, assim?

U.C.A.: Muitas vezes... assim, você foi falando, eu fui passando várias histórias aqui na cabeça, mas... muitas vezes, eu acho que teve muitos lugares que eu quis ir e não consegui, não consegui. Eu acho que o principal fator é grana mesmo, é dinheiro, assim. Tem um atravessamento de que muitos lugares se tornam inacessíveis porque são caros.

AUDREN: Privados.

U.C.A.: É... não necessariamente... porque, por exemplo... mas sim, também, né, porque privado... mas, por exemplo, que só chega com excursões, né, e aí... enfim, eu lembro agora de um vulcão na Guatemala super bonito que eu... porra, hoje eu me arrependo de não ter ido, mas, de fato, eu tava sem grana, assim, sabe? Não é que eu quis... não é que eu desisti de ir, é que eu quis ir, mas tava meio sem grana e era meio caro. Assim como, por exemplo, eu quis muito conhecer a Venezuela. Eu tinha feito o plano de passar 15, 20 dias na Venezuela, só que atravessar pra Venezuela tava muito difícil, tava na véspera de eleição, e tava todo mundo num contexto político bem tenso. Os próprios venezuelanos que eu tava em contato falavam assim, “rapaz, se eu fosse você não vinha agora não, eu esperava outro momento.” Então... e lá tava vivendo uma questão de combustível, então tudo era mais caro de combustível pra se transportar, tudo era em dólar, então eu fui entendendo que era um contexto meio perigoso. Meio perigoso, assim, existia um risco e existia um custo. E aí eu falei: pô, vamos mudar, né, infelizmente não vai ser dessa vez que eu vou conhecer a Venezuela, mas vou voltar em algum outro momento e tal. Mas eu acho que houve... assim como teve lugares que eu fiquei mais tempo porque eu encontrei uma rede de apoio, eu encontrei um grupo de capoeira que me

acolheram, eu encontrei pessoas que me acolheram, aí me fez estender mais a estadia naquele lugar. E muitas vezes eu desobedeci algumas orientações que me deram. Falaram “não vai por ali, que ali tá difícil.” Eu falei: beleza, vou, mas vou com atenção. E teve lugares, que eu acho que é interessante também, que eu fui justamente porque o acesso era um pouco difícil. Que eu lembro que lá, eu tava num lugar lá na Colômbia que era um povoado, assim, meio isolado, que só se chegava por uma linha de trem — que não passa trem — e eles adaptaram uma espécie de, sei lá, um carrinho que eles botam em cima do trilho, e aí ligam a moto e eles puxam... tipo, a moto anda no trilho. E eles chamam esse veículo de transporte de bruxitas, que é como se fossem bruxinhas. E era um lugar meio místico, um lugar que se chama São Cipriano, então já tinha essa cor, que se chegava com essas bruxitas, essas bruxitas, e aí eu falava: caramba, esse lugar tem um negócio. Vou lá, vou lá pra ver. Fiquei lá dois ou três dias assim, mas também tem um pouco isso... essas coisas que... essas dificuldades também... e essas coisas que eu pensava: esse veículo, esse meio de transporte talvez só exista aqui. Talvez exista algo parecido em outro lugar, mas eu não vou perder a oportunidade de conhecer. Enfim, fui lá conhecer. Assim como eu conheci muitos meios de transporte que eu não conhecia, assim. Isso é interessante também.

AUDREN: Essa inacessibilidade também é um sintoma, o que que tem lá que é tão inacessível? Porque ninguém vai? É uma curiosidade. Ninguém chega lá. Tão difícil de chegar, por quê? Que tão guardando lá, tão precioso, né?

U.C.A.: Exato.

AUDREN: E outra coisa que eu queria te perguntar também, que ficou pra trás, é sobre a salvaguarda. Assim, tem um momento que você fala “ah, a Venezuela tinha uma questão política problemática”, em algum momento também você falou sobre... acho que a gente comentou um pouquinho sobre uma situação mais confortável, comunitária, né, construiu uma rede ali e tal, e quis ficar. Isso me interessa muito, assim, isso de estar num ambiente acolhedor, comunitário, de rede de afeto e querer ficar, né? Quando você fala, é querer ficar mais tempo ali... isso é muito precioso pra mim entender. Mas acho que também queria que, se você pudesse falar um pouco sobre essa sensação de salvaguarda, assim, como que você se sentiu, né? Como que é pra você essa diferença durante esse percurso de estar... é... claro que acho que também tem uma sazonalidade, né? Tem períodos e períodos. Acho que isso não é uma métrica, então não tem aqui um certo e errado, né? Nenhuma generalização no tempo, mas de se sentir seguro, né, de estar mais solitário em trânsito ou de estar num ambiente um pouco mais inóspito — não só em relação a uma natureza inóspita, né, mas um ambiente mais desconfortável, né, ou mais inseguro de um modo geral, econômico, social — mas dessa rede de afeto, assim. Então, se você tem alguma memória dessa sensação mesmo de segurança, assim. Aí eu vou expor uma memória pessoal aqui de uma vez que você me falou nessa viagem de “acho que eu tô sentindo falta de casa por estar me sentindo inseguro num momento de fragilidade”, né? Então, entender que essa falta não é um desespero de voltar, mas... o que que te gerou essa insegurança, assim, né? Se foi a solidão, se foi... né, você falou dessa rede de apoio... então se você tem alguma memória dessa... como que fica, né, essa relação com se sentir seguro aí que você comentou.

U.C.A.: Sim. Eu acho que... é bem... acho que quando a gente tá em um lugar que a gente não conhece, a gente tá mais exposto, né? Então eu acho que quando você fala “segurança”, assim, a primeira coisa que me vem são as necessidades básicas mesmo, assim, né, de ter um lugar decente pra dormir, de não ser furtado, não ser roubado, não ser... enfim, não colocar a vida em risco, tal. Teve muitos lugares que eu me senti muito seguro, e isso com certeza me dava um certo conforto mesmo, assim. E acho que quando eu comecei a... A América do Sul é foda. A América do Sul é difícil. O Brasil talvez seja um dos lugares mais inseguros que eu conheci desses, assim. Mas toda a América do Sul, ela é um pouco mais difícil, um pouco mais tensa, assim. E eu acho que também juntou ao fato de... como eu comecei pelo México, cruzando a América Central, quando eu cheguei na América do Sul, além dos territórios serem maiores, e

as estradas, né, tudo era mais distante — coisa que eu fazia em duas, três, quatro horas aqui, era tudo de oito horas pra cima, de um lugar pro outro, tal — então foi ficando mais cansativo, né? Também tinha uma coisa de diminuir grana, assim, a grana era muito sazonal, às vezes tinha um pouco mais, às vezes tinha um pouco menos. E, por exemplo, teve mês em que eu acho que eu dormi mais de quinze dias em rede, assim. Então, tudo isso demanda um pouco do corpo, né, do corpo. E aí vai mesclando. E aí quando aconteciam coisas que mexiam com o emocional, aí eram os momentos mais difíceis pra mim. Porque eu acho que eu senti essa questão de insegurança, assim também, né? Ou seja, eu acho que era onde isso me desgastava mais, assim, né. Porque... e aí eu realmente sentia muita falta de casa. Chegou o momento de eu sentir... eu falar, “pô, eu só quero estar numa cidade que eu saiba voltar pra casa”, assim, sabe? Eu quero saber voltar pra casa. Eu quero saber qual o caminho, né? Eu quero saber, sei lá, onde é uma casa de um amigo, assim. E isso começou a me fazer falta, assim, porque eu tava... acho que eu passei em alguns momentos, assim, de me sentir mais vulnerável mesmo, assim. E aí pesou não ter uma rede e pesou não ter um lugar, né? Porque não tinha... eu passava de quatro, cinco dias no máximo numa mesma casa, dormindo em um mesmo lugar, e aí mudava. Então eu tava sempre me adaptando, né? E quando eu começava a compreender um pouco o funcionamento, mudava de novo. Então... acaba que isso vai virando uma rotina, né, no caminho, assim, sempre um processo adaptativo. E essa adaptação vai entrando no corpo. Então você vai entendendo o... esse processo sempre, sempre de adaptação, né? Estar sempre aberto. Então, eu me sentia sempre perdido. Mas eu fui introduzindo isso de uma maneira em que estar perdido era o normal, né? Era o padrão. E aí, às vezes, eu queria não estar perdido, assim. Hoje eu quero... sei lá... Claro que eu sentia falta de uma cama confortável, um travesseiro gostoso, tal... mas eu acho que não vinha em primeiro plano. Acho que vinha mais assim, “pô, eu quero estar em um lugar em que eu conheça”. Só isso, assim, sabe? Ter essa segurança de que “porra, se der merda, eu sei pra onde eu vou”, né? Se eu for cair — aí no sentido mesmo subjetivo da coisa — “se eu for cair emocionalmente, eu sei onde eu vou cair. Eu tenho onde cair.” E nesses lugares eu falava “não posso cair, porque se eu cair eu tô fodido”, né? Então tinha... acabava que cobrava também certa... uma certa dureza. Porque... e essa dureza foi, né, durando, durando... a um ponto em que eu fui cansando, né? Por isso que eu fui entendendo que... acho que foi nesse momento que eu fui entendendo que ser andarilho, ou ser uma pessoa que migra, né, ser alguém em migração, não é sobre necessariamente uma semana estar em um lugar, outra semana estar em outro, assim. E eu entendi... foi quando eu entendi a minha jornada. Você fala: “pô, eu passei cinco anos em Salvador”, mas isso não significa que eu deixei de ser nômade, eu deixei de ser migrante, assim, sabe? Eu continuo... eu tô em movimento ainda, né? Porque eu me fixei em um lugar, e eu fui entendendo que essa também é a minha maneira de ser, né? Acho que eu preciso de tempos em tempos me fixar um pouco, me aterrar, sentir ali, conhecer, ter vizinhos, né? Criar comunidade, criar grupo. Isso é importante pra mim, assim. Mas não significa que eu quero ficar pra sempre no mesmo lugar, né?

AUDREN: Eu vou, acho que tem uma palavra preciosa, dureza, né, e aí me diga se faz sentido isso pra ti, né, porque eu acho que esse teu relato de criar algo reconhecido pra descansar, eu acho esse cansaço, né, então, me parece muito que estar em adaptabilidade constante leva o corpo da gente pra um lugar de atenção, atenção constante, né, e atenção constante é o tipo de tensão constante, né, é um não relaxamento, você tem que estar sempre desperto, desperto é desconhecido, pronositado, né, e ao mesmo tempo que isso dilata muito a nossa presença no mundo, né, no tempo corporalmente falando, ela demanda uma energia muito grande, então estar presente demanda um fluxo energético muito grande no corpo inteiro, a gente não dorme, tá acordado, tá atento, né, então acho que quando você fala assim, a crer descansar é um lugar reconhecido pra repousar, acho que tem muito disso dessa dicotomia de estar atento, estar presente, estar tenso, desperto, essa dureza que tu fala, que não é uma rigidez, né, porque tá em movimento, né, porque tá em contato, tá num conflito do encontro, mas é uma tensão, né, uma

dureza mesmo do corpo, mas que ao mesmo tempo, dentro do âmbito da arte, a gente chama de corpo presente, né, de estar presente, ele falando que tá presente em cena, que ele tá atento, porque ele não conhece, né, ele tá completamente presente, no tempo presente, talvez esse seu relato que me traz muito isso, assim, dos potenciais de acomodação e desacomodação, né, tanto que mais a gente acomoda, né, pra repousar, e isso tá muito relacionado com o reconhecido. Tudo isso que eu falei tem a ver com essa minha próxima pergunta, eu acho, né, que eu queria te saber de ti como que é nesse sentido do repouso, do distanço e da tensão e tal, da adaptabilidade.

Você falou, assim, das distâncias, né, falar, como é longe, né, o que é que eu faço em três horas lá, fazem oito e tal. Como que é pra você, assim, lembrar, sei lá, pensar nesses deslocamentos maiores, assim, então se você tem memória de algum deslocamento grande que você tenha feito, de carro, de ônibus, mas especialmente aqui caminhando, né, a pé, que acho que tem um pouco a ver com essa noção de estar mais tenso, de estar mais inseguro, né, pela distância, pelo desatino do destino, né, então, se você acabou, em algum momento, né, viver essa experiência de fazer uma caminhada ou um trânsito, mesmo que de veículo, né, mais longo, que não tenha parado pra dormir, sabe, que não tenha voltado pra casa pra repousar, né. Se você lembra de algum momento desse, como que foi pra você, né, lidar com essa distância, essa longa distância, não sei lá, oito horas de viagem de um lugar pra outro, oito horas é bastante, né, viajando, assim.

U.C.A.: É, eu acho que, assim, teve muitos, muitos mesmos, assim, muitos. Vou começar pelo mais tradicional, que eu acho que de ônibus, acho que eu cheguei a viajar mais de vinte horas, vinte e quatro horas, às vezes até um pouco mais, assim, direto, e são memórias meio difíceis, assim, porque não é bom, não é confortável e eu acho que me vê uma memória, assim, agora que, né, tipo, eu chego, eu vivi alguns momentos bem emocionalmente difíceis, assim, né, eu acho que eu fui entrando em processos muito solitários, assim, de que eu não conseguia muito recorrer a não ser, recorrer a online, a minha rede, então não tinha muito pessoas pra recorrer e eu vivi momentos muito, eu tive que buscar meus próprios recursos, assim, então tinha uma coisa de explorar meus próprios recursos, né, e esses momentos de deslocamento em ônibus, por exemplo, eram momentos em que tem uma questão do tédio, né, uma questão inteirante que te obriga a lidar com suas próprias questões, assim, né, então não é, não tem muitas distrações, assim, de se descobrir, claro, tem uma estrada passando, tem não sei o quê, mas então eu tive a memória aqui de, algumas vezes eu olhava muita estrada passando, às vezes com fone de ouvido, enquanto chorava, chorando e vendo a estrada, assim, passando, e hoje quando eu viajo, que eu olho a estrada, às vezes eu me emociono, assim, eu fico, caramba, velho, quantas vezes eu chorei vendo a estrada passar, assim, sabe, e isso é uma memória, assim, bem impactante, bem forte que ficou em mim, mas eu também vivi, por exemplo, três dias de barco. Então, e de barco foi dormindo em rede, assim, e caótico, entrando tudo que é tipo de bicho, de gente, uma maluquice, uma loucura, pela, passando o Rio Amazonas, assim, né, e, enfim, muitas comunidades indígenas ribeirinhas e muitas coisas acontecendo dentro desse barco, porque pra mim foi uma experiência muito louca, assim, também foi um momento de muito introspecção, acho que é um momento de muito silenciamento, assim, por isso que eu acho, né, que também esse silenciamento externo, né, o meu, de não necessariamente conversar com as pessoas ou interagir muito com o ambiente externo, que é estar dentro, né, de um meio de transporte, e esse silenciamento vinha às vozes internas, então acho que nesse sentido eu lembro de momentos muito introspectivos, né, mas eu vivi também alguns dias de caminhada, assim, no Peru eu vivi... Mas eu vivi também alguns dias de caminhada, no Peru eu vivi 8 dias de caminhada e na Bolívia eu vivi 4 dias de caminhada, era uma caminhada mais natureza e bem intenso, lugares meio inóspitos, eu diria assim, no sentido de são muito isolados, eu caminhei por lugares muito isolados e encontrei comunidades que vivem super isoladas, que mal falavam espanhol, falavam mais queixo e eu ia com minha mochila, uma barraca e a minha própria comida e a minha própria água, a minha própria comida, a minha própria barraca nas costas, mas foram lugares

assim que eu ficava caralho mesmo, isso aqui que eu tô vendo eu não sei se eu vou conseguir ver outra vez na vida, eram visuais, coisas, experiências e foi além da beleza do belo, eu acho que tinha uma coisa meio instintiva que me levou para um lugar de distinto mesmo, de sobrevivência quase assim também, mas uma sobrevivência que parece algo meio assim, quando falam sobrevivência parece assim a luta pela vida, tenho acho que um pouco dessa luta pela vida, mas tinha uma coisa que era muito belo assim também, e eu tava andando pelos Andes, então assim o vento, eu lembro de andar, parar para às vezes para fumar um tabaco e o vento passar assim, e aí parece que o vento fumava junto comigo, as montanhas estavam fumando tabaco junto comigo porque eu fumava metade, o resto era o vento assim, então tem uma coisa assim de que eu vivia vivo sabe, muito vivo assim também e ali tinha uma coisa de ameaça mais no sentido da natureza assim, eram riscos naturais assim né, que eu acho que tenho essas memórias assim também, mas que também não me gerou uma coisa tão introspectiva, apesar de passar por lugares às vezes dormir em lugares ou às vezes nenhum dia inteiro cruzar com uma ou duas pessoas, mas dormindo em lugares que não tinha absolutamente nada ao redor, a não ser um rio e montanha, mas eu acho que não era tão introspectivo quanto era por exemplo passar 20 horas em um ônibus por exemplo, era um ambiente assim, eu acho que vinha, partia de outra, acho que trazia o corpo para um outro lugar mesmo, um lugar de movimento, de dor, de tensão, mas também de relaxamento na hora de dar um mergulho e essas coisas assim né, o banho, enfim, tudo isso né.

AUDREN: Esse lance da mochila aí pra mim pega bastante porque eu fico pensando quanto isso tá implicado naquilo que a gente falava do planejamento do início né, às vezes eu tinha que, se eu podia comer no caminho, então eu podia economizar, talvez eu ganhasse mais um tanto de distância né, de fogo, de água né, sempre penso assim, aí a água vai acabar e aí eu tenho um litro de água pra voltar, tem dois litros de água pra voltar, então a gente começa a pensar em vez do tempo que eu levo pra ir, o tempo que eu levo pra voltar, o tanto de recurso que eu tenho pra ir, o tanto de recurso que eu tenho pra voltar, e esse depois cada vez mais íntimo né, água, comida e fôlego, então que mais além disso né.

U.C.A.: Nessa caminhada em especial era um lugar que realmente só se chegava andando ou de animais assim né, burros né, e essa questão das distâncias de um lugar pra o outro, ninguém usava quilômetros, milhas, sei lá, medidas de distância pra dizer, era tudo em hora. Quanto é mais ou menos daqui pra... eu ficar, "rapaz, umas cinco horas", mas porra, cinco horas? Cinco horas no meu passo ou no... não sei o quê... é nativo assim, sabe. Então a galera passava... "dá umas três horas"... a galera passava assim por mim, eu ficava pra trás. Se for três horas no passo desse cara, o meu vai ser cinco, seis, né. Então tinha essa coisa né, que eu ficava tentando entender. E aí o que pra mim pegava muito, porque eu pensava: "ficar sem comer um dia, dois dias... eu vou conseguir assim... vai ser foda e tal... mas água não dá." E aí era o que me preocupava. E eu peguei por excesso, assim, eu carregava umas garrafas de água — e água pesa, né. E aí eu cheguei um dia, lá pro sexto dia, eu tive um... machuquei o ombro assim, né, machuquei o ombro que eu dei uma crise mesmo, e aí eu tive que parar, eu tive que tomar uma medicação e fazer de extensionar assim, porque eu machuquei o ombro mesmo do peso. E eu tinha um pouco de medo ali, né, porque tinha essa coisa dessa tensão, desse medo de faltar água, de faltar enfim... de não dar conta... E era uma coisa que realmente assim, eu comecei, eu tinha que terminar. Porque depois de um tempo ali, não tem como voltar. Ainda mais... a próxima cidade só ficava daqui a dois dias, voltando era quatro. Então tinha uma coisa assim de que tinha que ir até o final, né. E aí eu tive muitos medos de viver situações que me colocassem muito em risco. Uma dessas... eu realmente vivi uma situação de risco, assim, que foi uma grande burrice. Eu achar que eu ia conseguir acampar em um lugar que à noite faz menos três graus, assim, sabe. Tinha muito essa dimensão de temperatura, e era um lugar que tava lá acima de 4.300 metros de altitude, assim. E aí de manhã tinha uma camada de gelo assim na grama... E porra, vê, como é que eu achei que eu ia conseguir dormir assim? Foi uma noite

desesperadora, assim, que eu não dormi. Eu lutei mesmo pra não morrer de frio, e no meio da noite eu tive que mudar a barraca de lugar pra realmente não adoecer e tal. Eu quase me fodia ali... mas consegui lidar bem com a situação, e foi talvez um dos maiores perrengues assim que eu passei, mas rolou.

AUDREN: Você falou assim... a gente já tá caminhando pro terceiro momento, tá, de inquisição, mas você falou assim: “Se eu voltasse era quatro dias, se eu fosse pra frente a próxima cidade, dois dias”, né. E te diz isso de estar nesse lugar entre, assim, que você não tá entre uma cidade e outra, né. Você fala... tem que calcular o recurso, né, pra chegar de uma até a outra. Essa caminhada aí no meio de um caminho, né... A gente fala tanto de território, e do território ser demarcado politicamente, né, que ele realmente de fato o que que é um território, né... um risco no mapa. Mas de repente você tá ali num ambiente que não tem um risco no mapa, né. Ele é uma escassez... pra lá e pra cá, né. Você tem quatro e dois dias pra cá. Então essa margem, ela existe mesmo, de fato, ela foi construída, né... ela é consolidada de alguma maneira — não como um risco... Em alguns lugares o mundo tem um muro, né, tem um risco, uma cerca mesmo... Mas ali, do jeito que você me narra, ela tá posta como um lugar menos povoados, né, uma natureza mais... Essas margens, né... menos natureza preservada, menos circulação de carros e pessoas, assim. Como que é transitar... acho que você falou um pouco isso, né... da escassez de recurso, do medo de não conseguir chegar... Mas isso te move de alguma outra maneira, assim? Tá nesse entre, sabe, nessa margem?

U.C.A.: Eu acho que o nomadismo é sobre estar ali, né. Eu acho que é justamente experimentar esse lugar aí — ou esse não lugar às vezes, né — que é sobre... Porque no fundo pra mim não importava muito... nesse caso em especial era importante onde eu ia chegar, porque dizia de recursos e necessidades básicas. Mas em outras ocasiões, assim, não era muito sobre chegar, porque, né... era sobre esse transitar, né. Sobre tipo... afinal de contas eu fui pro México pra vir pro Brasil. Meu desejo não era chegar no Brasil de volta, meu desejo era me conhecendo, né, e vivendo esse processo, né. Mas eu acho que... quando eu saí daqui, né, me propondo a passar, viver esse momento, era justamente me deslocar um pouco das minhas próprias referências, né... Desses referências... era ampliar um pouco essas referências, era quebrar um pouco com a norma que eu fazia, assim, sabe. Com a questão como, né... aí você falou dessas fronteiras, desses riscos, né, dessas demarcações, né... Aí me vem isso na cabeça da... acho que esse movimento, estar em movimento, estar em nomadismo, estar em imigração, quebra um pouco com essas imposições coloniais assim, né...

Dessas deslocações de território, né. É estar entre, é viver entre, assim, né. E por exemplo, eu... me veio agora na cabeça pensar os Mayas — mas poderia ser os Guaranis também aqui, né — o Guarani, que é... Você deve conhecer um pouco mais daí da sua região. São povos que, tipo assim, habitam o Brasil, habitam lá, habitam a Argentina. E essas fronteiras foram construídas, né, sobre uma ótica colonial, né. Um povo que vive entre, né. Assim como eu pensei lá os territórios Mayas, que tá no México, tá na Guatemala, enfim... Mas enfim. Mas é muito, muito doido, assim, pensar como essas fronteiras... como esses limites geográficos, né, do mapa, do papel, porque eles não existem na realidade, né...

U.C.A.: conseguem promover diferenças absurdas sociais assim sabe, tipo, você cruza um, nada, às vezes você cruza um rio, porque pode ser isso também né, as fronteiras podem ser delimitadas por questões naturais, você cruza um rio e você tá em outro lugar, que fala uma outra língua, que tem condições de vida completamente... ou mais vulneráveis, ou mais privilegiadas do que um outro lugar, e esse caminhar, esse mover-se né, esse estar, coloca a gente nesse lugar de entre né, e também de ampliação do que é o território, acho que de entender o corpo também como território né, e de enfim, e de pertencimento também né, de entender né, de se entender tipo, não sei, como as coisas, como eu pertenço aos lugares, como eu atravesso os olhares que os lugares têm sobre mim a depender né, tipo, as pessoas me viam de muitas formas a depender de onde eu estivesse né, e eu acho que tem um, no final do que eu tô querendo

dizer, acho que tem um viés que é político e provocativo nesse caminhar, que eu acho que é bem essa coisa meio, que eu acho que seria meio ontológico assim, do estar entre né, de romper um pouco essas fronteiras né, criar um pouco essa intercessão entre os lugares né, e eu acho que era isso que eu consegui um pouco assim, quando eu fui né, me propor conhecer um pouco mais a América Latina.

AUDREN: É isso. Não sei se eu viajei, eu sei. É, não, mas era sempre que eu precisava, ligada. Vou só dar um ctrl-c, ctrl-v aqui. Mas acho que isso também, o que tu fala assim, desse sentido político, acho que também me direciona um pouco pra esse final aqui de conversa, que uma vez também tu me contou, logo chegando em casa né, chegando em casa, as tuas percepções sobre estar em casa, que casa é essa né, sobre esse retorno depois de tanto tempo, que uma parte tuas já desejava estar de volta, pra buscar esse repouso, esse reconhecimento do que a gente falava antes, mas tu me relatou uma vez uma nova relação com o tempo, naquela primeira chegaça, reconhecimento diferente do tempo, e aí eu te pergunto né, se tu quiser falar um pouco desse primeiro impacto de estar de volta, de te fazer a mala né, de assentar, assentar, reconhecer o enraizamento que tu tem, ou tinha, ou enfim, esse possível enraizamento né, no retorno, passado já esse tempo agora né, trabalhando online, trabalhando né, com um emprego, uma casa, como que tá sendo, o que que muda assim, não que precise mudar, mas o que que fica de percepção sobre essa nova estadia agora, depois de um ano em movimento assim. Eu fui clara, não que tenha um antes e um depois, é claro que tem, mas dessa percepção hoje dos desejos né, desejo de fazer de novo, desejo de ficar, desejo de mover, que tenha a ver com o momento da vida, mas também com a experiência que tu viveu né.

U.C.A.: Sim, sei lá, eu acho que o tempo é algo muito importante e é muito capturado pelo capital assim né, o tempo é algo né, tanto que uma das máximas é time is money, mas eu acho que, e aí voltando né, acho que voltando um pouco de onde eu parei, acho que essas formas não fixas de viver vai um pouco de encontro né, essas imposições coloniais e capitais assim né, e muda muito porque eu acho que a percepção que a gente tem sobre o tempo, as percepções mais normativas, mais convencionais, está muito atrelado ao capital mesmo né, tipo a... eu começo de ir esperando das seis horas da tarde, passa semana esperando chegar a sexta, passa o ano esperando chegar as férias né, e aí eu falei volto lá passar a vida esperando chegar à aposentadoria, então eu acho que nesse sentido a percepção do tempo mudou muito assim pra mim, e aí agora né, eu chego e né, preciso voltar a uma certa... me readaptar né, a essa vida entre aspas funcional né, e eu acho que tem uma certa inquietação em relação a isso e parece que às vezes eu sinto que eu ainda não tenho chegado, acho que ainda estou chegando, você falou da mochila, eu demorei sem exagero nenhum, uns dois meses e meio a três meses pra conseguir parar de... pra conseguir arrumar minha mochila em um guarda-roupa assim, e quando eu arrumei eu me senti completamente desorientado, não sabia onde estava nada, eu falei caramba é muita gaveta agora que eu tenho, é muita coisa, a gente fica... minhas coisas, antes eu sabia, antes eu vivia também tem isso, a coisa do consumo né, antes eu vivia com o que eu precisava, com o básico assim, com as coisas que eram mais práticas e acho que a vida, principalmente a vida urbana né, porque quando eu cheguei desse momento em que a gente tinha plantado, eu cheguei na zona rural, então perceber o tempo né, na Chapada Diamantina, era um outro tempo que é um tempo que eu diria que é um tempo mais natural, um tempo real assim, era perceber quando o sol se põe, quando o sol nasce, o dia que tá nublado, o dia que faz luta, o dia que não faz né, que hora a canta, que hora os passarinhos chega pra comer a planta que eu tinha plantado, e eram percepções né, acho que na cidade a percepção do tempo ela toma outros significados assim né, só que eu acho que né, voltando pra sua pergunta também, eu tenho sentido que esse momento eu preciso, tá um pouco mais recolhido mesmo assim sabe, que tanto é que quando eu cheguei aqui em Salvador eu fui sair né, pra ir num rolê e tal, e eu caramba, parecia que não fazia sentido nenhum tá assim, sabe, eu voltei pra casa, falei não, eu preciso viver esse momento, preciso né, viver aqui agora, eu sinto que eu tenho um

redescoberto, eu fiquei dez anos longe de Salvador, agora eu volto a morar depois de dez anos, e aí eu... também uma redescoberta da cidade né, mas andar pela cidade, tô enfim reaprendendo, me reterritorializando assim né, aqui né, mas eu acho que eu tenho sentido...

U.C.A.: eu não viajaria, nesse ritmo agora, por agora, outra vez assim, eu acho que nunca, eu não viajaria mais nunca nesse ritmo, mas eu acho que é um ritmo que principalmente nos últimos seis meses assim, foi um ritmo muito intenso, muito intenso mesmo, acho que nos primeiros meses eu fiquei quatro meses assim no México e depois eu cheguei a ficar mais de um mês na mesma cidade, então fazia, pra mim fez mais sentido esse ritmo do que o restante de ficar tipo cinco dias, quatro dias né, mudando, mudando, mudando, então eu acho que eu gosto de me relacionar um pouco mais íntimo mesmo com as coisas, mais profundo assim, e eu acho que essa coisa né, e isso, intimidade é sobre tempo eu também né, acho que é sobre conexão com as coisas, mas enfim, no final das contas é sobre tempo também né, então eu acho que eu sentia falta um pouco disso, porque ainda que eu conhecesse, quando era mais rápido assim, eu passava, eu passava, sempre tentei explorar os territórios pelo lado B, pelo lado C, ou pelo, na maior parte das vezes pela visão de quem mora, de quem é, vive no território né, não de uma perspectiva turística assim, ou de uma perspectiva né, esse turismo meio montado me dá uma certa irritabilidade assim, porque não é real, eu queria viver o real, queria viver a feira, eu queria conversar com a galera do transporte público, eu queria ver essas coisas, mas ainda assim, cinco dias é superficial sabe, três dias é superficial assim, você conhece, você vê, mas é superficial, eu queria, eu tenho, sei lá, eu sentia falta dessa profundidade, dessa intimidade com as coisas.

AUDREN: é, me deixa muito reflexivo aqui, acho que a gente vai conversar mais sobre isso, trocar mais tempo sobre isso, porque essa sensação tua que é muito íntima né, da palavra intimidade na relação com o tempo, ela derruba por terra uma porção de teorias sobre nomadismo que associam ele a uma coisa meio como uma praga né, que passa por um lugar, consome, devasta e vai embora, então acho que tem muito, dentro dos contextos históricos do passado civilizatório a gente tem que entender que os povos deixaram de ser nomadistas porque antes eles usavam um ambiente e iam para o próximo né, então essa ideia de que o nomadismo não é sobre esse lugar nocivo, agressivo né, é sobre presença e é também sobre parada né, então o nomadismo também é sobre estar dilatado num tempo, de vínculo, de afeição, de construção, de criação de coisa, não é só uma passagem né, ainda que a passagem seja parte disso, mas que tem uma construção no tempo sobre isso, isso é muito, muito bonito de ouvir né, porque é um outro entendimento sobre ocupação, é um outro entendimento sobre esse corpo nômade que é o teu hoje, que relata, eu tô aqui, eu preciso ficar aqui, eu sinto que eu preciso ficar aqui, mas continua sendo um corpo nesse estado nômade que se reconhece de outra, na relação ao perquecimento né, como que eu reconstruo em relação ao Salvador agora, muito bonito né, como que o território se territorializa agora, é muito precioso ouvir falar. Queria saber se ficou alguma coisa, alguma curiosidade, alguma coisa que tu queira me contar, como se eu não fosse contar pra ninguém, porque acho que essa tua fala aí sobre, sobre essa conversadora é muito importante.

U.C.A.: tem uma coisa assim que eu acho que é importante, no percurso né, eu vivi um percurso assim, eu encontrei muitas pessoas né, e muitos viageiros né, também muitas pessoas andarilhas, muitas pessoas em trânsito e de diversas categorias assim, desde pessoas que viajavam nas suas, como aqueles carros, motorhomes, super bem elaborados, super confortáveis e que eu morria de inveja, há pessoas que viajavam de bicicleta assim, atravessando a América de bicicleta, vindo lá de não sei onde, atravessando toda a América, os ciclos viageiros, a galera aqui, e aí tinha uma coisa que é interessante né, eu pensava assim, nossa, mas tipo, não teria graça nenhuma se eu viajasse pro México e voltasse pro Brasil de avião assim, todo esse trajeto que eu fiz, e aí eu conheci a galera dos ciclos viajantes, eles falaram assim, nossa, mas será que quem passa aqui de ônibus consegue perceber as mesmas nuances de a gente que passa de

bicicleta? eu fiquei pensando, po, a galera que passa andando deve falar, nossa, essa galera que passa tão rápido, a galera fala, nossa, o pessoal passar de moto passa tão rápido, o pessoal que passa de moto fala, nossa, passar aqui de ônibus, enfim, no final das contas, acho que também tem um pouco isso sobre tempo né. A diferença de olhar, a depender de como se passa, né, sobre o local, mas eu comecei a falar isso, porque eu fui ajudado por muitas pessoas, eu ia falar das diferenças sociais, né, dos viageiros, tem viageiro que viaja só com coragem, tem viageiro que tem grana mesmo, que viaja com confortável, enfim, e eu tava ali, não entro assim, né, no meio, não é, não passava o perrengue que muitas pessoas passavam, mas eu também não tinha o luxo que muitas pessoas tinham, eu tava ali, né, e de qualquer forma eu consegui fazer essa travessia, porque eu fui ajudado por muitas pessoas, muitas pessoas, desde quando eu pedia carona, eu botava assim, ó, o dedo lá na estrada, as pessoas paravam e me levavam assim, e eu não entendia porque as pessoas faziam isso, assim, caramba, simplesmente tô indo, tá ligado, tô conseguindo chegar onde eu quero chegar, e muitas pessoas me recebiam em casa, né, me recebiam, eu dormi, sei lá, vou chutar assim, mas uns 40, uns 40 casas de pessoas que me receberam assim, sabe, e de pessoas que, de famílias que me recebeu e me acolheu de uma forma tão intensa que eu cheguei a passar uma semana lá com eles, assim, como membro da família, assim, eu fui adotado por algumas famílias, eu acho que todo país que eu passei, eu brincava assim, acho que todo país eu fui adotado por uma família diferente, pelo menos em algum momento, assim, sabe, e enfim, esses vínculos, essas conexões que tomam outra proporção, né, a gente tava falando da intimidade relacionada com o tempo, mas também com a intensidade das coisas, né, eu acho que às vezes passar uma semana sendo recebido por uma família, vivendo ali com eles, comendo e acordando, dormindo ali com eles, me colocava em um lugar assim mesmo de que, caramba, eu sei que se eu voltar pra cá essas pessoas vão me receber às vezes e eu espero poder recebê-los, né, e eu ficava assim, viajando, sem conseguir compreender muito bem porque tantas pessoas me ajudavam, assim, sabe, e eu, no final das contas, eu acho que uma das pistas que eu tenho sobre isso é que muita gente tem o desejo de fazer isso e eu acho que era nesse espelhamento, sabe, que as pessoas me acolhiam esse ato que elas desejavam, assim, muitas pessoas que me recebiam em casa falavam assim, nossa, um dia eu quero muito fazer isso que você tá fazendo, eu falava, vai, pô, vamos fazer isso, tal, vai me visitar no Brasil, vai dar um rolê, que não sei o que e tal, e eu acho que as pessoas olhavam pra mim, quando olhavam maluco eu pedia um carona na estrada, parava e falava, não, já pedi carona também, que não sei o que e tal, então as pessoas acabavam se espelhando um pouco nisso, nos desejos delas e a partir disso me acolhiam, assim, e a gente vivia trocas intensas, impressionantes e no final das contas muitas vezes eu que tava ali sendo acolhido, ajudado, saía com a sensação de que no fundo eu também deixei uma coisa pra essas pessoas, sabe, então acho que essa troca também eu acho uma coisa bem interessante de ser pontuada, assim.

AUDREN: Desejo, né, desejo de mover, o que que move, né, o que que te move é sair, e acho que também me interessa o que que te faz ficar, né, o que que te não te deixa aí, né, ver um viajante e poder projetar todas as vontades nele deve ser muito bom mesmo, se realiza por nós que não conseguimos ir, né, interessante, muito bonito. Sim. Bom, eu acho que me sinto bem satisfeita com tudo que você me contou, e...

EXPANSION: ARTE, CULTURA E CONSCIÊNCIA

Entrevista com J. M. B.

AUDREN: Então essa é uma entrevista que eu pensei porque além de ser uma mulher e artista, eu acho que esse teu percurso na vida, né, de trajetória geográfica mesmo, cultural, me interessa muito e acho que interessa, encanta muita gente, mas acho que também tem uma bagagem de experiência muito inusitada, assim, e eu acho que desperta na gente um desejo também de ser,

de fazer, de estar, mas que eu acho que traz essa bagagem mesmo, essa palavra muito, muito importante pra mim, assim, essa bagagem, essa mochilinha de experiências que você carrega, né, e eu acho que essa entrevista vai um pouco nessa direção, assim, de você fazer um passeio aí pela sua memória, pela sua trajetória, e daí eu vou guiando um pouco também esse passeio pra gente ir encontrando a J., a expansão desse percurso aí, tá bom? Então muito obrigada por ter falado muito e eu vou pedir pra você começar se apresentando, falando quem você é, seu nome, de onde você nasceu, sua idade, o que você achar importante que a gente saiba sobre quem você é, quem você foi.

J.M.B.: Obrigada pela oportunidade de poder expressar. Eu sou J. M. B., eu nasci em China, de 32 anos, nasci na Recife, na Província de Buenos Aires, numa cidade pequena de Buenos Aires, no capital. Esse seria o início da apresentação da cidade-raiz, de onde eu vim e de quem eu sou, e já estou no meu 22, nós estamos em 25 anos, eu moro na cidade natal, eu até 95, moro toda a minha vida na cidade onde eu nasci, então, eu sinto que esses 25 anos vivendo na cidade que eu vou nascer, que é uma cidade muito pequena, eu tive a oportunidade de poder estudar, terminar a escola, o meio, como se diz aqui, e fazer vários cursos, sempre fui curiosa, havia cursos de graça, eu fiz cursos, e aí fiz o curso de soldadura, era a única mulher fazendo um curso de soldadura, nós éramos três mulheres na verdade, tipo duas mulheres mais grandes, e aí eu comecei a fazer manipulação de alimentos, desenho gráfico, como que eu comecei a optar por estudar, e namorei também 5 anos, fui casada dos meus 19 anos a meus 24 anos, quando eu fiz isso na cidade, é como que na cidade é estudar, é ter maridos, ter filhos, a casa, o carro, e ter a família, o povo, a cidade pequena, e esse é o conceito, ou você tem dinheiro porque vai estudar em Buenos Aires ou em Rosario, uma carreira, e aí eu estudava mais curtos assim, um dia eu estava com a tia que eu estava vivendo nas padronês da cidade, aí um dia eu me levantei e saí do relacionamento de 5 anos que eu estive, e voltei para a casa da minha mãe, e eu estive um tempo, e aí eu disse, o que eu faço aqui na Recife, aproveito a Buenos Aires, que já conheço todos, e isso, e o relacionamento não deu, não vou ter os filhos que a mãe quer, então eu fiz isso, aí eu decidi para Rosario, que eu vou estudar como político, a Rosario Santa Fe, onde é que eu meti, e aí eu me joguei, e foi a primeira vez, juro que eu peguei uma farona de stop de minha cidade, desde a Recife, até Rosario, tipo um amigo de Rosario me falou para ir a uma parte, e aí já me joguei, o auto-stop e sentir o que é, sair dessa zona de conforto, de casa, do casulo, da mãe, do pai, e pôtei mãos de pai e saí para esse mundo assim, e aí foi em Campo Rosario, eu tive 2 anos também, eu me emancipei com 26 anos, eu já não dependia mais do relacionamento, eu não entendia mais do pai e da mãe, mas eu me esmerguei nas minhas informações, e tive 2 anos morando em Rosario, trabalhando no supermercado, e incorporando a primeira cultura, que foi a cultura peruana, eu trabalhei 2 anos em Rosario, com uma família peruana, então eu já comia comidas peruanas, tinha hábitos com eles, de algumas festas, bebidas também, e eu era muito trabalhador, aí eu fiz 2 anos trabalhando com eles, eu não sabia fazer nada, minha cidade era babá, limpava casa, e em Rosario trabalhava de supermercado com a família peruana, aí foi como a primeira cultura que eu incorporei, que foi a família de sexo, uma nina experiente, eu tive 2 anos em Rosario, e aí aconteceu com uma amiga que estava em Rio de Janeiro, parecia falar de minha filha, veio trabalhar de aqui, do mesmo que você faz lá, mas eu acho que vem aqui, Brasil, praia, vem aqui, e eu acho que estou indo bem direto assim, resumindo um pouco, toda essa, Joane, você pode perguntar no meio, eu sinto que me iniciei com a casa de onde eu nasci, e eu fiquei um pouco de como foi, o que está fazendo essa viagem, porque eu sempre falo, tipo viagem que eu estou fazendo no Brasil, país vecino, mas o ser humano vai para dentro, quando ele sai dessa zona de conforto, a casa, o trabalho, a rotina, então eu estou fazendo tudo isso, que eu te estou expressando desde que eu saí da minha cidade, agora eu estou com 32 anos, e depois da pandemia eu senti tipo assim, ou você fica em Rosario, estudando uma carreira de decoração de interiores, uma carreira de graça que estava, e é algo que eu amo muito, e ficar trabalhando com uns 0 anos, e estar 3 anos nessa, ou viajar o mundo,

e meu sonho era sempre viajar o mundo, meu sonho era, eu na Argentina eu falava com os grupos, eu me metia nos grupos de viajantes, e eu conversava com os viajantes, mandava mensagem privada, e dizia, e aí, como que se faz para viajar, o que é esse mundo de viajante, era tipo de motilas, de bicicletas, de motocon, casado, sozinho, com cachorro, sem cachorro, foi muito visualizar, e pesquisar, e perguntar como que era essa vida, apesar de que também tenho muitos amigos nomades que estão em todo lugar do mundo, acreditando muito, tipo essa arte, o que eles fazem, e isso foi o que o Brasil me deu, tipo essa consciência de que simplesmente eu ia vir de avião, tipo para Rio, para ir visitar a amiga, e trabalhar de garçanete, esse era o meu contexto quando eu saí da Argentina, mas eu terminei saindo de Carona, com um cachorro, que tem um pudor que viaja comigo, e com o meu amigo, o negro, que era tipo um amigo malabarista, que fazia malabarismo, que tipo, ele já havia ido, venido no Brasil várias vezes, de Carona, e ele disse, amiga, estou indo para o 8 de janeiro de 2021, estou indo para o Brasil, se você quer ir, vamos lá, vamos!

AUDREN: A história e a aventura continuam até o ano de hoje, nos quatro anos e meios, quase cinco. E antes de você contar a história da sua passagem pelo Brasil, eu também tenho muita curiosidade de saber dessa tua fase de ciclo viajante, mas eu queria te fazer uma pergunta lá, da tua infância, você falou que ficou 25 anos lá, né? É uma cidade pequena, né? Você falou um pouco dessa perspectiva de trabalhar, crescer, casar, esse padrão, mas você morava em casa, fala um pouco da tua casa na infância, era uma casa grande, uma família pequena, era uma casa rua de chão, rua de terra, ou se era uma casa mais urbana, uma vila urbana, assim, como que foi esse primeiro, a primeira moradia, primeiro contato que a gente tem com a família, com a rua, sabe? Como que foi a tua experiência lá, de miudinho ainda?

J.M.B.: Amém, porque, bom, nessa naciência da Deusa aqui, eu me criei, eu me criei, também, os quatro anos eu tenho também aqui na minha cabeça, incorporada essa história aqui, e você vê isso, porque minha mãe tinha 27 anos e meu pai tinha 17 anos, minha mãe mentiu a idade do meu pai para ficar com minha mãe, aí minha mãe já tinha meu irmão, minha mãe foi mãe com 16 anos, então tipo, ela tinha 27, já era mãe de meu irmão e não queria ter filha, e aí, quando meu pai aconteceu, e minha mãe, ela realmente, eu me criei com essa na cabeça, que ela falou assim, filha, eu estava, cortei a borda, eu estava aberta de pernas, e seu pai entrou e interrompeu o aborto, e eu estou aqui, Deusa maravilhosa, tipo, meu pai estuvo comigo até meus quatro anos, tipo, nasci, meu pai estuvo até os quatro anos, me deu o apelido, o sobrenome, Busto, e me deu a família paterna, e depois de aí, ele, supostamente, a versão que eu tenho, tipo, era que ele havia conhecido uma mulher e havia ido, namorado e havia ido, e aí eu me criei com minha mãe e com meu irmão, e meu pai deixou a gente numa casa bem linda que se chama Barrio El Lago, casa 82, isso eu não vou olvidar nunca, tipo, Barrio El Lago, casa 82, e aí, tipo, a casa, a rua era de, foi em momentos, eu me recordo que, tipo, ao princípio, foi de terra, e que minha mãe sempre ficava entalhada, como a mochiño, cada vez que tinha que sair a trabalhar, e depois, com o tempo, as caixas foram pavimentadas, foram afaltadas, então, sei que até meus quatro, por aí, até os 11, 11, estive no Barrio El Lago, e aí eu fui morar para Conavi, se chamava esse barrio, que era uma casa de dois pisos, era outro barrio, e minha mãe me fez uma troca de palavra e trocou essa casa, tipo, treque, se diz, ela, tipo, ah, eu quero morar ali, você quer morar ali, e fiz um treque disso, que meio que saiu meio mal, saiu uma coisa errada, mas, e assim, eu acho que tipo, casas, de família, é como algo muito importante nesse processo de viajar para dentro, porque a gente é sempre uma casa, mas os prédios e as casas, elas têm uma história, têm uma energia, têm umas coisas muito fortes, e são raízes também, são pessoas que passaram por ali, então, bem, adorei muito essa pergunta que você fez, porque tem tudo a ver para, eu poder estar hoje falando, tem tudo a ver para hoje eu poder estar me expressando, sobre essa história de ser viajante.

AUDREN: Ai, que lindo! Nossa, super profundo, achei incrível. E eu fico pensando, assim, como esse lugar bem original nosso, assim, né, bem primordial, né, da primeira infância, assim,

como ele é a primeira escadinha, ele é o primeiro degrau de constituição do que a gente é, e muito do que a gente vai acreditar, né, os caminhos que a gente vai percorrer. Não é bonito te ouvir falar, assim, dessa... E aí, você estava contando da tua vinda para o Rio de Janeiro, né, primeiro, do Peru para o Rio, e aí, você falou da carona e tal, talvez, se você pudesse falar um pouquinho dessas experiências que você teve, assim, de ir de um lugar para o outro, né, de ir para o Rio, para a Pritiba e tal, como que foi para ir, assim, se foi de avião, de carro, de carona, como que foram essas caronas, se a maior parte do tempo era sozinha acompanhada, né, contar um pouquinho dessas viagens que tu fez, assim, e também, se aí no meio do caminho, você lembrar os motivos, assim, ah, porque que mudou, né, se foi mais a curiosidade, o convite, ou, às vezes, um emprego, ou, às vezes, né, ah, não sei, a ativação, assim, ela é mais subjetiva, mas é que tem alguns momentos que tem uma coisa bem objetiva, né, que, ah não, fui lá, vista minha mãe, fui lá, né, e, às vezes, tem uma coisa que é mais, assim, da oportunidade, apareceu e fui. Falar um pouquinho sobre isso, assim, sabe?

J.M.B.: Sim, sim, tenho um viagem aqui no coração, na alma, nas veias, no corpo, tipo, ele está muito vivo, porque eu estou me contando essa história para mim sozinha, assim, eu estou fazendo o reconhecimento de tudo isso que aconteceu. E, bom, na salida de Rosario, eu, tipo, três meses antes eu renunciei o trabalho, eu fechei o ciclo em Rosario, fechei o ciclo em minha cidade, eu despedia do meu amigo, despedia da minha mãe, eu me sentei com meu pai, com 27 anos, a tomar uma brecha e conversá-lo, que há 27 anos a gente não havia conversado, aí eu estupei a campana do pai e eu fui com, eu iniciei meu viagem com minha mochila emocional leve, e era o que eu queria iniciar para ir ao viagem. Filmei papéis de um ex-namorado com mais casa, tipo, eu filmei papéis com a mochila em minhas costas e o do Guiño, ele não ia, ele ia ficar com minha sogra ou com minha mãe, minha sogra, minha mãe, no último momento me disseram, olha, a gente não vai ficar com ele, não sei como que você vai fazer, e eu não rolou ir de avião, porque eu ia de avião a Rio de Janeiro, e depois eu ia para a paratia, conseguir trabalho e me acomodar, morar em Rio de Janeiro, mas não, como já te falei, eu terminei saindo, o 8 de janeiro de 2021, de carona a dedo, de minha cidade de onde eu nasci, tipo, minha mãe me levou para a BR com mochila, cachorro, tudo porque o cachorro não ia poder ir, olhei para ele e disse, ah, bora, eu nem sabia na que me estavam metendo, eu só peguei a ele e saí, e aí foi muito louco, porque esse amigo que eu tinha, ele já havia ido várias vezes para o Brasil, de Malavares, e vindo, eu não conhecia esse mundo, e eu não sabia, tipo, eu não fazia uma folha de ruta, se eu não fazia ruta, eu dizia, ah, vou aqui, vou chegar aqui, só tinha uma grana, só tinha vontade de sair, tinha uma mochila, estava tudo encaminhado, e saí, como já digo, minha mãe me deixou na BR, na BR de Arrecista para me estudar, a última vez que eu vi a minha mãe foi ali na BR, e simplesmente, tipo, assim, gente, é uma magia que acontece, porque apenas me pus na BR com meu amigo, eu falei e me disse assim, toda pessoa que me vai levantar, toda pessoa que vai cargar a gente, porque tipo, não era eu sozinha, era eu o cachorrinho, e meu amigo, e os Malavares, eu disse, basicamente, gente legal, gente fina, gente, tipo, emanando tudo o melhor para essa pessoa que pega a gente para levar. Resulta que no começo, tipo, eu não sentia nada, aí eu lembrei que eu tinha um amigo caminhonero, e meu amigo caminhonero me falou, ah, eu estou passando por aí, vou te pegar, vou te levar, vai, até não sei onde, e ele me levou até San Isidro, por uma coisa assim que é outra cidade de Buenos Aires. Cara, tipo, já, arranquei assim, tipo, fazendo um auto-stop, tipo, com um amigo, me levando até outra cidade, e aí meu amigo, ah, que massa, tipo, meu amigo, o Malavares, beleza. Aí a gente começou a fazer carona, tipo, para cruzar de Arrecista, Província de Buenos Aires, até chegar a Misiones, tipo, a gente fez um recorrido que ele já havia feito. Cada vez que eu me colocava e eu fazia assim, com o dedo, pessoas excelentes treinavam, pessoas de cuidado, pessoas de respeito, porque eu já visualizava e imaginava que eu sentia isso. Eu sentia isso, eu não queria criar e gerar medo para atrair pessoas ruins, para que algo malo havia acontecido. Então, tipo, isso foi um grande despertar de consciência, de estar na estrada, como viajante exposto, porque

você não tem um teto e uma casa que te cubre, aí você, seu teto e sua casa que te cubre, e o demais, tipo, assim, você está jogando o universo, você está jogando no cômodo, assim, não, não. Aqui estamos jogando como mais estamos casinhas. E aí foi excelente, tipo, pessoas excelentes, excelentes até, olha, de noite uma vez a gente chegou, porque minha medo era, ai, onde vou dormir? Ai, que danada. Eu sempre tratava de ter pessoas conhecidas nos lugares que eu chegava, tipo, estavam todos os grupos de mochileros, das ursinas, da dananana, então, tipo, oh, será que há uma grande rede também, nas redes sociais de mochileros e coisas. E um dia eu anotei que em Garopoaba, de não sei quê que, Misiones, Jeremias oferecia na casa o pátio para os viajantes. Resulta que a última carona, eu disse, ah, eu posso deixar você aqui, era de noite, quando eu fui mirar a cidade, era a cidade do cara que eu havia anotado uma vez que era a mesma cidade dele. Gente, ele nos foi a procurar, tipo, andando assim, ele não era muito longe da casa, e o cara, tipo, super humilde, mas ele já havia viajado de bicicleta, já havia feito várias coisas, então, tipo, ele recebia as pessoas e poníamos a barraca no pátio, entendeu, tipo, sim. E aí começou essa manifestação de eu ser curiosa, perguntar antes desde casa como que se fazia, tipo, começar a conversar com as pessoas, tipo, eu mandava mensagem, ah, e como que se viaja, como que se faz, então, tipo, fui me jogando e pessoas sempre excelentes. O tema é que quando eu tive que cruzar o Brasil, tipo, para mim era, ai, fronteira, ai, não sei quê, depois da pandemia, tipo, não sei o que vai acontecer. Mas, tipo, era Irigoche, não sei quanto, como um barraca, uma fronteira do Brasil, uma coisa assim. E, cara, era cruzar as ruas, não havia nada, era uma rua comum, de um lado era o Brasil e do outro era o Brasil-Chino, e, tipo, eu disse, mas, tipo, as pessoas cruzavam como se nada, tipo, então eu disse, bom, vai lá, se joga. Mas quando eu cheguei ao barraca eu tive que tomar um ônibus e eu estava com o cachorro, e isso foi uma coisa que eu, tipo, sim, eu não sabia aonde me metia. Eu realmente peguei o cachorro porque ninguém queria ficar com ele e eu peguei mais de carona, beleza, mais de ônibus, você tem que ter a caixinha, você tem que ter tudo certinho, e eu não tinha nada disso. E, praticamente, a entrada do Brasil por aqui, meu cachorro era um fúduo, pequeno e ninho, e ele entra em qualquer bolsa, qualquer sacola que eu coloque, ele se coloca e ele é a pessoa, tipo, mais feliz do mundo, assim. E aí eu viajei com ele, escondidinha num bolsinho, o que eu fazia? Eu estava com um mochilão grande, eu entrava, tipo, ele estava numa shopping bag, com a cabecinha para fora, eu, tipo, colocava o pântano, alguma coisa, e, tipo, assim, eu ia e colocava a mochila grandona embaixo, eu chegava com ele aqui, assim, no braço da paginha, dava o boleto e subia no fundo de tudo, eu tirava ele, ele, tipo, fazia assim, se secava, dormia toda a viagem, ele não lache, não vai xixi, não vomita, gente, nada, e ele come, toma água, tudo, ele fica assim de óleo, tipo, está vendo a mamãe, estamos viajando, não tem o que falar, não tem nada. Gente, eu praticamente, o sur do Brasil, o primeiro começo, eu fiz tudo com ele no bolso, então, uma vez, toco da bike, que coloquei no ônibus, o bike, e eu nem sei como que eu fiz, tipo, aí eu me di conta que eu nem sei onde está com esse coragem, essa força, essa cara de pau, porque, tipo, ele nunca passou nenhuma necessidade, ele nunca passou mal, graças a Deus, ele é muito sano, ele tem mais de 10 anos, eu tenho a ele desde que ele tem 45 dias, ele não faz xixi com a dentro, ele não lache, ele não rompe coisa, e mais, ele não sei se é o xixi, ou ele tem uma coisa que ele é muito especial, assim, esse cachorro, então, tipo, a toda essa andança, o cachorro fez parte de toda essa loucura, agora a gente viaja de blá blá cara, eu já não me arriesgo muito com peso, com minha arte, com xixi.

AUDREN: Eu tô achando o máximo que ele, parece que já nasceu predestinado a viajar, né, que ele tem um jeitinho certo. Eu fiquei curiosa que você falou de dormir, né, a preocupação onde dormir, você lembra nessa tua trajetória de viagens, aí as viagens que você fez, qual foi o momento que você mais sentiu medo, assim, insegurança mesmo, se você puder falar um pouco sobre isso, o que é mais assustador, se é antes de sair que dá mais medo, ou se já encarou alguma situação que tenha te colocado num lugar de querer abandonar a viagem, voltar, ou de insegurança mesmo, né, enfim, se quiser falar um pouco sobre isso.

J.M.B.: Então, nessa parada do desespero, de onde ficar, quando acontecia um amigo conhecido, mas quando eu entrei aqui no Brasil, a gente viu Curitiba, Curitiba foi a primeira cidade grande que eu fiz, e a primeira vez que eu cheguei aqui, eu dormia na rua aqui em Curitiba, em frente da terminal, em frente da rodoviária, então, tipo, essa foi uma das coisas mais fortes que eu já vivi, porque, tipo, eu nunca havia tenido a necessidade de dormir na rua, em Argentina, nunca, mas, tipo, viajando de mochila, quando você não é turista, que você vai pagar por sua hospedagem, e você é mochileiro, equipe, entre aspas, tipo, era a casa do conhecido, era um posto de gasolina, mas quando eu cheguei à cidade, que eu tinha para pagar minha posada, mas meu amigo não tinha, ele me falou, ah não, a gente vai dormir aqui, que não sei o quê, eu, tipo, fui à situação que eu tive que pegar um papelão, tive que pegar minha mochila, tive que pendurar meu pé short na mochila, e eu não dormi, eu não dormo na rua, eu já sei como é, eu não consegui dormir nunca, jamais, tipo, eu estava assim, com um olho assim, e esse dia eu lembro que havia roubado violona, um casal que estava de violado, que estava viajando comigo também, tipo, é como que, eu acho que assim, a vontade de desistir de viajar, tipo, nunca tive, assim, ao contrário, é uma força muito grande, que me chama muito mais, mas cada vez mais vou passá-lo com consciência, não me posicionar nessa situação que eu tive que passar para aprender, para hoje, eu me conectar com mais segurança na estrada, é como que, eu preciso passar por isso, eu preciso, porque, até você não sendo viajante, se você quisesse dormir na rua uma noite, você se dá conta de que esse mundo nocturno, esse mundo de moradores de rua, de viajante, tem muita vida nocturna, tipo, tem muita coisa que vive da nocturnidade, então, tipo, eu acho que a única forma que eu tive um medo foi quando eu soube o que é dormir na rua e não ser reclutiva, que no começo eu não conhecia ninguém.

AUDREN: É isso que você falou, assim, de chegar na cidade grande, né, de chegar na urbe, assim, na cidade que tem vida nocturna, que tem muita gente de fora, que é diferente, né, de estar numa cidade pequena, que você fala, está no posto de gasolina e você pergunta onde tem uma pousada, vai ter só uma pousada e daí vai ter fulana, já sabe te dizer, oh, até lá é legal, já tem essa rede mais íntima, assim, tirando isso do medo da insegurança, você sentiu, assim, diferença, tipo, na hora de caminhar, na hora de conversar e tal, não sei, não sei se a palavra é acolhimento, mas a diferença de estar numa grande cidade, assim, sabe, se deslocando, com o cachorro com a mochila, né, ou de estar numa cidade menor, ou às vezes também tem umas partes, assim, que entre uma cidade e outra, né, se você chegou, acho que talvez de bike, não sei, mas entre uma cidade e outra, essas partes que as casas ficam longe uma da outra, sabe, que não tem, assim, uma casinha colada na outra e que você fica um tempo mais sozinho, assim, mais... Eu acho, mas, assim, que não tem uma farmácia, uma mercearia, né, na cidade, sabe, porque normalmente a gente faz essas travessias, né, que nem você falou, de fronteira de uma cidade para outra, de carro, de ônibus, de avião, né, sei lá, mas se você fez essa transição, né, do interior para a cidade, ou entre uma cidade e outra já a pé, ou de bicicleta, e como é que foi para ti, assim, se foi tranquilo, ou se tem escassez, essa caminhada mais solitária, mais silenciosa em geral, né, como é que... como é que você passou por isso?

J.M.B.: Então, uma das grandes coisas que foi bem forte para mim foi o idioma. Eu estava em outro país, e isso foi, tipo, a chave da arte, da fala e da comunicação, assim, tipo... Em Blumenau, quando eu nem sequer havia chegado à Curitiba, eu ainda estava com um amigo viajando, maravilhosa, era muito difícil e meu amigo ficava bravo comigo porque eu não entendia, eu não compreendia, as pessoas falavam muito rápido, sei lá, em Blumenau eu sentia que falavam muito rápido. Então, independentemente do lugar, seja ciudad, seja pouco, pequeno, seja o que seja, sempre que eu me encontrei, seja com a bicicleta, porque a bicicleta vinha depois, ou seja, com a mochila e com o meu cachorro... Cara, pra mim, eu sempre falo, assim, que o brasileiro, ele tem um coração, assim, tipo, muito grande, como que ele é muito acolhedor, como que a cultura brasileira é muito doida, você comeu, você tá bem, você precisa, você... Tipo, independentemente de onde eu estive, eu estive lá, nada mesmo, e Deus pra cima

mandava uma pessoa pra me sustentar em alguma coisa que eu estaria, tipo, precisando, necessitando, porque eu havia aclamado a Deus em alguma coisa, isso se manifestava na hora, e aconteceram muitas coisas muito loucas pra contar, muito loucas, mas não... É muito, é muito incrível de viver, é muito único de viver esse caminho, como você falou, tipo, meio silencioso, de você estar nessa estrada e nessa caminhada, tipo, com consciência, você vai emanando muita coisa, porque é impossível que as pessoas que te vejam, tipo... eu mesmo aqui em Curitiba, se eu pego a minha mochila e o Chisco, e eu ando por um lado da ordem, que eu não me conheço, eu sou uma viajante mais, tipo, mas quem me conhece aqui em Curitiba, porque eu já tenho como uma base, e também sabem que a gente viaja, que a gente dá um pulo, é tipo, é muita... é um portal aberto, assim, tipo, nada falta, tipo, eu aprendi que é como que... em casa a gente tem tudo, você vai abrir o fogão e tem um gás e o fogo, você vai tomar banho, você abre a torneira, você tem água quentinha pra tomar banho, você abre a geladeira, usa comida, você tem tudo, tem tudo na vida, tem tudo. E quando você tá na estrada, independentemente de mochila ou de bicicleta, você tem que ir atrás dessas coisas, ou tem que se priorizar ou prevenir nessas coisas, então, tipo, eu sinto que essa sensação de gratidão, de valorar as coisas aí, quando você não as tem, é como uma grande oportunidade de poder abraçar a vida com muita honra de si. Nada me faltará. Apesar de que estive na rua, nunca faltou um teto quando choveu e me acaparou, nunca faltou a comida, quando eu tinha uma fome, primeiro que tinha pra eu comprar, aparecia um casal com um cachorro-quente falando, “ah, Deus falou que mandei isso pra você”, do tipo... é como uma magia, é uma consciência infinita, que ninguém vai estar... sei que acontecem coisas foda, sei que há um perigo, sei que há uma consciência também muito forte. Tenho muitas amigas, irmãs, viajantes, mulheres que já faleceram, que não estão aqui por coisas que aconteceram. A Xuxu ou Julieta, que é de Venezuela, eu chorei muito, muito, muito, muito quando eu soube, porque eu senti isso, tipo, eu sou a Julieta, eu sou a Tariana, eu sou a Agustina, eu sou todas as mulheres, tipo, eu, desde que me joguei nesse universo, assim, do viagem e da vida, eu não me sinto separada de ninguém, eu não sinto separação de mim, de você, por mais que se chame dois corpos diferentes, eu me sinto um todo. Então, honro muito as mulheres que viajam, porque são minhas grandes espelhos de manifesto, honro muito a arte das minhas amigas que viajam, porque são muito incríveis, e essa caminhada que eu sempre fiz foi com amigos homi, com amigos homi que eu fiz essa caminhada, que eu fui de uma cidade a outra só com os meus homi. Eu sou muito de ter amigos homi, sou muito parceira de amigos, sou muito parceira pra todos, assim, tipo, quem tem uma expansão nessa vida, quem tem uma taurina desse jeito, tem um brother de por vida, assim, e estamos ali, estamos ali nessa caminhada com o bichinho.

AUDREN: E eu ia te perguntar, sabe o quê? Esse sentimento de conexão, de se colocar nesse lugar, de viver se sentindo parte de um todo maior, você acha que... você consegue falar, assim, da tua percepção, né? Eu também não quero te induzir a me responder o que eu quero ouvir, sabe? Mas eu queria muito, assim, entender se tem algum momento específico, assim, que você percebe isso, se é num momento mais meditativo, ou se é quando você acorda de manhã e vai caminhar no mercado aqui em Curitiba, ou se foi pedalando, sei lá, quantos quilômetros, passando vento na cara e preocupada com... Será que eu vou ter comida até chegar no próximo destino? Ou, sabe, esse encontro de estar, esse lugar de estar com o corpo presente, desperto, consciente, sabe? Que é um pouquinho diferente de quando a gente... ah, e tem que correr pra chegar no horário, no trabalho, e só sai correndo, né? E tem que chegar, e ali o percurso parece que não tá ali, né? Então, não sei se você tem uma experiência pra contar, ou como que é isso pra você, essa relação de estar presente, né? Esse corpo que brinca com a consciência também, né? Porque às vezes a gente tá caminhando ali com o corpo presente, consciente, também deixa um lugar pro devaneio, um lugar pra consciência expandir um pouco pra além dessa presentificação. Se você quiser falar um pouco sobre como que é isso pra ti, assim, e quando que isso é mais forte, sabe? Às vezes pra algumas pessoas é em silêncio, meditativo, ou pra

algumas pessoas é caminhando, meditando, né? Algumas pessoas se sentem, assim, nos encontros, compartilhando coisas com as pessoas, enfim, né?

J.M.B.: Então, eu, na Argentina, quando eu morei em Rosario, eu sempre pesquisava o que era estar em tribo, o que era estar rodeado de mulheres, eu pesquisava muito sobre a chahuata, a medicina, o que que era, como que se consagrava, como que era, e eu praticava muito o que era a lei da atração, a lei da atração em Argentina, fazendo collage com o calendário dos sonhos, tipo isso, quando você coloca todas as coisas que você deseja e todas as coisas. Então, como que eu tive uma consciência de que, quando eu estava na Argentina, eu criava muito desde os sentimentos, desde o pensamento de querer estar no Brasil, de querer estar jogada no mundo, viajando, de querer manifestar. E quando eu entrei aqui no Brasil, que entrei com essa consciência de desapegar, é como que eu tirei todos os conceitos, todo o barro, todo o lodo, tudo, tudo o que, tipo, a gente é ouro puro, e está rodeado de informações, tem que ter filho, tem que ter marido, Joana, tipo, eu fui tirando, tirando, tirando, tirando, tirando. E quando eu saí da Argentina, que me submergia ainda mais, porque tudo isso também, entre a energia criativa, para a arte e tudo, eu fiz uma limpeza, vindo da Argentina, sexual, assim, eu não quero me compartilhar mais com ninguém, mais que comigo mesma, eu acho que isso é uma troca muito sagrada, então eu quero sair limpa daqui pra frente, para emanar minhas grandes manifestações de minha carreira, de minha vida, de minha história.

E aí, nesse trajeto que eu te estou contando, das caronas, tudo, eu encontrei uma pessoa no Registro São Paulo, eu cheguei de mochila ao Registro São Paulo, e ali, com um amigo, com outra amiga, e dali eu conheci o Universo, que era um cara que viajava de bicicleta pelo Brasil há seis anos, tipo, um maluco, beleza, uma pessoa mística, bruxona, que ele andava pela estrada e fui trocar uma ideia com ele, e aí, o mesmo Universo, um cara que se faz chamar disso, foi uma troca tão consciente que eu me encontrei, literalmente, uma pessoa muito sábia, homem, na qual eu tive também uma grande história de amor, é a única história de amor que eu tenho nos caminhos do viagem aqui no Brasil, e aí essa pessoa me ajudou a saber tudo sobre a cultura brasileira, a estar na rua, a gente estava, era um motociclo viajante, tipo, eu comprei minha bicicleta, a gente estava em Registro São Paulo, estávamos na rua, tipo, com barracas, cada um dormindo, mas a gente estava com todos os moradores da rua, e de manhã a gente, “bom dia, família, bom dia”, e tipo, a gente vendia pastoca, e a gente se vestia de palhaço, a gente, como que, vibrava a essência de ser o que a gente estava sendo, tipo, sou muito grata, porque realmente tive uma intimidade com essa pessoa, na qual eu absorvi muita coisa, de aprender a trocar um pneu, de vender pastoca, falar português, aprender a fazer malabares, estar na presença da gratidão, estar na presença disso que eu te falei.

Tipo, uma vez eu estava fazendo carona de Lapa... não, de Araucária a Lapa, eu havia perdido um nível de 21 e o próximo era 23 horas, era de noite, eu estava sozinha, com cachorro, com malabares, com limpeza, e eu tinha que ir pra Lapa, e aí, tipo, um cara passou assim, andando, e eu estava tendo um pouco de medo, mas não queria, não tinha medo, porque se vibra o medo, manifesta coisa de medo. Aí eu saquei coragem, peguei um caderno, agarrei, escrevi, puto assim, “LAPA”, em grande, e embaixo, puto assim, “CONFIA”, vocês vão levantar na hora. Aí eu vi, porque havia visto que um segurança, tipo, saiu, fiz o carona e levantaram e foi, ai que eu vou fazer, não importa que era a hora que era. Aí, tipo, todos os carros passavam por minha frente, olhavam pra ver o que dizia o cartel, que cidade era, o que que eu dizia, e aí uma senhora freia, bem longe, ela vem e me diz, “onde que você vai?” — “Lapa, eu perdi o ônibus, o outro ônibus é ontem à noite” — “Mas você tá com cachorro... eu não gosto de cachorro”, ela me diz assim. “Mas ele é bonzinho, ele fica dentro da bolsa” — “Tá bom”, falou ela assim. Meteu o bom, quando eu meti no carro, era tipo, a mãe, a filha e a mãe, tipo, três gerações ao meu redor, e ela falando assim pra mim: “Querida, você não tinha medo dessa coisinha, não, de estar essa hora na estrada?” Eu ligei, olha, ligo, deixei, deixei, eu tinha, ligo, como não tenho medo, ligo, mas eu seguia pensando, o medo, eu vibracionava, manifestava, o cara que passou duas vezes,

ele vai passar três, vai passar quatro, onde me veja, aí o mesmo vai fazer. E então, tipo, aprendi, ligo, que por mais que eu tenha medo, tipo, eu tenho que estar muito presente em minha intenção, no que ela me fala, eu sinto minha intenção e minha espiritualidade muito agudizada, porque eu saí de casa, porque, tipo, como que você se vai agudizar se você está entre quatro paredes, que a casa é o lugar que a gente ama estar. Eu amo também casa, eu sou muito confortista de casa. Mas quando você tem essa liberdade da estrada, de que você não vai saber, que você não sabe, é como que você está exposto, porque você sai dessa zona de controle. Então, tipo, eu acho que a instrução, a presença, a gratidão, tipo, agradecer, agradecer, tipo, muito, e pra mim é um estado muito de presença, porque a líder, como você falou, caminando aqui a Curitiba e mercado, tipo, é como que, às vezes as pessoas, não todo mundo gosta de mim, e tipo, porque você acha que é gratidão, tipo, gente, eu falava fora tão assim, tipo, eu tento, eu trato e faço tudo o máximo que eu posso. Mas é um estado de presença e consciência, de o que falo, de o que digo, de o que penso. E estou muito, isso, nessa conversa interna, tipo, o mais amorosa possível, porque tudo o que conversamos internamente, ele se manifesta externamente. Na estrada, me deu muito, de eu falar pra mim, é que, você sabe o qual, é uma concreadora que você é, tipo, você sabe que você concreia com sua mente, com seu sentimento, tudo o que vai acontecer com você. Então, tipo, estou com muito cuidado assim, de pensamentos e coisas, porque a vida te dá essa oportunidade. O viajar é, claro, sim, eu estou viajando no meu interior, estou indo no Brasil, no planeta, tudo, mas cada vez eu estou indo, indo assim, tipo, muito adentro assim, muito, rasgando cada informação dentro de mim. Por isso hoje eu não tenho mais anseio por viajar e chegar a lugares. Tipo, ah, o Rio, sim, todo mundo inteiro deve ser maravilhoso. Paris, tudo deve ser maravilhoso. Mas, tipo, tem tantas pessoas vazias viajando, chegando a lugares, se sentindo vazia, que não são os lugares. Tipo, o paraíso interno é o mais preciado de tudo. Então, tipo, você pode estar embaixo de uma ponte, você pode estar na Inglaterra, você pode estar onde você quiser, mas se você se sente em paz, se sente bem, você é o paraíso. Então, tipo, admiro todos os viajantes hoje, eu sou uma viajante, mas que eu digo, bem poética, eu sou uma viajante de tempo e espaço, eu me meti em um lugar mais místico, mais espiritual, aconteceu a arte, aconteceu a medicina, aconteceu o aprendizado de cultura, religiões, estudos. Então, eu estou nesse mundo místico, brasileiro.

AUDREN: É isso? Eu acho que a última coisa que eu queria te perguntar, Sam, é uma pergunta bem específica. Mas aí também, se você acha que não é importante, não é importante na tua trajetória, tudo bem também. Você teve alguma experiência, algum momento que você teve que lidar com a sua physicalidade, com o corpo, ficou doente, não sei, em algum momento, frio, fome, machucou o pé, a pessoa caiu, e isso te colocou num lugar de impossibilidade de se deslocar, sabe? Não só no suporte, tipo, de ônibus, né? Porque aí fica uma situação, mas não é só físico, eu acho que isso também é um emocional, espiritual, esse bloqueio que pode dar. Mas se você tem uma situação específica, que você fala, “não, teve um momento que eu peguei uma gripe forte e achei que ia ter que voltar pra casa”, isso num sentido de, “tá, agora eu não consigo mais sair, não consigo mais viajar, não consigo chegar no destino”. E você sentiu isso em algum momento, sabe? Ou isso, já acabou a comida, acabou a água, sabe, esse lugar? E agora?

J.M.B.: Então, sim, aconteceram várias dessas coisas que você foi, tipo, se perguntando e visualizando, eu senti que já aconteceu de que caí e machuquei o pé, por sorte eu estava com o Universo, que era um cara que viajava comigo de bicicleta, a gente estava em Lapa, eu fui muito cuidada, foi incrível, tanto como os hospitais me atenderam muito bem, na hora foi meio certinho e tudo. Eu já peguei dengue quando eu morei em Santa Felicidade, peguei dengue, nossa, foi muito forte. Eu passei com ozinho nesse processo, mas eu estava na casa, eu morava com o pai do meu melhor amigo, tipo, eu tinha tudo, estava tudo certo. E sim, tipo, ao começo de tudo, foi a minha condição, porque tipo, eu saí com uma grana e essa grana um dia acabou e meu amigo fazia malabares e eu não fazia, não era meu mundo, e aí, tipo, passei umas situações assim, na qual, tipo, como já te digo, Deus é muito maravilhoso, porque ele mandava

as pessoas, tipo, se a mim me viam com o Chico na rua, com o Chila, era muito normal. Ou, tipo, se um dia eu estava dormindo aqui com esse amigo que estava indo para Registro São Paulo — não com o amigo que saiu da Argentina — a gente estava embaixo de um edifício aqui e um casal vindo, tipo, um cachorro quente, tipo, sempre que, como digo, Deus se manifestando nesse todo. Mas aqui agora eu estou respirada, estou me cuidando bastante, estou com o papel, estou com o chimarrão, o chazinho, me cuidando. Mas é muito foda isso, o cuidado, estando sozinho, que também vou ter muito cuidado, estando sozinho, que também você não termina estando sozinho, sempre há alguém que Deus manda pro Chico. E aí, você sabe, preciso de algo... mas foram e são vários fatores assim, desse cuidado, de pensar. Uma vez também eu vi... bicicleta foi, um verme, viu que verme se criaram, eu não sabia que isso existia, gente, meu Deus, tipo, eu estava com bicicleta em lá, Com um monte de peso, o verme em meu pé, tipo, aqui no meio da entreperna, cara, eu tinha, pra quê, tomasse um bicho dentro do meu pé, eu tinha pego assim, tipo, ali, me comendo, e eu, tipo, tive que ir à UPA, tive que ir, eles cortaram a anestesia, eles cortaram e eles tiraram, e eu gritava, tipo, mas eu lembro que eu gritava muito, e o senhor disse: "Moça, mas a gente já tirou", e eu, tipo, ah, porque eu estava sozinha passando por esse... tipo, aí não estava o Universo, que era o meu companheiro, que eu me havia, tipo, eu estava sozinha atravessando esse... tipo, pra mim isso foi muito forte, porque eu gritava mais porque eu estava sozinha, porque do físico que eu estava tendo, de atravessar esse momento de um bicho, essa minha perna, assim, desse jeito. Então, tipo, sim, muita coisa, muita coisa, tipo, tomar banho em praças, de ir a procurar garrafas com água, e tipo, em Curitiba, quando eu não conhecia ninguém, tipo, eu sempre, em todos os lugares onde dá marmitech, onde estão todos os vendedores de rua, tipo, eu estava ali, pedindo minha marmitech, várias situações que eu nunca havia tenido necessidade de estar, por não ter, na Argentina, mas que aqui foi uma... pra mim foi um teste de liberta da vida, de dizer: "Gata, você pode estar aí, você pode estar onde você quiser, mas você é você, e vá com você pra frente." Porque, já digo, já aconteceu que aqui em Curitiba, embaixo do shopping, em frente do shopping estação, que vende colchões, assim, que é uma esquina aí, uma... a primeira vez eu perdi o ônibus, perdi a Recife-São Paulo, porque eu dormia aqui na rua com meu amigo, e aí a gente dormiu, e fui para Recife, fui dois meses em Recife, aí eu voltei de bicicleta, viajei de Recife, São Paulo, Curitiba, fui de dia na BR com meu cachorro, e com dois ciclovajantes mais: o Universo e a minha menina, que era a Alecha, que era de 22 anos, que passava três dias, saia sozinha de Praia Grande, de bicicleta, havia abandonado o trabalho, havia saído tudo, e também o ciclovajante. Aí a gente ia na estrada, parecia uma família, porque o Universo parecia muito com casa, e a Alecha, como era baixinha, parecia uma criança de bicicleta, e o cachorro. A gente voltou para Curitiba, porque eu não queria saber nada com Curitiba, porque eu odiava Curitiba, eu ia dormir na rua. Aí eu passava tão mal aqui que eu odiava Curitiba, e a galera queria conhecer Curitiba. A gente dizia: "Não, não, não, não sei o quê, não sei o quê, não, não, não." A gente estava indo a Floripa, os três juntos de bicicleta. Aí a gente chegou aqui, de noite, e terminamos ficando aqui. Tipo, o Universo foi pra Lapa, a Alecha ficou aqui, não foi mais ciclovajante, e eu me encontrei de novo em uma cidade que eu odiava, uma bicicleta, com uma caixa pra soca, porque não sabia nem fazer malabares, e me esqueci. E aí saí caminhando por aqui, por lá atrás, e eu conhecia a Marley Suárez Lima, que é uma grande amiga minha, foi a primeira mulher que me acolheu aqui no Curitiba, e todo mundo por meu cachorro, tipo, "Ah, esse cachorro lindo", que não sei o quê, tipo, ele parece que às vezes fecha a porta, mas ele abre grandes portais. E aí, aonde me aceitam a mim com ele, porque tá tudo bem, e aonde não me aceitam a mim com ele, tipo, eu não estou. E essa, tipo, essa consciência desse todo, assim, tipo, de vivenciar muitas coisas, infinitas, né?

AUDREN: É bem... deu um pouquinho a lei da razão filha aqui, porque aqui está profundo. Olha, Lisboa, eu me sinto satisfeita, muito agradecida. Se você tiver ainda alguma coisa que você acha importante de deixar registrada, além da tua trajetória, o que você já contou aí,

agradeço muito, tá, pela tua escuta e também pelo teu relato, que tem um tom de testemunho mesmo, né? Do que não só você viveu, mas que você acredita, e isso é muito lindo, isso é muito potente, e pra gente que te escuta é quase um momento que continua assim, sabe? Então, se tu quiser falar uma coisa, que tu acha que vai deixar registrada...

J.M.B.: Sim, eu quero agradecer por essa oportunidade. Eu, às vezes, tenho uma lei de razão filha que siga assim, mas por um momento me perda, mas agora eu lembrei, e é algo que eu quero deixar pra fechar assim, com um bruxo de ouro. Porque quando eu te falei que estava em frente do shopping na estação, que eu peguei um papelão, peguei um Chico, uma coberta, e pendurei o Chico na mochila, e aí uma coisa muito louca, porque eu viajava de tudo menos de avião, e justo passava um avião por cima, e eu falei pra minha amiga assim: "Algum dia eu vou estar lá em cima." E eu falava do avião, porque eu nunca viajava ainda de avião. Resulta que quando eu voltei, aos dois meses de bicicleta com a galera, que eu conseguia medicina chihuahua, que eu me expandi, que eu tudo, uma amiga minha, a Marlene, me disse assim, vamos à casa de um amigo, e eu disse, não, estou cansada, mas vamos, por favor, eu quero que me acompanhe. Quando eu chego à casa do amigo dela, eu digo, é aqui? Sim, menina, é aqui? É aqui, aqui, aqui, aqui? Sim. Aí eu estava, no edifício que eu dormia embaixo, com um papelão, eu estava no piso 14, com uma copa de champagne, olhando o Curitiba de cima, chorando, o cara do olho tocando o piano de trás, e eu chorando e dizendo assim, gratidão, gratidão, gratidão, gratidão, porque você nunca sabe as voltas da vida, você nunca sabe onde você um dia sai, onde você outro dia pode estar, e daí eu disse, Deus, eu não quero saber mais de nada, tipo, eu só quero agradecer e seguir por frente com minha humildade, meu coração, de gratidão, de poder me colocar em cima, embaixo, no meio, em todos os lados e ser quem eu quero ser. O viagem me ajudou, esse viajar para dentro no Brasil me ajudou a encontrar minha arte, comecei a desenhar, comecei a canalizar, me converti no ilustrador, na artista plástica, como modelo fotográfico, fui na rua, que as pessoas me paravam e me perguntavam se a polícia é como a foto minha, eu falava que sim, fui na Ghibiteca de Curitiba, que eu postei por a primeira vez e me convertei em modelo vivo, eu sou pesquisadora dessa actuariedade consente sagrada, eu pesquiso o que eu texto, o que é a extraditoriedade, eu pesquiso o que eu casado, o que apareça, o que mais, filho, pai, namorados e tudo isso, são temas que me chamam muito a atenção e me denomino esse todo hoje, com essas três pesquisas, com a arte, com a sexualidade, com os viajes, com o nomadismo, então tipo, gente, a gente é mais do que o CPS, é uma essência que está em constante expansão e a gente está nesse universo enorme e se a gente está fazendo a arte, se a gente está fazendo o que a gente entende, se a gente está fazendo as artes, se a gente está fazendo o que a gente entende, se a gente está fazendo as artes, se a gente está fazendo a arte, se a gente está fazendo as artes, se a gente está fazendo o que a gente sente, se a gente está fazendo as artes, se a gente se entende, se a gente cura, transmuta, transciende de sexualidade, de coisas passadas que vêm a muito tempo, então eu recomendo muito viajar para dentro, representação de como você se sente por dentro. Então gostaria muito de tratar de que os viajantes são quem eles querem ser, independentemente de onde estejam, em baixo de um ponche, em cima do ponche, tipo, e acreditar no que vocês entram, consciência infinita, nesse todo, e que cada vez é já menos julgado, tipo, artista ou nómada, e que se chama abraçado, e isso mesmo de admiração e respeito, assim, de ter essa admiração. Tipo, muitas pessoas, quando eu estava na finalera aqui em Curitiba, frenavam e me davam dinheiro e me disseram assim, sempre quis fazer isso e eu não tive coragem. E tipo, me davam 100 reais porque eu tive coragem, que eles não tinham. E para mim, estão, tipo, nas 13 de maio, ao começo, quando ninguém me conhecia, eu fazia malavares ali, quando eu sabia fazer malavares. Eu me ponhava com minha bicicleta, o cachorro, e eu fazia malavares. Eu fiz muito malavares aqui em Curitiba, no começo. Então, tipo, foi um ralar, desde baixo, para hoje, nem sequer tudo isso, que tiro dinheiro ao teto, que nem sequer é dinheiro, mas sim, eu posso assegurar que eu estalo muita saúde e agradeço, que

a saúde está debaixo de tudo. Porque sem saúde, você pode ter dinheiro, ou você pode ter fama, ou você pode ter o que você quiser, mas sem essa saúde, você não pode sufrir nada dessas coisas. Então, tipo, valorando a vida, agradecendo muito todos os dias, de estar vendendo paçoca, fazendo finalera, e tudo o que eu fiz há quatro anos e meio, quase cinco em Curitiba, hoje eu estou sendo artista residente da OCA Cultural, com duas grandes productoras de Curitiba, que já ajudaram muita gente, de periferia, de situações de drogas e de substâncias, e estou com parceria com elas, estou me colocando do lado delas também, já passei por muitos colectivos, já passei por muitas obras sociais, culturais, estou aprendendo muito Curitiba, ele dá muita coisa, de oficinas, de cursos, então, tipo, culturalmente, minha base sempre foi Curitiba, apesar de que anduve por vários lugares do Paraná, e hoje eu estou absorvendo tudo isso, porque quero dar um giro nessa arte, em toda essa expansão que eu estou, e vivi assim, como é uma coisa de ser eu, não importa de grandes coisas, de simples coisas que fazem grandes coisas, eu acho que aí eu já me sinto completa também de haver expressado e trazido um pouco de minha intimidade, de minha história, porque em Instagram eu não falo muito, e tenho um amigo que, ah, todo mundo quer saber da história, algo que tem que falar, e eu sei que é lindo a gente escutar, mas todo mundo está falando em Instagram, e tipo, tem outras pessoas que falam por falar, para mim não faz sentido, para mim faz sentido a qualidade, a presença, meu sonho é fazer rodas de conversa sobre sexo, que as pessoas possam falar sobre sexo, sobre a criação, sobre o tabu, como que isso é uma chave muito grande para o mundo, então, é só um objetivo, por um momento vou estar em Curitiba até o fim de ano, porque eu preciso manifestar minha carreira artística, ganhar de minha arte, para poder visitar minha família, que faz cinco anos que eu não volto a casa, eu vi a minha mãe em 2023, porque minha mãe vindo, me visita aqui em Curitiba, estou um mês comigo, foi fantástico, foi incrível, não preciso ver meu pai, não preciso ver meus amigos, que me reclamam, que me falem que eu fui, nunca mais voltei, então, tipo assim, estou super enfocada na arte, fazer algo de ser, para, acho que liberdade financeira, liberdade geográfica, é o grande sonho do mundo, e eu estou vendo como a gente está cada vez mais a esse lugar.

AUDREN: E que assim seja então, né? Até o fim do ano aí, prospere, né?

CAMINHOS AUTÔNOMOS

Entrevista com F. L. C.

AUDREN: Você estava estudando economia, né? Em São Paulo, já.

F.L.P.: Eu estudei um ano de Ciências Sociais e o resto de economia em Campinas, na UMP. Aí eu estava estudando economia para criticar o sistema. Eu achava que tinha coisas erradas. Eu estudava, lia os clássicos, lia Marx. Na Unicamp, a gente lê muito Marx. Lê Marx não por ser marxista, mas Marx foi o autor que fez a melhor análise teórica do capitalismo. Então os alunos da Unicamp em economia eram todos filhos de banqueiros, capitalistas. A gente lê Marx para conhecer como explorar melhor a força de trabalho, como ter o melhor proveito da maisvalia. É bem legal isso. Eu pegava e saía para viajar todas as férias, para conhecer mais no Brasil, para conhecer as coisas. Eu também percebia que na universidade e a Unicamp é uma universidade considerada de esquerda. Nas faculdades de humanidades, em ciências sociais e em economia. Tem muitos professores de esquerda. Mas eu percebia que realmente de esquerda não tinha nada, porque as pessoas estavam só querendo publicar e ter o seu nome bem falado. Então era esquerda brigando com a esquerda, mas não tem uma preocupação. Comecei a viajar porque era legal ver como que é a vida na prática. Faltava esse lugar da ação mesmo, da experiência viva mesmo. Foi muito legal. Uma das primeiras viagens que eu fiz, ainda com a bandeira, eu sou diferente. Conversava com os caminhoneiros, eu viajava de carona de caminhoneiro. Um dos caminhoneiros disse, você... Na verdade ele não estava tanto respondendo aquilo que eu estava falando, mas ele respondia uma ideia que ele tinha de mim.

De que eu sou um hippie contrário ao sistema. Eu nunca fui muito hippie contrário ao sistema, mas era fácil vestir essa fantasia. Não precisava fazer muito exposto, já estava lá. Aí ele dizia, mas se eu não tivesse o meu caminhão e eu não tivesse andando nessa estrada, você não estava agora viajando. Alguma coisa assim ele falou. Nesse sentido de que não tem como escapar do sistema, você está dependente aqui do meu transporte. Exatamente, você está andando de carona, mas se eu não tivesse o caminhão levando essa carga, se não existisse os carros, se não tivesse gasolina, você não estava viajando. Fazia muitíssimo sentido. Na hora, meio que não caiu muito a ficha. Porque claro, as palavras fazem sentido, mas outra coisa é você ter aquilo como orgânico, de que o sistema ele é... O sistema não, né? As nossas críticas são contraditórias. São muito contraditórias, e na verdade o sistema precisa das nossas críticas para ele se manter em funcionamento. Essa foi a conferência, mas não era por isso que eu estava viajando, eu viajava porque é gostoso viajar, é gostoso conhecer coisas diferentes. Aí a Unicamp inteira eu viajei, todas as férias.

AUDREN: No período da faculdade, né?

F.L.C.: Sim, todo ano eu pegava e saía a fazer uma viagem de dois meses, eu acho que é mais ou menos isso, dois, três meses de carona. Eu tinha bolsa, bolsa trabalho na Unicamp. E eu morava na moradia e juntava todo o dinheiro da bolsa trabalho, guardava. Eu não gastava com xerox, não gastava com compra de livros, porque eu morava na Unicamp. Universidade pública, moradia pública, restaurante público, inclusive uma parte da bolsa trabalho era no restaurante. Eu conhecia os funcionários, eu fazia um banco de dados para guardar as receitas. Aí eu não gastava com comida, não gastava com nada e guardava todo o dinheiro, uns 400 reais, 300 reais por mês e eu viajava no final do ano.

AUDREN: Que legal. E deixa eu te perguntar, no período da faculdade você viajou dentro do Brasil?

F.L.C.: Sim, não, teve uma vez que eu fui para Cuba. Não, eu fiz muitas viagens. Teve uma vez que eu fui de carona até Venezuela, peguei um avião para Cuba, teve outra vez que eu fui de avião para a Europa, fiquei um ano morando na Europa no meio do período da minha graduação. Eu fui para a Europa para conhecer também como funciona lá, como que é o mundo, aprender inglês. E depois que eu terminei a graduação eu fui para o México, fiz um mestrado no México, fui de avião normal para o México. Moro lá no México também com bolsa do governo mexicano, juntei todo o dinheiro da bolsa, comprei uma Kombi, aí eu passei quatro anos mais ou menos viajando morando e vendendo artesanato nessa Kombi, vindo lá do México até o Brasil de Kombi. Então eu vivi vários períodos pequenos de dois, três meses viajando, morando na rua, dormindo no chão e ficando na casa das pessoas que me convidavam para ter essa experiência de sair do conforto. Depois eu fiquei um ano na Europa, em Kombi eu fiquei três meses uma vez e quando eu estava no mestrado eu fiquei de novo três meses. E aí depois para o México fazer o mestrado e depois voltando para o Brasil de Kombi. Sim, no México eu fiz mestrado em economia também, economia financeira.

AUDREN: Que legal. Deixa eu te perguntar um negócio lá no começo, antes, mas para contextualizar quem você é, Fabiano. Antes da faculdade, nesse período, antes de ingressar e esse interesse pela economia, pela ciências sociais, como que era na sua história familiar, a questão da moradia, vocês moraram sempre, sua família sempre foi de São Paulo, você sempre foi de São Paulo ou já tem um histórico de migração na família, de mudança, família mais cigana, como é que era essa coisa da... na tua história biográfica lá da infância até adolescência, vida adulta ali, você morou no mesmo lugar ou você já tinha isso de mudar de lugar?

F.L.C.: Eu nasci em São Paulo, a minha mãe, ela veio com 18 anos, ela veio do interior de São Paulo, de São José do Rio Preto, e ela casou aqui em São Paulo para ter filhos, aí eu nasci, a gente morou numa casa no centro de São Paulo. No centro de São Paulo, quando eu tinha talvez aí em torno de três, quatro anos, a gente mudou para a periferia aqui em São Paulo, e todas as férias a gente viajava para São José do Rio Preto. Aí quando eu tinha uns três, quatro anos, eu

lembro muito pouco de ter morado no centro de São Paulo, mas eu tenho algumas lembranças, o meu irmão nasceu, ainda morávamos lá no centro de São Paulo. Então a gente veio morar numa casa própria, pequena, na periferia aqui de São Paulo, e quando eu tinha uns 14 anos mais ou menos, os meus pais compraram uma outra casa que agora moram agora, também na periferia de São Paulo, uma casa maior, e a gente mudou para cá. Com os 14 anos eu mudei de casa, então sim, o DNA da minha mãe foi de viajar, sair de casa, aí a gente morou em três casas, e atualmente eu estou ajudando na reforma de uma quarta casa, que a gente pretende mudar, porque aqui é onde a gente mora dá muita enchente, todo ano dá enchente, a gente vai mudar para uma quarta casa.

AUDREN: Mas sempre nessa relação do centro com a periferia de São Paulo, né? Da cidade de São Paulo. E hoje você está com que idade?

F.L.C.: Quarenta e sete.

AUDREN: Olha, então tem essa história de ser de São Paulo, né? E que que eu te perguntar? Nesse período da universidade que você foi para a faculdade, começou, teve esse interesse, né? Que eu acho que essa curiosidade é uma coisa importante, essa curiosidade que te leva à escolha do curso, né? Tanto a economia como ciências sociais, que é bem inusitado, assim. Aí você falou que começa a viajar, você falou assim, isso que me moveu para querer viajar, né? Além da curiosidade, desse desejo de conhecer e tal, o que mais? E também da escolha, assim, que você foi com o seu dinheiro da bolsa num modo bem mochileiro, né? Se você puder falar um pouco sobre isso, assim, sobre essa experiência de... O que que te fazia muito escolher o destino que você ia? Tipo, esse ano, nas férias, eu vou para tal lugar, né? O que que fazia essa escolha? Para além da curiosidade natural que a gente tem de conhecer uma coisa nova, assim, sabe?

F.L.C.: Sim. Eu viajava para... Bom, a primeira viagem que eu fiz de carona foi para Buenos Aires. Havia uma manifestação contra a área de livre comércio das Américas. Ia ser na capital da Argentina e o PT estava organizando uma caravana que ia sair de ônibus de Porto Alegre. Aí a tarefa era sair de Campinas, de carona até Porto Alegre, e de Porto Alegre a gente ia pegar o ônibus do Partido dos Trabalhadores para Buenos Aires. E foi tão gostoso viajar de carona. Eu via vídeos, eu via histórias de pessoas com cartazes na... Filmes, né? Aquela coisa que você pega um cartaz, escreve onde você está indo e ficar com o dedão na estrada. Eu tentei, né, a gente se organizou aqui em Campinas primeiro, escrevendo esses cartazes. Nada disso funcionou. Ninguém pega homem na estrada. A gente teve que mudar de estratégia conversando com os caminhoneiros parados no Seasa, por exemplo, nos postos de gasolina. Éramos três estudantes do começo da graduação em Campinas viajando para Buenos Aires. Aí no final só eu cheguei, porque o primeiro desistiu em São Paulo mesmo. Aí eu e um amigo meu, Euzébio, chegamos até Porto Alegre de carona. Foi muito gostosa essa experiência de conversar com alguém que você não conhece, que você nunca mais vai encontrar na vida. E de uma forma tão íntima, durante muitas horas, uma pessoa do lado da outra conversando muitas horas, sabendo que você não vai mais encontrar essa pessoa na vida. Essas pessoas se abrem muito com a gente, a gente se abre muito com essas pessoas. É uma intimidade interessante. Aí chegamos em Porto Alegre, o meu amigo ficou para pegar o ônibus do PT e eu estava gostando tanto da viagem que continuei de carona. Até Buenos Aires. Eu cheguei em Buenos Aires e fui conhecendo pessoas na rua, ficando em casas de pessoas na rua, até ir para a universidade. E o meu amigo não chegou porque teve repressão policial na estrada e os ônibus do PT não foram para Buenos Aires. Aprendi espanhol com dicionário. Eu olhei o mapa, eu tinha comprado o mapa, sabe aqueles que você dobra? Não tinha internet e celulares daquela época. Foi em 2000, ou por aí, foi em 2000 eu acho. Então a gente comprava aqueles mapas que você dobra. Lá na parte perto de Buenos Aires dava para ver que tinha um rio. Ah, é um rio grande. Buenos Aires, Montevidéu, deve ter uma ponte. Eu estava com o dicionário pequeno que eu comprei na fronteira, aprendendo a falar banheiro, aprendendo a falar básico, pegando o carona para Montevidéu e no caminho. Eu entendi que não tinha ponte, que era lancha. A lancha era muito

cara. Aí fui aprendendo, mudando de caminho. Foi muito gostoso isso de aventura, de você não prever muita coisa. E no final você faz um esforço maior, que você cria condições e dificuldades que você nem sabia que existiam. E você resolve. É como se fosse um videogame real na vida prática, onde você não sabe onde vai ser a próxima fase, quais são os vilões, quais são as dificuldades. Isso é muito gostoso. Foi minha primeira experiência de carona. As seguintes foram mais... Em algum momento a gente foi para... Lembra daquela coisa dos 500 anos de descobrimento do Brasil? Que Portugal mandou um barco, uma coisa assim, era Fernando Henrique Cardoso como presidente. Então eu fui de carona para lá, para manifestações contra essa coisa dos 500 anos. A gente ficou numa cidade que foi sitiada pelo exército, porque não deixaram a gente chegar também. Dessa vez ninguém chegou, tinha que ter chegado meses antes para poder passar. Também foi uma experiência muito gostosa de andar de carona. Essas foram as duas vezes que foram organizadas... Pensado, organizado politicamente. O resto foi... Ah, eu pegava férias até o durante o carnaval. Férias na universidade e as aulas só começam depois do carnaval. Eu pegava férias e viajava para os lugares onde tinha carnaval. Para Salvador, Recife, São Luís do Maranhão. E ficava nessas cidades para conhecer essas cidades sem ter ninguém conhecido.

AUDREN: Acho que você já meio que me responde uma pergunta, mas é uma coisa que me interessa bastante. Você falou da motivação e tal, mas a escolha do destino você falou ali... Ah, às vezes eu não quis desistir da carona e mudei o meu destino. Mudei o destino não, mas mudei o caminho, mudei a forma de chegar. Ah, não tinha ponte, eu não tinha dinheiro para lancha, eu tive que achar outro caminho. Isso me interessa bastante. Não sei se você puder falar um pouco mais, até nas outras viagens que você já fez. Como que foi isso? Se isso te causava medo? A minha vida é sempre muito programada, eu consigo pensar adiante muitas coisas que eu vou fazer e sempre sai muito parecido com aquilo que eu programo. Então nesses momentos de viajar, de ter essas férias, acabava que saía do programado e era muito gostoso não poder prever tudo. Apesar de que eu tinha sempre o controle, que pegava, juntava o dinheiro das bolsas e tinha o dinheiro do banco, o dinheiro na mão para viajar. Só que eu não usava esse dinheiro.

F.L.C.: Então assim, tinha a proteção, mas o brinquedo, a fantasia, a aventura era não gastar esse dinheiro. Então muitas vezes eu chegava de volta a São Paulo, três meses depois, com muito pouco desse dinheiro tocado. Eu não trabalhava nessa época na viagem, mas também nunca estava. Fazia algumas formas de economizar. E o legal era assim, tipo quando, por exemplo, eu não ia para alguma atividade política, eu ia passar o carnaval em Salvador, por exemplo. Mas eu não pensava em chegar, desde a primeira viagem para Buenos Aires aconteceu isso. Porque o legal não era estar em Salvador, mas o legal era caminhar até Salvador. Então eu demorava, às vezes, um mês para chegar em Salvador. O caminhoneiro conversava comigo. Normalmente ele queria transar comigo. Desde o começo eu percebia, então normalmente era isso. Eu não tinha vontade de transar com eles, a gente não transava, mas se abria muito. A gente criava um laço de amizade profundo. E ele me convidava para ir para casa dele, passar três, quatro dias, cinco dias na casa dele. E depois eu seguia a viagem. Então a viagem que era pela estrada para chegar para Salvador, normalmente o que a gente tinha que fazer era assim. Se eu estou aqui em São Paulo, eu sei que a próxima grande cidade, sei lá, vamos dizer que eu estou indo para Buenos Aires, mas a próxima grande cidade é Curitiba. Eu vou conversar com o caminhoneiro dizendo que se ele pode me levar para qualquer posto de gasolina na estrada do caminho para Curitiba. Na cabeça dele ele está pensando, esse cara pode ser um mala, eu vou deixar ele no próximo lugar. Depois eu descubro que ele está indo para Porto Alegre, ele está indo muito mais longe e me leva. Só que no segundo, terceiro dia ele me leva até a casa dele. É um barato, isso que era gostoso de conhecer coisas que não estavam esperadas. A primeira coisa que eu aprendi nessas viagens foi que as pessoas, os pobres, as pessoas que são tidas como as grandes, sofredoras, são as pessoas mais felizes que eu encontrava no caminho. Viajar assim, para mim, nesse começo, nessa primeira fase que era de viajar de carona, era conhecer pessoas,

porque desde pequeno eu tinha dificuldade de conversar com pessoas, de conhecer pessoas. Os meus pais não deixavam a gente brincar muito com crianças, a gente tinha uma vida muito dentro de casa, nasci em apartamentos, depois meu pai não gostava de ver amiguinhos aqui, e eu desenvolvi isso de estar um pouco distante. Na faculdade eu não ficava conversando, não ia para festas, nem gastava dinheiro também, mas não ia para festas. Nas viagens de carona foi o contrário, era obrigado a estar conversando com pessoas. Eu tinha dor de cabeça de tanto conversar com as pessoas. E aí eu me obrigava, não tinha outra escolha de estar nesse ambiente hostil, de estar com outras pessoas e experimentava isso bastante. E era sempre isso, de passar a maior parte dos três meses de férias viajando e muito pouco tempo nos lugares.

AUDREN: Era essa a pergunta de como que eu escolhia. Como que é isso, assim? E dessas viagens que você fez, a maior parte você foi de carona, de carro, mas queria te convidar a puxar pela memória, em algum lugar, algum momento, você fez algum percurso mais longo, a pé ou de carro até um lugar e depois a pé, mas desprovidos da estrada, do carro, do caminhão.

F.L.C.: A maior parte é assim, carro, caminhão. Mas algumas dessas viagens, por exemplo, eu passei pela Bahia e não tinha como não parar na Chapada da Diamantina. Aí eu entrava numa cidade e saía três dias depois de caminhada numa outra cidade e continuava a viagem. Com uma mochila de 30 quilos das costas, com barraca, mas era assim, de passeio.

AUDREN: E essa relação aí com essa mochila cheia de suprimento, sem suprimento, como é que fica esses três dias de caminhada? Só com o destino na cabeça, onde que eu preciso chegar, como é que é isso?

F.L.C.: Sim, uma vez eu estava viajando na Chapada da Diamantina com uma garrafa de dois litros de água, com uma pinha que eu tinha comprado em Lençóis e sem guia, porque eu não gostava de viajar com guia. Quando eu vou fazer caminhada, eu gosto da aventura de me perder. Então eu comecei me perdendo porque tinha partes do caminho que a trilha estava bem marcada, mas tinha parte que o chão era de pedra, então não tem marca de pé na pedra. Aí eu ficava horas, três, quatro horas em cada lugar que eu não sabia para onde que a trilha continuava, perdido, dormia. A trilha que o pessoal fazia em um dia, eu fazia em três dias, três, quatro dias, sem saber que tinha onça, aí também se não eu não faria. Aí estava acabando a água, e a água que passa ali na Chapada da Diamantina, no chão, não sei se você sabe, é vermelha, por causa dos binérios, eu pensava que era sujeira, não bebia água. Aí eu fico dormindo muito pouco a água da minha garrafa. Até no segundo dia, eu tive dois dias, um dia sem beber, e no segundo dia eu tive que beber. Eu passei mal, tive uma diarreia gigantesca, comendo aqueles miojos que carregava bolacha. Mas é gostoso, mesmo essas pequenas microdificuldades, porque nunca saía assim do conforto muito grande. Mas eu sempre gostava disso, dessas pequenas aventuras. Eu acho que eu nunca passei grandes dificuldades na minha vida, na verdade. Mesmo quando eu viajava de carona, eu tinha dinheiro guardado. Quando eu comprei a Combi, eu trabalhava muito facilmente, eu juntava bastante dinheiro e guardava dinheiro na Combi. Mas eu tinha como projeto, brincadeira minha, eu só vou comer depois que eu vender algum artesanato. Mas o dinheiro estava lá guardado sempre, porque quando quebrava a Combi, não adiantava vender colarzinho. Era sempre muito dinheiro, chegava numa fronteira, os gastos são muito grandes. Aí eu não passava esse perrengue de ficar passando muita necessidade. Era mais um projeto de experiência do que uma necessidade o tempo inteiro, de chegar no limite da necessidade. Sim, às vezes chegava no limite da necessidade por algumas horas, por alguns dias. Sempre tinha um pouquinho desse limite da necessidade, tipo dormir com frio, porque não tinha roupa suficiente, num posto de gasolina, com papelão e saco de lixo em cima do corpo, ou caminhar. Chegava num lugar que o caminhoneiro te deixava e tinha que caminhar. Bom, chegava no meio da noite, cheguei uma vez às oito horas da noite num lugar que era um cruzamento no meio de uma estrada, não tinha nada. E eu sabia que se eu ficasse parado ali ia morrer de frio. Então eu caminhei a noite inteira até amanhecer com a mochila fria.

AUDREN: Você acha que essas experiências mais limites para o corpo mesmo, você passou

muito assim? Se eu ficar aqui ia morrer de frio, não aguento mais caminhar, meu corpo chegou, foi bastante nessas trajetórias? Ou você tentava evitar isso? Ou acontecia mais no susto, assim, ai, putz, deu uma imprevista, agora eu estou ou machucado, ou doente, enfim.

F.L.C.: Sim, porque eu nunca busquei ter essas grandes aventuras corporais. Acontecia e eu aceitava e achava que ia ser legal passar por elas, a não ser nos passeios nos parques, nos passeios de caminhada mesmo e fazer trilha. E sempre tinha passeio de fazer trilha. Eu via gente que passava perrengues que eu não gostaria de passar e eu não chegou nunca a passar. Em todos os aspectos, não só esses corporais, eu sempre conseguia evitar. Então sempre estava muito saudável, tomava banho todos os dias, inclusive mesmo morando na Combi quatro anos, era uma regra parar no meio da estrada para tomar banho nos rios, lavar roupa nos rios e ficar bem saudável, não pegar doenças, não ficar assim... Ah, alguns parrengues, tipo quando eu tinha que consertar a Combi com fibra de vidro, ficar com o corpo coçando alguns dias, porque toda a roupa estava cheia de fibra de vidro, mas coisinhas mínimas. No Brasil é fantástico, né? Brasil, Cuba, que eu fiquei um pouco doente, mas a gente tem o SUS, você não passa necessidade, em Cuba também não passa necessidade. No México também eles tinham um sistema de saúde muito bom, não passava necessidade. Eu passei um perrengue em Londres, uma vez que eu estava trabalhando como... eu passei um ano morando na Europa e trabalhava, né? E eu trabalhava num restaurante e ia de bicicleta para o restaurante. Eu caí e ralei o joelho. E é caríssimo qualquer coisa, mesmo que o sistema de saúde inglês não é que nem o americano, né? Mas eu era turista, não podia dizer que eu estava trabalhando, tinha algumas dificuldades. Eu fiquei com o joelho todo ralado, morrendo de medo de que infecção, não podia mostrar no trabalho, porque não ia me dispensar, eu tinha que trabalhar todos os dias. Até hoje eu tenho dor nesse joelho por causa disso, e isso é meio que interessante, né? Viajei muito tempo, muitas vezes na América Latina, nunca tive uma grande dificuldade de saúde. Em Londres, no centro do mundo, eu tive uma... não foi legal.

AUDREN: O economista foi ter um cacto, um acidente de trabalho, a caminho do trabalho em Londres, né? Nossa, um dia desses, inclusive, chegando de bicicleta, tinha polícia. Sempre tinha polícia atrás de imigrantes ilegais lá, eu sempre morrendo de medo. Pois é, falar em polícia, essa também é uma coisa que acho que é interessante, assim. Acho que quando você estava com a Combi, talvez a relação possa ser um pouco diferente, mas como que pega pra você, assim, isso de se sentir seguro, né? Não em relação ao policiamento, mas a tua relação com a viagem, a tua relação com o espaço, com o ambiente, se é rural, se é urbano, se está de carona, se está mais no controle da situação ou menos, né? Que nem você falou, isso de ter uma grana guardada é uma ferramenta de controle, eu acho, né? Que é muito massa, assim. Mas como que pegava, assim, o medo mesmo, a sensação de insegurança nos ambientes, o que será mais em relação aos encontros ou aos ambientes, ou a escassez, ou enfim, né? Como que é isso, assim?

F.L.C.: Quando eu fui começar a viajar pela primeira vez, aquela viagem lá pra Buenos Aires, uma amiga, uma mulher, me ensinou a pegar carona lá na moradia da Unicamp. Ela me dizia que viajava muito de carona e ela me ensinou que você tem que entender a psicologia humana, você tem que entender que determinados comportamentos seus, que poderiam parecer que geravam um comportamento esperado, pode ser prejudicial pra você. Por exemplo, com o interesse sexual, ela me dizia, como que eu faço? Eu falo diretamente sobre sexo desde o começo pra não deixar o caminhoneiro fantasiar, pra ele não ficar na dúvida de qual que é o meu interesse. Eu falo, se eu não quero, eu falo. Aí ele não fica achando que eu sou tímido, não fica fantasiando, não fica criando um filme na cabeça dele que depois ele vai querer realizar. Então, eu entendia que eu tinha que lidar com o psicológico das pessoas. Então, o policial, ele tem um papel, o ladrão tem um papel. A pessoa que pode ter algum interesse ou criminoso, uma pessoa que não tem uma moral, uma ética compatível com a nossa, com a nossa, não sei qual é a sua, mas assim, daquela ética que é esperada numa situação, essa pessoa tem um papel. Você entender como funciona esses personagens, encontrar qual que é o seu personagem em cada

situação facilita um pouco, dá um pouco de segurança. E assim, o básico é sorrir. É sorrir, é muito fácil, sorria. Sorria, se faça de palhaço, se faça de tonto, fale muito, fale quais são os seus planos, né? Para que a outra pessoa compartilhe e fale quais são os planos dessa pessoa. E não seja preconceituoso, não esconda o jogo, porque se você vai fazer com que essa pessoa seja preconceituosa, esconda o jogo também, né? Escute bastante. Então, eu me saí bem com os policiais, com a Combi, era direto. O policial via uma Combi hippie, sempre. Ele se aproximava ou para dar risada e apoiar, achar um barato, ou para tentar ganhar algum dinheiro, achando que eu tinha dinheiro. Então, era sempre fazer o joguinho da risada. Tipo, o cara chegava e falava que eu estava cometendo alguma irregularidade, que nem uma vez andando de Combi na cidade de México, na capital do México. Lá tem Rodízio também, que nem aqui em São Paulo. Então, tinha dia que eu não podia andar com a Kombi lá e eu estava andando com a Kombi. Ah, sempre eu falo. Ah, eu não sabia. Faço um sotaque forte. Aí a pessoa fala aqui. Ah, então vai ter que me multar. Como que a gente resolve? Aí eu sabia. Ele está pedindo propina, né? Como que eu vou fazer? Demorava uns cinco minutos para chutar um pouquinho de moeda. Chegava para ele dando risada. Ele olhava aquilo, dava risada e me escoltava até minha casa para nenhum outro policial me multar. O coitado desse palhaço aí está perdido aqui no meu país. Ou em Panamá. Cada país, cada lugar tem suas regras, né? Panamá, por exemplo, você não pode andar sem camisa, imagina? Um país quentíssimo. Uma tradição bem interessante lá, por causa do dinheiro. Eles são dolarizados, eles têm muito dinheiro. Uma população 99% negra pela história da colonização e da escravidão. Imagina aqueles negros suando sem poder tirar a camisa. Então, eu sempre andava com a camisa no ombro da primeira policial que chegava e falava que não sabia. Virava a esquina e atirava. Eu tinha que correr, que eu tive que fugir de assaltante. Teve...

AUDREN: Você passou uma situação de violência uma vez, né?

F.L.C.: Eu passei alguns perrengues, mas eu sempre achava legal enfrentar. Uma vez que eu fui assaltado, que eu sofri uma violência muito grande numa cidade, nesse dia, nessa cidadezinha, muito miudinha, com pouca gente, numa vila, né? Eu podia ter fugido do lugar, porque os assaltantes ainda moravam por ali. Eles podiam me encontrar, porque eu acabei fugindo do local do assalto, eles não conseguiram roubar muita coisa, e eles podiam ser violentos comigo. Eu aproveitei pra ficar no lugar. Pra enfrentar o medo, todas as noites que eu voltava pra casa numa vilazinha numa praia, sem iluminação, sem poste, sem luz, sem chão de terra, eu enfrentava aquela situação do medo de propósito. Durante os três meses que durou o meu visto em Honduras, eu fiquei lá naquela cidadezinha sem fugir. E quando vinha aqueles pensamentos de vingança, de raiva, eu enfrentava o pensamento de não ter raiva, de não sentir ódio pelas pessoas, não de ser o bonzinho Jesus Cristo e dar outra face, mas só de cuidar da minha mente, cuidar do meu ser, de não cultivar um ódio. Numa dessas viagens eu fiz cursos de meditação também. Foi uma busca também espiritual. Todas essas viagens foram, de certa forma, uma busca de autoconhecimento, de fugir do controle, do meu próprio controle, porque a vida é muito fácil. Quando eu era adolescente eu mexia com informática, eu fiz um curso técnico de eletrônica e informática, comecei ganhando dinheiro, era muito fácil ganhar dinheiro, aos 18 anos tinha carro, aí eu desisti disso porque eu estava trabalhando numa empresa grande, na Paulista, e lá embaixo na Paulista estava tendo uma manifestação do Lula contra Fernando Henrique, e eu, puta merda, vai ter trânsito, eu não vou conseguir voltar para casa. Aí eu fiquei pensando, por que eu estou pensando isso, que interessante essa coisa. E um amigo meu tinha acabado de entrar na faculdade de Engenharia Elétrica, na Unicamp, e ele me falou, Fabiano, desista dessa coisa de querer ser engenheiro. A gente não cria, que eu gostava da ideia de criar, de criar projetos eletrônicos, a gente não cria, na faculdade a gente só vai ganhar dinheiro, o engenheiro vai ser um gerente em vez de um criador. Aí eu comecei a pensar muito nisso, vou mudar o mundo. Aí eu entrei em Ciências Sociais e fui percebendo logo no começo que não tem o que mudar no mundo. Talvez o que eu possa fazer é mudar a minha percepção do mundo,

porque quando eu estudava, quando a gente pega os livros de antropologia, os livros de sociologia, economia, livros de política, você percebe que parece que o mundo é assim. Não seria assim, não existiria os problemas e as dificuldades se a gente vivesse no paraíso criado pelas religiões. Então assim, quando você lê alguma coisa, tipo o Manifesto do Partido Comunista de Marx, você está vendo um paraíso criado por uma outra religião, uma religião criada por um intelectual e não por um pastor... Mas é um paraíso também, não é real. Em nenhum lugar do universo ou da natureza que a gente pode ver, existe uma vida sem sofrimento, sem dificuldades, sem problemas. Dá pra perceber isso logo no começo. Aí quando eu fui viajando, eu fui percebendo, mas eu gosto da dificuldade, eu gosto do problema, eu quero controlar, mas eu gosto da dificuldade. Por que eu vou esperar que o mundo exista em um sistema político econômico onde isso não existe? Eu vou desejar isso porque quando alguém deseja isso, quando os intelectuais, os bancos financiam esse tipo de pensamento, você cria o ciclo, você fortalece o movimento de vai e vem. É necessário existir o marxista, é necessário existir a esquerda para que exista a direita. Então incentiva o movimento, isso faz tudo parte do sistema, é gostoso ver todo esse sistema. Aí estudando economia, eu achei legal isso, de estudar como que funciona as ondas, é tipo aprender a surfar. Então você não vai querer que não tenha onda quando você aprende a surfar. Mas é legal aprender formas diferentes de surfar. Não tem só aquilo de ganhar dinheiro e, sei lá, ter filhos e ter essa família que é projetada. Você pode ver de várias outras formas, com tudo isso existindo. E para aprender um pouco das coisas diferentes, é legal viajar. Porque aí você conhece muitas formas de vida diferentes. Imagina, aqui no Brasil é gostoso demais, o Brasil é gigante, tem muitas culturas diferentes. Mas a cultura não é aquela coisa de tipo de dança diferente, de roupa diferente, de religião. É a forma de você se relacionar com pessoas diferentes. Tem diferentes formas de você se relacionar. Só com a frieza de Londres, a frieza da Suécia, onde as pessoas estão mais distantes, existe um relacionamento humano. Não existe nenhum lugar do mundo onde a gente não se relaciona, mas todos são diferentes. Isso é bom demais de ver, de conhecer, de experimentar.

AUDREN: E esse lance do relacionamento humano, como que você tem essa percepção de como que as pessoas te viam? Quando chegava, você falou um pouco do hippie dentro da combi. Mas o que as pessoas te falavam, como que as pessoas te recebiam?

F.L.C.: Eu faço sempre esse personagem do sorridente e do feliz. De ser o bonzinho, o Jesus Cristo. Que é o melhor, é o personagem ser o Jesus Cristo, o bonzinho, o amável. Todo mundo gosta. Na Europa, por exemplo, só da pessoa saber que eu era brasileira não precisava falar nada. Todo mundo ama a brasileira. Mesmo que eu não entenda de futebol. Todo mundo ama o brasileiro. Nas viagens, as pessoas tinham um pouco de dificuldades e um pouco de preconceito. As pessoas tinham um pouco de preconceito por eu ser de São Paulo e estudante. Então eu acho que a minha vantagem é que eu não sou forte, eu não sou grande. Eu sempre fui magrinho. Então o homem, o caminhoneiro que estava dirigindo, ele não via em mim uma ameaça física. Eu sempre permiti que ele se sentisse superior. Essa foi uma das formas que eu acho que desde criança, sem querer ser fraco, eu aprendi de usar como estratégia de primeiro contato com as pessoas. Uma vez que as pessoas não veem em mim uma ameaça, elas se abrem para me conhecer um pouquinho melhor. A gente sempre tem coisas que acabam sendo interessantes para conversar. As pessoas acabam gostando de mim como eu sou. Mas essa primeira contato, eu acho que era fundamental. De fazer pobrezinha, de fazer vítima. Vítima não, eu nunca me fiz de vítima. Mas de quem está precisando de alguma coisa, de alguém que... que não está num lugar de poder ou de imposição, de competição. Uma das dificuldades, as maiores dificuldades de relacionamento na viagem, de andar de carona, era com os carros de passeio. Porque nenhum caminhoneiro se impunha muito assim de... Era uma questão mais física. O medo do caminhoneiro é levar um homem, é que eu vou roubar ele. Agora, imagina o medo de um motorista de um carro de levar um homem. É medo de que eu vou roubar, é medo que eu seja intelectualmente superior, medo que muitas... Eu tenho muito mais dificuldades,

politicamente. Então era um pouquinho mais difícil. Uma vez eu peguei carona com um carro, eu estava com uma amiga. Muitas vezes eu viajava sozinha. Dessa vez eu estava viajando com uma amiga que depois vira namorada dessa viagem. E a gente estava indo para Canudos, sabe? No interior do sertão, a cidade onde que Antônio Conselheiro foi cercado e acabaram com a revolta popular... Eu estava na Bahia, em Salvador. "Vamos para Canudos?" "Vamos!" Aí a gente saiu de carona rapidinho. Acho que no primeiro posto de gasolina fora da cidade, a gente tinha um carro de passeio pequeno, que fez a gente colocar a mala e todas as coisas. Revistou a gente, abriu a mala, revistou, colocou lá atrás. Ele disse que ia até a próxima cidade. Não disse até onde que ele ia. No final, ele era bem conservador. Era um homem bem conservador e rico. E a fazenda dele era em Canudos. Parte do terreno da fazenda dele era onde você andava e encontrava balas. Onde teve a guerra de Canudos. Ele nunca falou para a gente. Foi uma das viagens mais gostosas de conforto. Ele não falava para a gente para onde ele estava indo. Eu já tinha tido essas experiências. Então eu não perguntava. Por exemplo, a gente chegou numa cidade e ele falou para a gente dormir no hotel lá. Não perguntei porque sabia que ele ia arregar. Aí a gente dormiu nesse hotel. No meio da noite ele parou lá, chamou a gente e levou a gente para uma fazenda de um amigo dele onde estava tendo um forró ao pé de serra raiz mesmo. Uma delícia. Depois a gente voltou e ele disse que amanhã cedo, na hora que a gente acordar, a gente continua. Ele não perguntava, foi indo, foi indo, foi indo. Parou, comeu bode não sei o quê. Ele foi fazendo passeio-guia turístico para a gente e quando a gente chegou, a gente chegou em Canudos. A fazenda dele. Ele tinha bode lá, ele criava. Ele levou a gente no Açur de lá. A gente viu lá. A parte da terra dele é a parte onde estava. Coisas assim.

AUDREN: É engraçado isso da construção do destino. Normalmente viagem turística, enfim. Essa forma como a gente entende o destino. Ele tem um destino oculto e vocês também. Mas como faz esse manejo por conta de tantas camadas relacionais um com o outro, com o caminho, com a segurança, com a expectativa, com a companhia mesmo. Como vocês ambos manejaram os destinos que cada um guardava ali de uma maneira diferente. Acho que essa relação de segurança ou insegurança tem a ver com o fato de você já voltar. Você fez suas viagens? Não sei. Me diga, se você pensava em algum momento de falar, "não, eu vou para tal lugar e eu vou me mudar, vou ficar, não vou voltar." Me dá uma agonia só de pensar isso. Ou se sempre você falava, "não, vou passar o tempo de tempo que for, mas sempre com a expectativa de voltar para casa."

F.L.C.: Não necessariamente voltar para casa. Me dá uma agonia pensar que vou passar o resto da vida de alguma forma. É uma sensação muito desagradável, uma angústia tremenda. Em qualquer situação, por exemplo, todas as vezes que eu decidi entrar num emprego, senti uma agonia. "Poxa, eu estou me comprometendo em trabalhar para essa pessoa, para essa empresa, por algum tempo." Mas eu sabia que não era para sempre. Eu vou para a faculdade, eu sei que não é para sempre. Eu nunca consegui imaginar eu casado ou eu tendo filhos por causa dessa agonia. Porque aí seria na nossa civilização, no nosso contrato social, para sempre. Apesar de a gente saber que não é, mas seria para sempre... Agora, as viagens era... Eu nunca pensei em viver num lugar para sempre. E, durante algumas dessas viagens, foi em busca... Uma porcentagem do motivo da minha viagem era buscar esse lugar, o tópico de mudar de lugar, de morar para sempre em algum lugar. Encontrar. Algumas vezes eu buscava sociedades alternativas, comunidades alternativas. Por exemplo, a Glória estava agora lá no Enca, que é o Encontro Nacional de Comunidades Alternativas, que acontece uma vez por ano, para tentar fomentar, de criar condições materiais para uma nova comunidade surgir de um lugar, uma terra. Eu já fui em algumas dessas comunidades, também em busca disso, desse paraíso, desse lugar fora do tempo, fora do sistema capitalista, fora do dinheiro. Mas logo no começo eu percebi que também não existiria nenhuma possibilidade de eu me adaptar a uma comunidade alternativa ou encontrar um lugar para me estabelecer definitivamente. Então, desde o começo eu pensei, eu vou passar a vida assim, eu vou aprender formas de ganhar dinheiro, de produzir

algo útil às pessoas, aprender formas diferentes, quanto mais eu posso aprender técnicas, habilidades físicas para produzir algo que é útil para as pessoas enquanto eu estiver em movimento. Então, assim, eu nunca pensei em trabalhar numa fábrica, reproduzindo, apertando um botão o resto da vida, porque isso não faz nenhum sentido para mim, isso não me dá prazer nenhum. Mas o que eu posso aprender de técnicas, o que eu posso fazer em qualquer lugar, mesmo sem conhecer as pessoas, aí eu vou aprendendo essas coisas, consertar coisas físicas, eletrônica, elétrica, construção civil, artesanato. Então, eu vou buscando isso porque eu sei que eu não vou viver para sempre num lugar. Mas isso também é ruim. Também aprendi que ser nômade puro também não é legal, não é tão satisfatório. Porque dá muito prazer. Imagina, é uma droga. Dá muito prazer você mudar de lugar. É muito gostoso você passar três... Tem gente que não consegue ficar mais de um dia. Eu até consigo ficar três meses num lugar e conhecer com visto o período que você pode ficar lá quando você está fora do país. Aí eu tenho uma vontade, já saturei, eu quero ou você se aprofundar nas relações, ou você muda. Eu tenho essa dificuldade psicológica, não consigo aprofundar muito nas relações, então tenho que mudar depois de um tempo. Mas também consigo ficar bastante tempo num lugar também. Eu me acomodo facilmente num lugar. A sua pergunta foi se eu já busquei um lugar, se nessa viagem eu estou buscando um lugar. Eu acho que em parte a gente está buscando esse lugar para se assentar, mas eu tenho poucas esperanças de achar. Então acabo desfrutando o prazer de viver aquele momento porque também tem dentro de mim uma agonia, uma aversão a me estabelecer. Eu nunca pensei em comprar uma terra, nunca pensei em investir muito em alguma coisa.

AUDREN: Acho que isso tem muito a ver, acho que isso me responde muito sobre a relação que a gente tem com o destino quando faz esse deslocamento, deslocamento que é de consciência, que é de corpo, que é de trajetória, nessa relação com a expectativa do destino. Por que e o que eu vou buscar lá e se eu vou voltar ou não. Acho que isso que tu fala é muito bonito. Tenho uma ideia de nomadismo, que eu acho que é meio que vendida como um vilão. O nomadismo como esse vilão predatório. Lá no começo da civilização esse vilão predatório que o nomadismo é, que é uma praga que destrói o lugar e vai embora quando acaba. Acabou, estamos na escassez, vamos procurar outro lugar. Está nos livros de história que a gente conta para as crianças na escola que o homem virou sedentário para se livrar desse nomadismo predatório. Mas tem uma coisa que você fala agora dessa noção relacional do nomadismo também que ele existe muito num limite da satisfação, do prazer. Que tem um elo relacional, seja com as pessoas ou o ambiente, que ele é árduo, ele é trabalhoso, ele tem jaule de existência para construir coisa, construir uma casa, construir uma plantação, construir um casamento, uma família, uma relação, uma parentalidade. E isso tem uma relação com o tempo e tem uma relação com o espaço que é de construção. Mas acho que tem muito disso, dessa sazonalidade. E por isso que você fala, é muito potente, é muito bonito. O tempo de duração disso, de estar num lugar ou de se mudar desse lugar. É muito bonito... Eu fico às vezes imaginando como seria viajar em casal, em família. Deve ser uma experiência diferente também. É isso do caçarinho que faz o ninho carregar o ninho junto. A passarinha vai lá, põe o ovo no ninho e fica lá no ninho. E sai para pegar o ninho e voltar. Mas como seria lá voar com o ninho nas costas.

F.L.C.: Exato. Eu encontrei alguns casais e famílias viajando, mas eram esquemas diferentes. Porque você tem que conciliar o desejo de mais de uma pessoa. E é bem interessante isso. Aí é um outro nível de aprendizado. É tipo ascensão espiritual. São outras demandas, outros esforços nessa negociação. Se você está viajando, se você é nômade, em família e não é autoritário despótico, é bem interessante. Você tem que ter um nível de diálogo diferenciado. É um aprendizado muito grande. É, porque consensualizar os desejos em dois mais que um é sempre desafiador. Em comunidade, em movimento. Acho que é um grande desafio. Você tem que sentir prazer com a decisão do outro e não só com a sua. E a gente movido ao desejo. Movido à satisfação. Eu nunca tive a necessidade de viajar. Eu viajava por prazer. Eu sempre fui movido por esse prazer. Todas as pessoas que eu encontrei nas viagens estavam também movidas pelos

seus prazeres, pelos seus desejos. Nunca encontrei um nômade real. Nunca convivi com os ciganos, por exemplo. Mesmo que se encontrar um cigano atualmente, ele não vai estar realmente movido por alguma coisa intrínseca. Talvez seja mais uma cultura aparente do que a gente já não tem direito à propriedade. Aliás, o cigano está sempre invadindo a propriedade de alguém. É um conflito que vai impedir ele de gostar daquilo. Então a gente acaba viajando pelo prazer de viajar. Não é tão... É gostoso isso. Porque você pode conciliar... Uma das grandes motivações de eu viajar também é porque eu tenho dificuldade de enfrentar as minhas questões psicológicas. Então enfrentar elas em lugares diferentes é como se você adocicar. Você põe um temperinho ali, você põe um açúcar em sal para comer aquela comida que não é... Tomar aquele remédio que não é gostoso. É um remédio muito amargo. E isso todo mundo fala a mesma coisa, essa mesma experiência que eu tenho. Você vai repetir as relações que você tem na sua família, as relações que você tem no seu ambiente, em qualquer lugar que você for do mundo. Você vai encontrar seu pai, sua mãe, seu irmão, seus parentes, as pessoas, o seu patrão, todas as pessoas que você tem dificuldade, você vai encontrar em outros atores. O personagem vai ser o mesmo em outros atores. Até mais gostoso porque você já não tem aquele ranço que você tinha em casa, mas você vai viver de novo essas relações. Tem essa liberdade performática também, de performar de uma outra maneira. Você pode atuar de outra forma. A mesma narrativa, a mesma história, você vai atuar... Pode mentir de outro jeito, ninguém vai saber.

AUDREN: Exato, ninguém te conhece. A responsabilidade da infância, ninguém vai saber que você está inventando, que você está inventando um sotaque, que você está andando de um jeito diferente. Você pode viver um ou outro personagem. Então você pode mudar. Você pode desengessar aquele personagem que você não conhecia, você mesmo. Aí na viagem você se conhece, porque você tem que se apresentar, você vê como o outro te vê. Aí você percebe, caramba, eu sou sempre assim, mas vou mudar de vida dessa vez porque essa pessoa não sabe que eu sou realmente. E você começa a gostar do seu novo ser.

F.L.C.: Claro que você não muda muito, mas é interessante pra caramba isso de você mudar, ser um outro ser. As mulheres falam, é viciante, é uma droga, vontade de fazer de novo. Mas você tem que ser muito, muito inteligente, tem que ser muito esperto pra conseguir não sofrer demais na viagem. Porque a nossa vida, nossas cidades, o nosso processo civilizatório proibiu o nomadismo. Se você está acostumado a ter um nível de conforto grande nessa civilização, de gastar, de só ter prazer no consumo, ter prazer no turismo vendido na televisão, se você está acostumado a ver muita televisão, você não consegue viajar. Aliás, teve muitos lugares que se eu soubesse o que falavam daquele lugar, eu não teria ido. Tipo a brincadeira que eu falei, se eu soubesse que tinha onça naquela trilha, eu não tinha ido, ficado sozinho, acampado, sem fogueira, todas as coisas que eu fiz sem saber. Por sorte eu sobrevivi. Se eu fosse de novo agora, sabendo que tem onça, eu iria me comportar diferente e não seria tão legal. Tipo andar de noite na Guatemala, o lugar que as pessoas são sequestradas muito facilmente, se você não tem dinheiro você morre. Tem coisas que não é legal... Se você assiste televisão, que é uma das formas de você conhecer o mundo, você não consegue facilmente ter uma vida nômade. Porque você vai estar preparado por um monte de dificuldades que vão te impedir, você não vai dar o primeiro passo, ou não vai dar o segundo, você vai estancar, ou você vai ter que gastar muito dinheiro para poder meio que adaptar o nomadismo nessa civilização que necessita de dinheiro. Eu nunca na minha vida reservei um hotel. Até hoje. Nunca na minha vida reservei um hotel. Mesmo com a internet hoje em dia, Airbnb, nunca. Eu acho a coisa mais legal do mundo chegar de mochila no lugar, caminhar e procurar o moquifo mais barato com as prostitutas no centro da cidade, do lado do mercado municipal. Isso é gostoso. Ou não, quando fica no hotel. O mais legal é você estar conversando e acabar ficando na casa de alguém que você conheceu no trem, no ônibus, na estação. É mais difícil hoje em dia você ter a habilidade intelectual de conhecer o mundo como ele é, sem odiar esse mundo e acabar tendo uma vida nomadista sem ter muito dinheiro. Você tem que ter uma educação muito forte. Quando eu estava voltando do México,

coincidi com aquela história de fim do mundo de 2012. Eu encontrei em Cartagena um grupo de hippies que estava indo para o México. Eu estava saindo do México e tinha um grupo de hippies buscando paraíso. Eu tive a oportunidade de estar com um monte de gente, de um monte de realidades diferentes, de comunidades alternativas diferentes, e percebendo que essas pessoas não conseguiriam estar vivendo esse estilo de vida nomadista se não tivesse um grupo, ou se a maioria era classe média que tinha dinheiro, ou muita gente sofrendo com abuso de drogas. Pela manhã estava todo mundo super triste porque ainda não tinha fumado. Infelizmente, a gente não tem uma tradição nomad compatível com felicidade na cidade. Acaba sendo uma forma diferente de ser indigente ou de um sofrimento diferente. Essa vida é diferente. É bem impactante isso. Especialmente quando a gente assenta e repara como a vida na urbe traz isso. A vida na cidade leva para isso.

AUDREN: Eu tenho ainda mais uma pergunta para te fazer, talvez da minha parte seja a última questão ainda que eu tenho, mas você fica bem à vontade para falar ainda o que você acha que ficou faltando alguma coisa. Mas eu acho que tem uma coisa que me interessa também, que você falou um pouquinho já assim, acho que até agora nessa última fala, todo mundo falou um pouquinho, mas que eu me pergunto bastante, acho que eu tenho perguntado para as pessoas que eu entrevistei, falou que muitas vezes você viajava sozinho, mas algumas vezes você viajou em grupo. Nessas viagens, especialmente as que levaram mais tempo, que duraram mais tempo talvez, se você tem alguma coisa para falar, alguma memória, sobre um estado alterado de consciência, estava três dias lá caminhando na Chapada Diamantina, e esse lugar de solidão, de lugar inóspito, de racionamento de água, lugar da escassez, de uma diferença bastante grande da tua realidade cotidiana até ali, sabe esse impacto da diferença, como que isso afetou, não só falei da Chapada, mas sim algum outro momento da tua vida ou da tua viagem, esse distanciamento cultural, ambiental, como que isso moveu a tua relação com o teu corpo, se você percebeu isso, você falou em algum momento de buscar uma espiritualidade, enfim, da meditação, mas se você tem algum relato de experiência sobre isso, de sentir o corpo diferente, eu falei um pouquinho da dor no corpo, da dificuldade, mas às vezes não está só na dor, só na dificuldade, numa doença, num corte, num oferimento, essa outra relação que às vezes pode ser positiva.

F.L.C.: Você perguntou isso de como que o meu corpo respondeu a esses momentos de experiências desconfortáveis, e eu não consigo lembrar muito, porque talvez eu não consigo prestar muita atenção no meu corpo, já que você repetiu essa pergunta algumas vezes, eu estou prestando atenção agora, como eu não presto atenção no meu corpo, e a minha memória também não funciona tão pontualmente, mas de modo geral, sim, eu sei que isso que você falou é super verdade. A minha consciência se fortaleceu muito em todas essas viagens, eram os momentos de aprendizado mais fortes que eu tive na minha vida, mais intensos, durante pouco tempo e mais intensos. Teve uma vez na Chapada da Diamantina, que você comentou, eu fiquei sozinho pensando muito numa ex-namorada, e eu senti um amor forte, o amor foi muito forte, talvez uma das primeiras vezes na minha vida que eu senti essa emoção. Claro, quando eu cheguei e olhei para ela, não, que viagem, ainda bem que a gente terminou, mas a emoção, porque a gente fantasia, não está sozinho, outra vez eu observando, eu não consigo ver, vou acabar falando coisas mais intelectuais do que corporais, mas eu numa praia sozinho, catando conchinha, andando, depois de passar o dia inteiro bebendo água de coco, já passando mal de plantar água de coco, só tinha coco naquela praia, tinha até feito arroz com coco, eu pensando, poxa, eu fico criticando o capitalismo e a minha existência, para que seja confortável, necessita da modificação do ambiente, mesmo que eu não fira nenhum ser vivo, mesmo que eu não coma carne, naquela época eu estava tendo uma experiência vegetariana, por exemplo, tive algumas experiências vegetarianas na minha vida, pegar essa conchinha que está aqui na praia e fazer um furo nela, ela vai deixar de ser areia, vai deixar de virar areia, mesmo que o bicho já não está usando ela, não tem como existir sem deixar uma marca. E lembrando daquela experiência,

uma das primeiras experiências do caminhoneiro, eu preciso dessa materialidade para eu existir, então acho que todas essas viagens, de uma forma ou de outra, me fizeram me sentir bem e compatível com esse planeta, o que eu não me sentia no começo, eu no começo, quando é interessante isso, é a forma de captação de todo o movimento social, de toda a ideologia, que não deixa de ser religião, primeiro faz você se sentir mal com você mesmo, você se sente culpado, minha culpa, a própria culpa, a eterna culpa, essa coisa que eu estou fazendo, então você se sente culpado através da culpa, que é uma sensação desagradável, você se move para alguma outra coisa. Às vezes eu tive isso, e para sair eu percebia, não, não é minha culpa, não tenho culpa, eu tenho que enfrentar a culpa, eu tenho que... Claro, também eu não vou ser um psicopata, que vou ignorar a dor do outro, tenho que também aprender a desenvolver a simpatia, mas não é, né? Tive algumas experiências assim. Os momentos de maior transformação já não foi no meio da viagem, mas foi naquele curso de meditação que eu te falei. Foi por não estar dentro de uma rotina diária que me obriga a ter compromissos, que eu pude me dedicar alguns meses da minha vida a estar em centros de meditação, fazendo退iros dez dias sem parar, sem ter contato com o mundo exterior, e nesses退iros de dez dias sem parar, passar dez horas por dia, durante dez dias sem conversar com outras pessoas, somente observando o meu próprio pensamento, eu fui perceber que não só eu tenho pensamentos que eu não conhecia, como eu também sou capaz de modificá-los. Essas foram talvez as maiores experiências que eu tive na minha vida, foi durante viagem, mas foi num ambiente super confortável, sempre tinha um monte de gente fazendo a comida para vir, caminhava, tudo protegido, qualquer coisa que eu precisasse, tinha um monte de gente me servindo num centro de meditação bem arrumadinho, limpo e organizado, para me receber durante aqueles dez dias sem pagar. Mas foi durante a viagem que eu tive esse contato. Eu usei drogas, plantas enteógenas, medicina da natureza, que me levou a um contato mais profundo com o meu ser em alguns momentos dessa viagem, que foram muito importantes também. Eu acho que todo mundo sabe muita coisa, desde que nasce a gente sabe tudo, só que a gente acaba ouvindo coisas diferentes daquilo que a gente sabe e acreditando nessas outras narrativas, mas, no fundo, a gente sabe muito mais da gente mesmo do que a gente pensa saber. E esse pensar saber, que são os mecanismos da nossa mente que limitam o conhecimento do nosso corpo, ao contato com meditação ou medicina da natureza, eu tive momentos em que esse pensar de saber deixou de ter tanta força. E eu comecei a prestar atenção que existia algo mais que eu não sabia. É interessante, quando você repete isso muitas vezes com a consciência, você prova uma planta, você medita, e cada vez que você tem essa experiência de que você não é aquilo que você pensa ser, você começa a acreditar que tem muito mais coisa aí que eu não sei, que bom, eu não sei tudo. Então, dar no contato nessas experiências com essas plantas e com meditação também foi muito mais forte perceber que eu não sei tudo, mas eu posso aprender como observar mais, como aprender mais de mim mesmo e como possivelmente até mudar alguma coisinha ou outra. Mas é muito difícil mudar. O perrengue tem que ser muito grande, o perrengue tem que ser muito forte, a gente muda muito pouco. Na verdade, talvez seja o maior aprendizado que eu tive. Por mais que eu viajei, por mais que eu tentei, por mais que eu meditei, por mais plantas que eu usei, eu não mudei quase nada. Sabe? Eu não mudo quase nada. A gente é muito reacionário, muito conservador. E vai querer mudar o outro. A gente tem que mudar o outro, né? É muito mais fácil falar o que eu tenho que mudar do que dar qualquer passo, micropasso para a gente.

AUDREN: É verdade. Então, deixa eu... Eu acho que da minha parte eu estou bem feliz, bem satisfeita. Muito bonito de te ouvir falar, assim, de como isso, apesar de você falar que “não mudei”, mas de como impacta a tua vida no sentido de que talvez mais a tua experiência impacte quem está em volta de você. Daí eu não sei o quanto você percebe isso ou não. Mas o quanto a tua trajetória é interessante para quem está contigo, assim, sabe? Eu agradeço muito. Eu sou grata pelo teu relato, por você topar falar sobre essas suas percepções, pela tua experiência, um pouquinho, né? Porque é uma trajetória grande de viagem. Mas é importante que você... Para

mim é muito importante você falar da peculiaridade de como você percebe essas suas viagens. E eu queria te agradecer porque realmente é muito importante para a gente que te ouve, que está contigo, que de alguma maneira, no meu caso, eu compartilhei muito pouco tempo, mas que... Admiro muito, sabe? Não só a tua experiência, mas o modo como você vê e narra e compartilha a tua experiência, sabe? É um modo muito peculiar, assim, de compreender a própria experiência, de controlar a própria experiência e de compartilhar a própria experiência, sim. Ainda não encontrei uma pessoa que... Que narre a própria experiência como você faz, assim, desse modo meio analítico, mas... É isso, é muito peculiar, assim. Eu admiro muito e te agradeço.

F.L.C.: Eu também agradeço a oportunidade de relembrar. É bem interessante isso de ficar relembrando as coisas que a gente vive, tem tanta coisa, né? Passo o dia inteiro, estou agora na casa da minha mãe. Dessa casa que eu vim pra cá quando eu tinha uns 14 anos, construindo. Eu estou reformando a casa, estou criando um teto verde. E eu passo as semanas conversando com o azulejo. Ficando, cortando, lixando, colando, adaptando, imaginando esse azulejo do lado do outro. E é legal ouvir de novo o que eu vivi em outros momentos. Se você pensar em alguma pergunta, alguma outra coisa, alguma outra forma. Porque eu acho que seria bem interessante eu conseguir pensar, talvez eu vou pensar nos próximos dias, sobre isso de como que o meu corpo... Como eu percebi o meu corpo e como que eu percebi mudanças em mim em situações de estresse que eu vivi. Mas eu não falei agora, talvez eu pense em alguma coisa. Eu te dou um toque se você pensar em alguma coisa. Se servir mais um momento, uns minutos de entrevista, eu posso...

AUDREN: Tá certo, eu vou querer. Até porque a gente se conheceu numa situação de terapia, então tem algumas coisas assim que eu lembro de você, lembro dessas questões. Você falou, aí tem uma questão que é o Fabiano mesmo falando. Essa relação com a emoção, eu vi você falando, você falando da tua emoção, e como você experimentou uma emoção, “eu encontrei a emoção chamada amor no meio da chapada diamantina”. E eu te conheci lá na terapia falando, “não sei muito bem falar, nem sentir, nem comunicar isso”, é muito importante. Então talvez seja uma lição de casa mesmo. Revisitar essas sensações, emoções mais sensoriais. Às vezes encontrar na memória alguma coisa, de alguma experiência, em viagem ou não também, às vezes pode ter sido... Sei lá, em outro momento. Mas os momentos de viagem são importantes, porque a gente está... Bom, em alguns momentos a gente está sozinho durante muito tempo. E chega aquele momento em que a adrenalina, o corpo, se coloca num estado de consciência alterado. E que ou você cristaliza algo que você já estava ali construindo, ou você tem contato com algo novo que você não sabia. Esses momentos são muito frequentes. Acho que é isso aí.

F.L.C.: Na estrada. Acho que é isso aí. É sobre esse lugar aí de novidade, de que o corpo... A adrenalina do momento.

AUDREN: Mas então tá, meu bem. Eu vou deixar então esse canal de comunicação aberto, se você lembrar de alguma coisa. E se eu lembrar também, te pergunto. Um bom trabalho pra você.